

ANNE DANIELLE SOARES CLINIO DOS SANTOS

MÍDIAS TÁTICAS NO BRASIL:
dinâmicas de informação e comunicação

Dissertação de mestrado
Março de 2011



Anne Danielle Soares Clinio dos Santos

MÍDIAS TÁTICAS NO BRASIL:
dinâmicas de informação e comunicação

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Ciência da
Informação, Convênio Instituto Brasileiro de
Informação em Ciência e Tecnologia e
Universidade Federal do Rio de Janeiro/
Faculdade de Administração e Ciências
Contábeis, como requisito parcial à obtenção do
título de Mestre em Ciência da Informação

Orientadora: Profa. Dra. Sarita Albagli

Rio de Janeiro

2011

F641

Clinio, Anne.

Mídias táticas no Brasil: dinâmicas de
informação e comunicação / Anne Danielle
Soares Clinio dos Santos. – 2011.

111 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Ciência da
Informação)– Universidade Federal do Rio de
Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação
em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro,
2011.

Orientadora: Sarita Albagli

Bibliografia: f 101-106

1. Mídias táticas. 2. Brasil. 3.
Internet. 4. Resistência. I. Título.

CDD 004.738.5

Anne Danielle Soares Clinio dos Santos

**MÍDIAS TÁTICAS NO BRASIL:
dinâmicas de informação e comunicação**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Ciência da
Informação, Convênio Instituto Brasileiro de
Informação em Ciência e Tecnologia e
Universidade Federal do Rio de Janeiro/
Faculdade de Administração e Ciências
Contábeis, como requisito parcial à obtenção do
título de Mestre em Ciência da Informação

Aprovada em:

Banca examinadora:

Prof. Dra. Sarita Albagli (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (IBICT-UFRJ)

Prof. Dr. Giuseppe Cocco
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (IBICT-UFRJ)

Dr. Henrique Antoun
Escola de Comunicação - UFRJ

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos os praticantes e grupos de mídias táticas, cuja atuação se tornou mais do que um objeto de pesquisa, mas uma rica fonte de questionamentos e inspiração pessoal para transformação de modos de pensar e de agir. Meu especial agradecimento a todos aqueles que investiram energia e tempo na documentação de iniciativas e que disponibilizaram informação relevante a partir de licenças livres. Este trabalho não seria possível sem vocês. Espero retribuir tal generosidade, multiplicando este gesto.

Agradeço também à Capes pelo investimento em minha formação educacional através da concessão de uma bolsa de estudos que muito contribuiu para a realização desta pesquisa. À minha orientadora Sarita Albagli por sua constante disponibilidade, competência e generosidade em compartilhar sua experiência e conhecimentos. A todos os professores do curso, especialmente o professor Giuseppe Cocco, que me apresentou novas abordagens para antigas questões, e o professor Geraldo Prado, cuja atuação no campo das bibliotecas comunitárias foi um importante lembrete para colocar os pés no chão, observar a realidade mais próxima, quando a cabeça cisma em voar, influenciada pelo apelo *hype* da tecnologia.

Aos funcionários do IBICT pela colaboração e simpatia ao longo destes dois rapidíssimos anos. Aos meus colegas de turma pelos debates, trocas e risos que tornaram esta jornada mais prazerosa. Aos meus amigos e amigas, pelo apoio. À minha família, por tudo.

RESUMO

CLINIO, Anne. **Mídias táticas no Brasil: dinâmicas de informação e comunicação** Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Convênio Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

O trabalho pretende contribuir para estudos no campo da resistência a partir da análise dos limites e as possibilidades do uso da Internet por grupos dissidentes uma vez que as redes digitais de informação e comunicação estão se tornando elementos centrais na organização da vida social, dos processos produtivos e da acumulação de riqueza. Para tal, apropria-se do conceito de mídias táticas, formulado por Lovink e Garcia (1997), aqui entendida como uma tentativa de nomear novas formas de ação política viabilizadas pela popularização de tecnologias de informação e de comunicação (TICs), para apresentar a apropriação da rede mundial de computadores por grupos de mídias táticas no contexto brasileiro.

O levantamento sobre a apropriação da rede mundial de computadores por grupos brasileiros em mídias táticas apresenta especificidades locais e usos concentrados no campo do ativismo on-line como forma de compartilhamento de informação, mobilização e coordenação de atividades por indivíduos ou grupos com objetivo comum. São detalhadas as ações do Movimento dos Sem Satélite (MSST), blog-paródia Falha de São Paulo, Projeto “assina: do texto ao contexto”, de Cícero Dias da Silva e a ideia de MetaReciclagem

Adota-se a abordagem proposta pelos teóricos do *Operaismo*, em que as transformações advindas da produção biopolítica não estão restritas ao campo econômico, mas proporcionam mudanças estruturais nos terrenos ontológicos e sociais – o que é considerado uma oportunidade para grupos interessados em promover transformação social.

Palavras-chave: mídia tática, Brasil, Internet, resistência

ABSTRACT

CLINIO, Anne. **Tactical media in Brazil: information and communication dynamics.** Dissertation (Master in Information Science) - Faculdade de Administração e Ciências Contábeis in agreement with Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

This paper aims to contribute to studies about resistance, offering an analysis of the limits and possibilities of the use of Internet by dissident groups as the digital information and communication networks are becoming central in social life organization, production processes and accumulation of wealth. The tactical media concept, elaborated by Garcia and Lovink (1997), is understood as an attempt to highlight new forms of political action made possible by the popularization of information and communication technologies (ICTs), in order to introduce an analysis of informational dynamics and communication in the World Wide Web by tactical media groups in Brazil.

The research about Internet use by tactical media groups in Brazil reveals local characteristics and a concentrated use for activism purposes, as a way of sharing information, mobilization and coordination of activities by individuals or groups with a common goal. Four examples of action are detailed: Movimento dos Sem Satélite (Satelliteless Movement MSST), parody blog Falha de São Paulo, “assina: do texto ao contexto”, project by Cícero Dias da Silva and the idea of MetaReciclagem

This work adopts the approach of *Operatism* theories, in which the changes originated by the biopolitical production are not restricted to the economic field, but also transforms ontological and social fields - which are considered an opportunity for groups interested in promoting social transformation.

Keywords tactical media, Brazil, Internet, resistance

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 NOVAS LUTAS NUM NOVO CENÁRIO	15
2.1 Capitalismo Cognitivo e a nova soberania do Império	15
2.2 Novas resistências	20
2.3 Redes para todos os lados	24
2.4 Limites e possibilidades da apropriação da Internet	28
3 MÍDIAS TÁTICAS	36
3.1 Em busca de uma definição?	36
3.2 A tática da mídia tática	40
3.3 Campos de disputa das mídias táticas	43
3.4 Exemplos de táticas	45
3.5 Apropriação da rede por ações consagradas	48
3.5.1 AdBusters	48
3.5.2 ®TMark	50
3.5.3 Yes Men Project	51
3.5.4 Eletronic Disturbance Theater	52
3.5.5 Independent Media Center	53
3.5.6 etoy	54
3.6 Análise da apropriação da rede por ações consagradas	54
4 MÍDIAS TÁTICAS NO BRASIL	59
4.1 Principais eventos e concepções	59
4.1.1 Prov0s	59
4.1.2 Festival Mídia Tática	60
4.1.3 Repercussão do MTB	66
4.1.4 Autolabs	67
4.1.5 Digitofagia	69
4.1.6 Submidialogia	71
4.2 Influências no campo das MTs no Brasil	73
4.3 O <i>do it yourself</i> à brasileira: a gambiarra	75
4.4 Apropriações da Internet por mídias táticas no Brasil	77
4.4.1 Movimento dos Sem Satélite – MSST	78
4.4.2 Falha de São Paulo	80
4.4.3 Projeto "assina: do texto ao contexto"	87
4.4.4 MetaReciclagem	89
4.5 Análise da apropriação da rede por ações no Brasil	94
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
6 REFERÊNCIAS	101

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende contribuir para o debate sobre as formas de resistência na atualidade, a partir de uma reflexão sobre possíveis inovações no campo da ação política, seus objetivos, práticas e formas de expressão, ante as novas dinâmicas informacionais e comunicacionais nos novos ambientes de interação digital. Para tal, apresenta os resultados de uma pesquisa, tanto no campo teórico quanto no empírico, das ações em mídias táticas no contexto brasileiro. Este conceito, elaborado por Lovink e Garcia (1997), é interpretado como uma tentativa de nomear novas formas de ação política viabilizadas pela popularização de tecnologias de informação e de comunicação (TICs).

A Internet, objeto de estudo privilegiado nesta pesquisa, é resultado das ambiguidades do seu contexto de origem, mobilizando valores da contracultura californiana dos 1960, aspectos do universo acadêmico, pesquisas militares e influência do movimento hacker. A inovação da Arpanet, precursora da Internet, foi estabelecer um novo paradigma na comunicação de dados, baseada na comutação por pacotes, que possibilita a comunicação simultânea com mais de um ponto e dispensa a existência de um centro definido ou mesmo uma rota única para as informações, tornando-se uma rede quase indestrutível.

Suas primeiras apropriações centraram seus esforços para utilizá-la como meio para divulgar ideias através da publicação de textos e imagens on-line – é característica da chamada web 1.0¹, em que ferramentas, ainda rudimentares, possibilitaram a criação das primeiras páginas on-line. Ampliar a diversidade de atores e falas presentes na web era então percebido como uma chance para entrar em disputa com o modelo *broadcasting*, baseado na difusão de informações a partir dos meios de comunicação de massa, por um modelo de comunicação em rede - em que muitos falam para muitos.

Apesar da existência de uma série de barreiras econômicas e culturais, que dificultam ou impedem que grandes parcelas da população mundial² tenham acesso à informação através da Internet, é plausível pensá-la como um espaço privilegiado para que os grupos menos favorecidos possam produzir e socializar sua própria informação, desestabilizando, ainda que

¹ Conceitos como web 1.0 e web 2.0 são controversos e os alguns críticos consideram apenas uma nova *buzzword* de mercado. Curiosamente, a denominação web 1.0 surge após a criação do termo web 2.0 por Tim O'Reilly em 2004. O objetivo era destacar uma tendência da Internet tornar-se mais participativa já que os sites da web 1.0 tinham pouca ou nenhuma atualização de conteúdo, não propiciavam interatividade e eram baseados em softwares com código fechado.

² Segundo a Pesquisa Nacional de Domicílios - PNAD publicada em 2003, apenas 12,36% da população brasileira tem computador e 8,31% tem acesso à Internet.

de maneira limitada, a função de *gate-keeper* dos meios de comunicação de massa. Percebe-se que a estratégia de difusão de contra-informação, utilizada desde os primeiros jornais operários, passando pela imprensa alternativa, ganhou novo impulso com a rede. No entanto, vale lembrar que a ampliação exponencial de fontes de informação origina uma maior concorrência pela atenção dos internautas, e de novos obstáculos para que uma mensagem alcance o público-alvo desejado. Assim, do ponto de vista meramente “transmissionista”, a Internet cria possibilidades, mas também novos impasses aos planos de comunicação de grupos com atuação política.

O Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), atuante no México, é considerado pioneiro neste tipo de apropriação da rede, mobilizando um extenso conjunto de simpatizantes e colaboradores em torno da questão da autodeterminação dos povos desde janeiro de 1994 – quando a Primeira Declaração da Selva Lacandona divulgou os propósitos do movimento através da rede mundial de computadores dias após de a notícia da tomada de diversos municípios na região de Chiapas por grupos de indígenas armados ter sido divulgada pelos veículos de comunicação de massa.

Para além das características técnicas mais evidentes das novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) como o acesso descentralizado, interconectividade e simultaneidade, Sassen (2007, p. 48) indica que “a questão da ampliação da escala oriunda destas tecnologias não é simplesmente uma questão de alcançar um número maior de pessoas, mas tem potencial para transformar as estruturas e relações sociais”³. Alterações no padrão de hierarquia e escala indicam que o âmbito local e a esfera global se interpenetram, se modificam mutuamente, tornando a sua distância praticamente nula.

Sassen (2004, 2007) também indica que é preciso privilegiar o aspecto social que permeia tanto as lógicas dos produtores de inovações tecnológicas quanto às lógicas dos usuários, produtores de inovações sociais. Na medida em que estas estruturas resultam da interação entre as capacidades técnicas das tecnologias e dos contextos sociais que originam novas lógicas de uso e significação pelos seus usuários, os domínios sociodigitais (*socio-digital formations*) se tornam espaços de permanente disputa em um mundo hiperconectado globalmente.

Neste contexto de transformação das estruturas sociais, novas abordagens vêm sendo desenvolvidas para dar conta de diversas inovações no campo da ação política, surgidas a partir da crise da representação política e da ampliação exponencial da capacidade de

³ No original: “[...] the scale up of such technologies is not simply a matter of reaching larger numbers of people, but has the potential to transform social structures and relationships” (SASSEN, 2007, p. 48).

produzir, difundir e socializar informação dinamizada pela comunicação interativa nas novas redes digitais. A recente formulação do conceito de mídias táticas por Geert Lovink e David Garcia, divulgada pela lista de discussão Net.time em 1997, é compreendida, neste projeto, como um esforço para abordar de forma teórica e empírica um conjunto de inovações recentes e ainda pouco experimentadas e reconhecidas da chamada *low politics*.

O conceito de mídias táticas refere-se a uma série de formas de ativismo surgidas a partir da década de 1990 com auxílio de tecnologias da informação e da comunicação (TICs) do tipo “faça você mesmo” (*do it yourself*), sendo, todavia, impreciso e frágil, agrupando um amplo espectro de práticas não consensuais entre os seus estudiosos. Apesar da pluralidade de tipos de ação, de modo geral, é possível dizer que estas iniciativas se caracterizam por uma atuação errática, fugidia, do tipo “bater e correr” (*hit and run*). Seus praticantes realizam campanhas pontuais e localizadas, constituindo-se como infiltrações temporárias através, por exemplo, de “furtos e seqüestros” simbólicos.

O adjetivo tático, que qualifica estas ações no campo da ação política, tem origem no arcabouço teórico de Michel de Certeau, historiador que refuta as teses sobre a passividade do homem ordinário, do homem comum, enquanto mero consumidor passivo de imagens e textos ao qual é exposto, e que vislumbra nas iniciativas dos oprimidos uma espécie de anti-disciplina, não atuando em um espaço limitado, mas no tempo, a partir da transformação de momentos oportunos em “ocasiões”, infiltrações temporárias.

A partir desta concepção de tática, identificam-se semelhanças entre as operações realizadas pelo homem ordinário de Certeau e o ameríndio de Viveiros de Castro no sentido de que o consumo, entendido como produção, baseia-se em uma relação constante com a alteridade, promovendo leituras singulares e a criação de novos usos, discursividades e formas de resistência (CERTEAU, 1994; VIVEIROS DE CASTRO, 2002). Acredita-se que estas táticas constituem inovações no campo da ação política e se tornam ainda mais singulares no contexto brasileiro.

Segundo Rosas e Vasconcelos (2006, p. 10), há práticas locais próprias como a pirataria, o modo de atuação dos camelôs, a gambiarra, a “sampleagem” espontânea, o remix, a colaboração e a prática do mutirão, cuja influência do movimento antropófago proposto por Oswald de Andrade é latente e explícito. A partir da recuperação da imagem dos índios brasileiros e canibais que comeram o Bispo Sardinha logo após a chegada dos portugueses ao Brasil, o intelectual propôs, em 1922, a antropofagia como princípio organizador de uma cultura genuinamente brasileira, cuja principal característica seria uma postura ativa frente às influências estrangeiras. Ele descarta uma postura xenófoba, mas ao contrário, propõe uma

atitude positiva na sua incorporação e alteração por um consumo criativo - capaz de subverter relações de forças. As “astúcias” brasileiras, para usar os termos de Certeau, seriam o “devoramento” constante das influências externas através de um canibalismo que seleciona e absorve a alteridade, resignificando-as, abasileirando-as.

A prática de colocar-se em um movimento contínuo de transformação pelo contato com a alteridade encontra rebatimento no conceito de multidão proposto por Hardt e Negri⁴ em sua trilogia *Império* (2001), *Multidão* (2003) e *Commonwealth* (2005). Este conceito político não é limitado por ideias unificadoras, identitárias e transcendentais como povo, nação, classe ou massa. Pelo contrário, “a multidão pode ser definida como o conjunto de singularidades cooperantes que se apresentam como uma rede, uma *network*, um conjunto que define as singularidades em suas relações umas com as outras” (NEGRI, 2005, p 2). Os autores vislumbram que a esfera do comum se constitui pela multidão, cujas dinâmicas cooperativas e em constante movimento, caracterizam o seu poder como constituinte. Ou seja, a resistência não é pura reação negativa através da recusa e da violência, mas uma força positiva e criadora de novas formas de vida, hábitos, imaginação e desejos.

Segundo esta linha de pensamento, baseando-se nas contribuições anteriores de Foucault, Deleuze e outros, a atualidade, caracterizada pela transição de uma sociedade disciplinar para uma sociedade de controle (HARDT, NEGRI, 2001, p. 42), é considerada um momento especialmente promissor para reinvenção da política e a maneira de governar. Os autores identificam a atual centralidade da produção biopolítica tanto na dinâmica do sistema capitalista em sua forma hoje dominante quanto na emergência de novas formas de luta e resistência. Tal produção não se limita ao campo econômico e material, da produção de bens, mas produz ideias, imagens, conhecimentos, comunicação, cooperação, relações afetivas e, principalmente, subjetividades, com implicações diretas no terreno político. Ou seja, a produção biopolítica cria a própria vida social (HARDT; NEGRI, 2005, p. 194).

Assim, habilidades como cooperação e trabalho em rede, que são demandadas ao trabalhador pelo capital, podem ser direcionadas para a ampliação e o aprofundamento da democracia, uma vez que estas capacidades estruturam parâmetros e limites do pensamento e da prática das pessoas. A produção biopolítica é vista como uma oportunidade para a

⁴ Segundo artigo publicado por François Matheron na revista *Multitude*, o *Operaismo* é um movimento teórico e político italiano, mais ativo nas décadas de 1960 e 1970, que se caracteriza por: 1) Um método que trabalha com a premissa marxista de que a luta de classes é o motor da história; 2) Um ponto de vista global; 3) Um movimento político que, a partir premissa marxista de que a classe operária é o motor do desenvolvimento capitalista, vislumbra que ela pode igualmente ser, e é, uma força de ruptura. 4) Um movimento na História, com intervenção direta junto ao movimento operário tradicional ou, mais recentemente, o “trabalhador social” Alguns autores deste movimento são: Antonio Negri, Michael Hardt, Giuseppe Cocco, Mario Tronti, Paolo Virno e Giorgio Agamben. Fonte: <http://multitudes.samizdat.net/Operaismo>.

resistência, pois “as distinções tradicionais entre o econômico, o político, o social e o cultural tornam-se cada vez menos claras” (HARDT; NEGRI, 2005, p. 150) e dá nova relevância ao papel das redes, que se multiplicam por todos os lados.

Uma vez que a questão da resistência vincula-se à produção biopolítica em um mundo globalizado, torna-se relevante refletir sobre o papel das redes, especialmente das digitais, na medida em que elas viabilizam a cooperação, comunicação e colaboração entre pessoas a nível mundial. A partir do conceito de formações sociodigitais, percebe-se que os espaços digitais estão embebidos em lógicas sociais, culturais, subjetivas, econômicas e imaginárias, podendo constituir uma nova dinâmica social ou simplesmente reproduzir condições anteriores. Elas engendram diferentes culturas de uso que produzem, a partir de uma mesma base técnica, resultados tão distintos quanto a concentração de renda em mercados financeiros internacional e a articulação de redes de ativistas globais (SASSEN, 2007, p. 37)

Para os intelectuais do *Operaismo*, a multidão atua a partir de uma racionalidade que mobiliza a prática, o cotidiano, a imaginação e os afetos em torno de um conhecimento em que está inexoravelmente implicada. Assim, colocam-se alguns questionamentos:

1. O que podemos denominar como política ou ação política na atualidade? Que transformações estão ocorrendo nas formas de ação política? Qual o papel das dinâmicas informacionais e comunicacionais viabilizadas pelas TICs e pelos ambientes digitais nesse cenário? Quais são as formas de resistência e inovações políticas nesse contexto?

2. Como as imbricações entre as lógicas sociais e digitais se expressam nas inovações sociais no campo da ação política? Em outros termos, qual é o papel dos ambientes digitais para viabilizar a constituição e configuração dessas novas formas de resistência? Tecnologias viabilizam, facilitam algo que já está no ar?

3. Nesse contexto, quais os limites e possibilidades das mídias táticas enquanto inovação no campo da ação política? Quais são as suas especificidades no contexto brasileiro? Elas facilitam a constituição do comum e da multidão?

Colocadas as questões iniciais, o trabalho aborda as inovações no campo do ativismo político e resistência, ante as novas dinâmicas informacionais e comunicacionais no contexto dos novos ambientes de interação digital, a partir da reflexão sobre as “mídias táticas”, suas formas de expressão, limites e possibilidades, particularmente no contexto brasileiro. Este debate foi construído a partir de uma discussão sobre o papel das redes digitais nas inovações no campo da ação política e análise das dinâmicas informacionais e comunicacionais de grupos de mídias táticas no Brasil como formas de ativismo e resistência.

A dissertação se divide em três capítulos e apresenta algumas considerações finais. No capítulo 1, adota-se a abordagem teórica conceitual do *Operaismo* de modo a caracterizar a contemporaneidade como momento de desenvolvimento de um capitalismo de tipo cognitivo, em que as redes de informação e comunicação tem papel essencial tanto para as estratégias de poder quanto para as ações de resistência. Esta ambientação pretende mostrar a convergência do econômico aos campos do político e cultural e a transformação da natureza dos comportamentos resistentes, que elevaram a cultura e a comunicação a aspectos centrais das lutas. Introduz-se a problemática dos limites e das possibilidades da apropriação da Internet por ações de resistência no sentido de oferecer um panorama analítico.

O capítulo 2 apresenta o conceito, características e práticas das mídias táticas a partir de uma revisão bibliográfica de diversos autores. Detalha-se algumas ações em mídias táticas consideradas consagradas, dando ênfase a apropriação da rede mundial de computadores em seus primeiros estágios de desenvolvimento.

Já o capítulo 3 apresenta um breve panorama das mídias táticas no Brasil, construído através de levantamento de eventos, ações e temáticas problematizadas no contexto nacional. As principais fontes de informação foram os registros de iniciativas localizados através da Internet, especialmente sobre os eventos Prov0s, Festival Mídia Tática Brasil, Digitofagia, Submidialogia e seus desdobramentos. A escolha da pesquisa através das principais conferências se inspira na avaliação de Lovink (2011, p. 279) de que os praticantes de mídia tática raramente criam redes, mas se aglutinam em torno de eventos e incidentes. Ao final desta seção, apresentam-se os resultados da pesquisa sobre o uso da Internet por praticantes de mídias táticas no Brasil, além de descrição mais detalhada de quatro iniciativas que utilizam a rede como campo de luta. Este material foi elaborado a partir de artigos e referências disponibilizadas na rede em sites informativos, blogs, *wikis*, artigos e mensagens em listas de discussão.

A metodologia de pesquisa privilegiou o uso da Internet como fonte de informações no sentido de captar as dinâmicas de informação e comunicação utilizadas por praticantes de mídias táticas em sua espontaneidade e entusiasmo do cotidiano, evitando-se formalismos. Por uma questão operacional, privilegiou-se algumas listas de discussão, especialmente Mídia Tática Brasil, Digitofagia e Submidialogia em detrimento de outras. Blogs, sites e *wikis* considerados relevantes dentro do amplo espectro de grupos e iniciativas que podem ser elencadas como mídias táticas também foram pesquisados. A opção por esta metodologia se baseia nas percepções adquiridas durante as pesquisas preliminares, que indicaram que os participantes tais iniciativas dispõem de pouco tempo livre para atender a pesquisadores e por

vezes não são capazes de atender aos pedidos, não escassos, de informação. Em alguns poucos casos, notou-se inclusive uma certa desconfiança de pessoas desconhecidas ou relacionadas ao universo acadêmico no sentido que esta instituição é vista como parte de uma elite perpetuadora de situações de desigualdade social, presa a ritos formais que a impedem de efetuar uma contribuição maior à sociedade – percepção que não seria revertida em curto espaço de tempo da pesquisa de campo.

2 NOVAS LUTAS EM UM NOVO CENÁRIO

Este capítulo apresenta um breve panorama das recentes transformações no sistema capitalista de modo a assinalar a centralidade da informação e da comunicação em projetos de poder e ações de resistência, a partir da convergência entre os campos econômico, político e cultural. A mudança de contexto transforma a natureza dos comportamentos resistentes, revelando possibilidades e impondo limites à apropriação da Internet para este fim.

2.1 Capitalismo Cognitivo e a nova soberania do Império

Segundo autores que aceitam a tese do Capitalismo Cognitivo, uma relação de troca desejável se manteve relativamente estável até meados da década de 1970 quando as transformações econômicas e sociais, especialmente no campo do trabalho, engendraram uma nova etapa do capitalismo pela intensificação do uso do conhecimento e da tecnologia como forma de aumentar a capacidade de inovação de empresas e valorização de “externalidades” como positivas (COCCO, 2003). As mudanças também viabilizaram a expansão de mercados em nível planetário, em que as relações econômicas e culturais entre nações aumentam na medida em que os processos de circulação, de informação, produtos e pessoas se tornam mais ágeis.

Passa-se então de um capitalismo industrial, cuja estratégia para acumulação do capital organizava o tempo da vida em tempo de trabalho e tempo livre⁵ para um capitalismo pós-industrial, em que esta distinção se dissolve. Se a organização científica do trabalho taylorista segmentou o trabalho de execução e concepção entre trabalhadores e gerentes, o regime atual demanda trabalhadores capazes de mobilizar todos os seus conhecimentos, capacidades comunicativas e afetos. As características fundamentais do trabalho intelectual se tornam hegemônicas, entendidas como tendência, e se transformam em qualidades do trabalho em geral, implicando em uma reorganização de todo o tempo da vida. O trabalhador deve mobilizar toda a sua vida para atender as demandas do capital, estabelecendo uma relação biopolítica (HARDT, NEGRI, 2001).

Desde as sociedades mais antigas, o conhecimento é valorizado como subsídio fundamental para a criação de inovações. No capitalismo industrial, a exploração do

⁵ O tempo de trabalho representa o momento em que o trabalhador vende a sua força de trabalho ao empregador e estabelece tanto uma relação salarial quanto uma jornada de trabalho enquanto o tempo livre é o tempo de descanso, que posteriormente foi povoado pelo entretenimento e pelo consumo de massa.

conhecimento humano, inclusive do trabalhador em trabalho repetitivo na linha de produção, manteve estreita ligação com as pesquisas em ciência e tecnologia de modo a subordinar o trabalho do homem ao ritmo da maquinaria. Já no Capitalismo Cognitivo, o conhecimento passa a ser o principal fator de acumulação de capital, pois os aspectos afetivos, comunicacionais e culturais passam a representar a maior parte do “valor agregado” dos trabalhadores aos produtos – agora transformados em marcas que precisam representar um estilo de vida para seus consumidores. O tempo de produção material da mercadoria passa a ser residual para a definição de seu valor mercantil. Seu valor passa a ser relacional, baseado na produção de uma visão de mundo valorizada pela cultura. Instaura-se definitivamente o poder das marcas (KLEIN, 2002).

Na trilogia *Império*, *Multidão* e *Commonwealth*, Hardt e Negri identificam este tipo de produção como biopolítica e signo que distingue a contemporaneidade como a consolidação das mudanças na passagem do Fordismo para o Pós-Fordismo⁶. Como indica Cocco (2003, p. 7), estas transformações não são apenas “mero redesenho da economia industrial, através de terceirização, gestão da qualidade e implementação de técnicas de gestão dos estoques (*just-in-time* e *lean production*)”, mas representam “o deslocamento da própria função produtiva para as atividades imateriais”.

A inversão do papel da informação e do conhecimento na composição do trabalho é significativa. Se, no capitalismo industrial, o trabalhador era considerado produtivo quando se submetia a uma linha de produção que expropriava o seu saber e a sua criatividade, agora, ele só é produtivo quando mobiliza suas habilidades cognitivas, comunicativas, afetivas em um tipo de trabalho imaterial que exige a troca e a cooperação.

De maneira simplificada, pode-se afirmar que o trabalho imaterial constitui-se como a atividade intelectual do trabalhador, cujas qualificações profissionais, habilidades e conhecimentos adquiridos em diversas instâncias da vida social e que compõem a sua subjetividade, são expropriadas em prol do capital. O processo de subordinação do trabalhador passa da subsunção formal, com o cumprimento de uma jornada de trabalho e

⁶ São elas: 1) A transição do padrão de acumulação capitalista do modelo de reprodução (produzir mais produtos iguais) para o paradigma da inovação (produzir mais produtos diferentes) impulsionou a intensificação do uso do conhecimento e da tecnologia como forma de aumentar a inovação não só em empresas, mas na sociedade como um todo, contrastando com a produção em série das fábricas. As chamadas externalidades passam a ser percebidas como positivas. O capital deve se auto-organizar em forma de informação, conhecimento e comunicação. 2) A expansão dos mercados em nível global demandou a estruturação de redes globais de informação e comunicação, aumentando as interações econômicas e culturais entre nações na medida em que os processos de circulação de informação, produtos e pessoas se tornaram mais ágeis. 3) As novas formas de acumulação capitalista em nível planetário também exigiu novos arranjos no campo da soberania uma vez que a nova ordem econômica se coloca acima da jurisdição do Estado-Nação.

certo nível de produtividade, à subsunção real do trabalho pela subordinação intelectual do trabalho ao capital.

O trabalho imaterial produz produtos imateriais, como a informação, o conhecimento, ideias, imagens, relacionamentos e afetos e deve ser “considerado hegemônico não em termos quantitativos, mas pela tendência de suas qualidades e características a transformar as outras formas de trabalho e mesmo a sociedade como um todo” (HARDT, NEGRI, 2005, p 148). Ele perpassa todos os setores da economia, modificando-os, e também é mobilizado na produção de bens materiais.

A produção material — por exemplo, a produção de automóveis, aparelhos de televisão, roupas e alimentos — cria os meios da vida social. As formas modernas de vida social não seriam possíveis sem esses bens. A produção imaterial, em contrapartida, inclusive a produção de ideias, imagens, conhecimentos, comunicação, cooperação e relações afetivas, tende a criar não os meios da vida social, mas a própria vida social. A produção imaterial é biopolítica. (HARDT; NEGRI, 2004, p. 194)

A biopolítica é um conceito elaborado por Foucault (2008) para analisar transformações na racionalidade moderna, identificando o exercício de um poder efetivo: o de criar subjetividades. Ao traçar um panorama do pensamento em sociedades ocidentais, o filósofo identifica as razões e os mecanismos que transformam temas como a sexualidade, a loucura ou a saúde em problemáticas que vão originar conhecimentos, instituições, legislações e modos de vida. Ou seja, que transformam o indivíduo em objeto de saber e de ação. Sua tese diferencia o poder soberano, baseado em lei e repressão (deixar viver e fazer morrer), do poder biopolítico, que intervém para determinar e maximizar um determinado tipo de vida através de efeitos de verdade (fazer viver e deixar morrer). Suas três linhas são os modos de objetivação que se traduzem em discursos ou campos científicos, os modos de assujeitamento pelos quais a população se submete a um dispositivo de poder e modos de subjetivação (FOUCAULT, 2007, p.12-14).

Na medida em que o trabalho imaterial (produção biopolítica) torna-se hegemônico, a produtividade e a riqueza coincidem com o campo social em que as subjetividades são construídas a partir da interação entre pessoas em redes linguísticas, de comunicação e afetivas.

[...] talvez fosse melhor entender a nova forma hegemônica como ‘trabalho biopolítico’, ou seja, trabalho que cria não apenas bens materiais, mas

também relações e, em última análise, a própria vida social. O adjetivo biopolítico indica, assim, que as distinções tradicionais entre o econômico, o político, o social e o cultural tornam-se cada vez menos claras. (HARDT, NEGRI, 2005, p. 150)

Esta não é apenas uma característica de uma nova forma de acumulação capitalista, mas representa também uma oportunidade para a crítica dos efeitos de verdade construídos pelas estratégias do poder já que a política se expande para todos os aspectos da vida social. O caráter biopolítico da produção imaterial é uma oportunidade para uma resistência criativa, que produza alternativas para a exploração do homem pelo homem (HARDT, NEGRI, 2001, 2003, 2005). As sucessivas transformações no modo de pensar e de ser ao longo da história revelam que a construção dos efeitos de verdade deriva do embate de diversas ideias que, de uma posição periférica, passam a constituir-se como paradigma amplamente aceito. Assim, o embate primordial se dá entre aquilo que se pensa e as outras possibilidades de pensar. Os modos de pensar e de ser estão permanentemente abertos à transformação.

Na medida em que houve uma mudança no padrão de acumulação capitalista a partir da consolidação da transição do Fordismo ao Pós-Fordismo com a hegemonia do trabalho imaterial, é preciso reconhecer outras transformações no campo político, social e cultural.

O acelerado processo de globalização dos mercados resultou na formação de uma nova forma de soberania que, em certa medida, enfraqueceu a soberania dos Estados Nacionais e libertou o capital das barreiras impostas pelas legislações locais, possibilitando sua livre circulação pelo globo. Hardt e Negri (2001) chamam esta nova ordem mundial de Império e ressaltam que ele difere do antigo Imperialismo Europeu na medida em que ele não representa a expansão do poder de um Estado-Nação pela aquisição de novos territórios, mas, ao contrário, representa a mutação de uma soberania antes localizável, em algo fluido que perpassa todo o globo sem que seja possível determinar a sua localização.

O Império é uma ordem que coloca o capitalismo como horizonte único, sem espaço para qualquer tipo de transformação que possa perturbar a sua lógica interna. Ele é constituído por uma estrutura hierárquica, com forma piramidal, constituída por três formas de soberania. No primeiro nível, encontra-se uma monarquia militar, representada pelo poderio militar da única superpotência, os Estados Unidos. Logo abaixo, uma aristocracia composta por corporações multinacionais, cuja função é controlar e animar a produção e as trocas, além de órgãos de intergovernamentais que atuam na manutenção da ordem econômica mundial. A base engloba uma grande variedade de entidades e grupos que representam o interesse popular. Aqui infiltra-se a multidão, conceito que será abordado mais adiante.

Além da expansão das trocas comerciais em nível global, o Império se alimenta das recentes transformações no processo produtivo que colocaram a atividade industrial em segundo plano e deslocaram a criação de riquezas para a mobilização dos aspectos afetivos e comunicativos do trabalho imaterial, compreendida como uma produção biopolítica. Ou seja, a produção da própria vida. Neste sentido, o Império controla tanto os fluxos da economia global quanto a própria experiência humana.

O paradoxo é que, em sua pretensão de criar um único sistema cultural e econômico, o Império precisa governar as pessoas em suas redes de modo a produzir sujeitos apáticos e controlados no campo político, mas ao mesmo tempo atores independentes, livres e proativos no campo econômico, da produção e do consumo. Assim, é preciso dirigir as forças produtivas através de mecanismos biopolíticos que propagam o medo da guerra ou miséria futura. Ou ainda pela regulação da comunicação.

No campo subjetivo, o Império adota o paradigma da defesa para justificar sua atuação, exercendo o controle da vida humana pela gestão da percepção dos indivíduos. Seu discurso de defesa da sociedade frente às ameaças iminentes de alto grau de mortalidade autoriza sua monarquia bélica a agir de modo preventivo, com força e precisão, sobre qualquer atitude ou movimento considerado suspeito. A construção da ideia de risco iminente, suficientemente potente para exterminar a vida sob a superfície do planeta, cria uma virtualidade que justifica ações preventivas de uma “guerra justa”.

No Império, a guerra deixa de ser o último recurso da política e passa a ser seu elemento fundador, cuja função é criar um ambiente propício para a legitimação do controle pela ordem vigente. É preciso criar um efeito de verdade crível de modo a autorizar socialmente a existência de um estado de exceção permanente. A paz não pode ser alcançada, pois só a guerra perpétua justifica a sua atividade policial constante, fundamentada no risco do fim da espécie, da vida e do planeta. O paradigma da defesa é utilizado para confundir a população na medida em que instala medo, desconfiança e um certo grau de paranóia social, autorizando qualquer tipo de ação preventiva. Neste sentido, qualquer equívoco cometido pelo Império terá valido a pena, pois as consequências da sua omissão são apresentadas como catastróficas. Com a autorização prévia da sociedade, a ação do Império só é avaliada *a posteriori*, em nível de resultado.

Quanto à comunicação, as redes de informação e comunicação desempenham dupla função. Elas viabilizam a realização da produção biopolítica dos trabalhadores e a sua dispersão pelo globo, potencializada por *smartphones*, *laptops* e conexão *wi-fi*, mas também instrumentalizam um controle centralizado e à distância do capital sobre a sua mão-de-obra.

“O movimento centrífugo de produção é equilibrado pela tendência centrípeta de comando. (HARDT, NEGRI, 2001, p. 318).

Na medida em que são as forças criativas dos indivíduos que sustentam o Império, a produção biopolítica pode ser deslocada de sua função colaborativa com o capital e ser redirecionada para a constituição de uma política alternativa ao atual cenário dos fluxos globais. Assim, a dimensão imaterial do trabalho coloca o trabalhador como sujeito no processo de produção, retirando o trabalho do campo estritamente econômico e reconfigurando seu papel na produção da sociedade. A mobilização de afetos, a troca de informações e comunicação devem ser então redirecionadas para a constituição de novas formas de pensar e viver.

2.2 Novas resistências

A resistência na Modernidade demanda um acúmulo de forças contra a exploração e que se subjetiva a partir da tomada de consciência. No momento atual, a resistência deve se basear na difusão de comportamentos resistentes e singulares, que se acumulam de forma extensível, pela circulação, pela mobilidade, pelo êxodo, pela deserção, pelo êxodo dos lugares de poder. Não é ocupar o trono do imperador, é fugir. (PALBART, s/d)⁷

A partir do conceito de biopolítica de Foucault⁸, Hardt e Negri apresentam a possibilidade de transformação social por uma multidão de singularidades que atuam colaborativamente em uma nova ordem mundial, opondo-se à apropriação privada dos bens comuns. Se o biopoder investe todos os campos da vida, produzindo as subjetividades que lhe são adequadas, a biopolítica utiliza a potência criativa de uma multidão de singularidades para produzir resistência em um extramuros do controle.

Em “Greve na Fábrica”, Robert Linhart descreve sua experiência como intelectual infiltrado em uma fábrica de carros da Citroën nos anos 1960. A prática, conhecida como “integração na produção”, inseria jovens intelectuais que rejeitavam os privilégios de sua origem burguesa e se dedicavam a uma militância junto a classe operária. Esta atuação se aproxima do conceito de intelectual orgânico de Gramsci, cuja principal função seria iniciar um processo de conscientização de classe que levaria a mobilizações organizadas por um partido. No Fordismo, os comportamentos resistentes são a greve e a sabotagem do

⁷ Depoimento de Peter Palbart no documentário “Compre-me: Eu, vontade de morrer”, parte 2, disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=2ZKVDgdhess&feature=related>> Acesso em 01/05/2010.

⁸ Refere-se as práticas dos Estados modernos de regulação dos sujeitos por meio de técnicas e tecnologias para a subjugação dos corpos e o controle de populações sobre todos os aspectos da vida humana.

funcionamento da linha de produção, apesar dos sistemas de controle e vigilância da fábrica.

Contudo, este comportamento resistente não produz os mesmos efeitos nos dias de hoje. Os problemas relacionados com a produção foram terceirizados para empresas localizadas em países em desenvolvimento, cujas leis trabalhistas são mais frágeis e expõem os trabalhadores a contratos temporários, informalidade, baixos salários e precarização. O deslocamento da produção permitiu o escamoteamento dos problemas intrínsecos à atividade, agora responsabilidade de terceiros. As corporações, livres da produção, concentram seus esforços na atividade de *branding*, que mobiliza aspectos imateriais na elaboração e gestão da percepção de uma marca comercial.

Para tal, a cultura é despojada de seu sentido social, tornando-se ferramenta para a construção de uma marca transcendental, cujos elementos vão ser captados nas dinâmicas sociais dos indivíduos por *cool hunters*, profissionais especializados em identificar tendências em comportamento. As estratégias de *branding* não se restringem à propaganda comercial e incluem patrocínio de atletas ou celebridades e a realização de eventos culturais. Sua meta é criar experiências em que o consumidor vivencie o significado da marca além do momento de compra da mercadoria (KLEIN, 2002). Os cartéis empresariais representam uma ameaça ainda maior à liberdade de expressão e de escolha porque dominam tanto a produção simbólica quanto a distribuição de cultura e entretenimento.

Surtem então ações de resistência contra a atuação das multinacionais, pela exploração de trabalhadores precarizados e sua pretensão de despojar a cultura de seu valor social, transformando-a em um mero instrumento de promoção de marcas. O movimento anticorporação é um exemplo de convergência da cultura e da política, adotando uma forma de ativismo político em que diversos grupos não se aglutinam por processos identitários, mas por afinidade de objetivos em ações potencializadas pelo uso da Internet. Os comportamentos resistentes aqui se expressam em boicotes de marcas, ações de *culture jamming*, notícias e ações para a recuperação do espaço público como a realização de festas de rua e bicicletadas, em oposição à privatização das ruas pelos carros.

A forma organizacional destes movimentos se aproxima da proposta dos intelectuais alinhados ao *Operaismo* italiano (HARDT, NEGRI, COCCO, LAZZARATO) para o conceito político de multidão, que se distingue de ideias unificadoras, identitárias e transcendentais como povo, nação, classe ou massa. Pelo contrário, a multidão é composta por múltiplas singularidades que, sem dirimir suas diferenças, constitui um território comum de luta através de redes globais de colaboração e que promovem infinitas oportunidades de encontros entre alteridades, capazes de descobrir afinidades, e convergir em ações conjuntas. Ela pressupõe

uma política construída a partir do dissenso e que, portanto, não pretende se cristalizar em poder constituído, destruidor da sua potência interna, a riqueza das singularidades. A multidão utiliza o conflito como fonte de renovação permanente do poder constituinte e a construção contínua do projeto comum (HARDT, NEGRI, 2001).

Do ponto de vista prático, a multidão deve promover encontros entre singularidades para a convergência de ações conjuntas em prol da livre circulação de ideias, saberes e pessoas, constituindo um movimento de êxodo da relação dicotômica público-privado e assegurando o florescimento do comum. Opor-se ao projeto capitalista significa mobilizar-se pela constituição da esfera do comum, que engloba tanto recursos naturais quanto elementos elaborados pelos homens a partir das suas relações sociais (linguagem, conhecimento, etc). A sua constituição se dá através da “capacidade de assumir pelas próprias mãos as condições biopolíticas da própria existência, do próprio modo de trabalhar” (NEGRI, 2005, p. 9).

A nova forma de trabalho, sua dimensão imaterial e a informatização são percebidas como possibilidades inovadoras para a resistência uma vez que colocam o trabalhador como sujeito no processo de produção, retirando o trabalho do campo estritamente econômico e reconfigurando seu papel na produção da sociedade. Os meios e as forças de produção da realidade social, bem como as subjetividades que a animam, não precisam estar apenas a serviço de uma nova forma de acumulação capitalista, mas representa também uma oportunidade para a crítica dos efeitos de verdade construídos pelas estratégias do poder, espaço para uma resistência criativa, que possa produzir alternativas para a exploração do homem pelo homem (HARDT, NEGRI, 2001, 2003, 2005). O conhecimento que circula na esfera do comum, com a qual o indivíduo interage e forma a sua subjetividade e capacidades afetivas, comunicacionais e cooperativas, deve ser mobilizado em iniciativas pela emancipação.

Segundo Gohn (2004), a convergência entre o campo político e cultural é uma marca dos chamados Novos Movimentos Sociais face aos problemas gerados pela globalização da economia, cujo eixo de atuação deslocou-se para o campo cultural. A visão funcionalista da cultura como conjunto fixo de valores e normas herdadas do passado é deixada de lado e adota-se uma visão mais ampla, em que ela se torna campo de luta, através da problematização do senso comum e busca de um significado para ações cotidianas.

O questionamento das relações microssociais é o passo inicial para o redesenho da ordem social estabelecida. Segundo Foucault (2006, p. 295) “as pessoas são muito mais livres do que pensam, que elas tomam por verdadeiros, por evidentes, certos temas fabricados em um momento particular da história, e que essa pretensa evidência pode ser criticada e

destruída”. A subversão se inicia na transformação das práticas do cotidiano, como diria Certeau (1994).

Quando os Novos Movimentos Sociais adotam a cultura como suporte para sua ação política, eles afirmam o fracasso de um “fazer político” que se desassociou da vida cotidiana. É no dia a dia, na cultura, que se formam conceitos e práticas que fundamentam o *modus operandi* de uma sociedade. Por isso, “culturalizar” a política é na verdade deslocá-la do eixo da representação política, através de partidos, sindicatos, eleições e Estado, elevando-a a uma estética da existência (Foucault, 2006). A política é a própria vida que se leva.

Os Novos Movimentos Sociais também se caracterizam por sua fluidez e flexibilidade. A questão identitária é criada coletivamente durante o processo de atuação conjunta. Ela não é um pré-requisito para articulação dos indivíduos, tornando os movimentos um sujeito político coletivo mais difuso que atua através de redes de troca de informação e cooperação em ações e campanhas. Seus métodos de ação privilegiam a ação direta e a promoção de novos valores.

A Ação Global dos Povos - AGP⁹ é uma ação que pode ser enquadrada neste novo paradigma e que se tornou um exemplo pujante dos novos tipos de resistência. Iniciado pelo movimento Zapatista em 1998, a AGP é um movimento global que reuniu diversos movimentos em uma série de protestos, ações diretas e desobediência civil em nível mundial contra os “ativos promotores de uma globalização ambiental e socialmente destrutiva” (AGP, 2001) como forma de rejeitar sistemas de dominação, especialmente o capitalismo e os seus tratados de comércio transnacionais que inviabilizam a autonomia dos povos. Suas ações foram organizadas de maneira descentralizada por diversos grupos através de boicotes, sabotagens e os notórios protestos nas ruas que impediram a realização de reuniões de organismos multilaterais como a Organização Mundial do Comércio (OMC), o Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial. No campo propositivo, o movimento organizou o Fórum Social Mundial.

Se Negri e Hardt não prescrevem uma alternativa política concreta, eles vislumbram que “experiências assim, ou série de experiências, promovidas pelo gênio da prática coletiva, certamente serão necessárias hoje para dar o próximo passo concreto e criar um novo corpo social” (HARDT, NEGRI, 2001, p. 226). Os autores assinalam que a resistência na contemporaneidade pode se dar por (HARDT, NEGRI, 2001, p. 428-430):

1) Reapropriação do conhecimento pela multidão.

⁹ O livro “Estamos vencendo! Resistência global no Brasil”, de Pablo Ortellado e André Rioky documenta manifestações altermundialistas no Brasil, com destaque para os protestos na cidade de São Paulo.

- 2) Construção de tecnologias, ferramentas e máquinas adequadas à esfera do comum.
- 3) Criação de espaços e promoção de encontros entre singularidades para a produção de novas formas de ser, estar e viver.
- 4) Luta e intervenção na definição dos sentidos da linguagem e da tecnologia.
- 5) Atuação no nível constituinte, mantendo-se indefinidamente aberto ao novo, à transformação, ao movimento.

As questões acima indicam que “a multidão é auto-organização biopolítica” (HARDT, NEGRI, 2001, p. 434) que deve produzir os meios para que a liberdade e a autonomia sejam possíveis, impedindo o controle, privatização ou expropriação do comum. Assim, compreender “os meios e as forças de produção da realidade social, bem como as subjetividades que a animam” (HARDT; NEGRI, 2001, p. 4) possibilita apreender como a vida também pode ser mobilizada como lugar de produção da liberdade e da autonomia.

A medida em que a Internet se torna cada vez mais onipresente, a multidão se organiza em iniciativas para influenciar tanto a lógica social endogeneizada na tecnologia, como é o caso do Movimento Software Livre, quanto a lógica social de seus usuários, como o movimento Acesso Livre e Copyleft. De maneira complementar, estas iniciativas lutam contra tentativas de controle, monopólio, privatização ou regulação da rede por interesses comerciais e políticos, produzindo novas formas de organização social e de troca de conhecimento.

Para Hardt e Negri, a resistência não deve se opor ao processo de globalização, mas reorganizá-lo para atender estes objetivos. Por isso, é preciso interrogar em que medida as redes digitais de informação e comunicação que contribuíram para a expansão global do mercado, o redesenho dos Estados-Nação e a transição para uma soberania imperial, podem ser apropriadas por ações de resistência.

2.3 Redes para todos os lados

É que a rede tornou-se uma forma comum que tende a definir nossas maneiras de entender o mundo e de agir nele. E, sobretudo, da nossa perspectiva, as redes são a forma de organização das relações cooperativas e comunicativas determinadas pelo paradigma imaterial de produção. A tendência dessa forma comum para se manifestar e exercer sua hegemonia é o que define o período. (HARDT; NEGRI, 2005, p. 191)

A valorização de um suposto potencial transformador como inerente a uma tecnologia

inovadora não é exatamente uma novidade. Ao elaborar a teoria do rádio, Berthold Brecht vislumbrava o seu caráter democratizante já que as características técnicas possibilitavam o público ser receptor e emissor de mensagens. Na perspectiva da superação da sociedade burguesa, o dramaturgo alemão imaginou que todas as casas seriam equipadas com aparelhos transmissores e receptores para a constituição de uma assembleia popular permanente, em que os cidadãos interviriam de forma autônoma nas relações políticas e culturais. Hoje, percebe-se a repetição da mesma perspectiva relacional e interativa identificada na radiodifusão por Brecht no discurso daqueles que acreditam que a Internet é democratizante.

A história da indústria da informação revela que as potencialidades públicas identificadas por Brecht no rádio foram gradativamente cerceadas pela iniciativa privada com a ajuda do Estado e em nome do lucro. Desde os primórdios, os sistemas de transporte de informação estiveram a serviço do capital. A Internet não é uma exceção. Se a proposta revolucionária de Brecht foi aniquilada pela indústria de comunicação, limitando a ideia original a movimentos periféricos de contestação, em que medida se pode vislumbrar um futuro diferente para a grande rede? Parece oportuno analisar o potencial político da Internet de modo a intervir nas perspectivas capitalistas de privatização e comercialização.

Observa-se com grande frequência a propagação de discursos que apontam a Internet como oportunidade e ferramenta para o fortalecimento do processo democrático. Características como arquitetura descentralizada, multiplicação de emissores, instantaneidade na distribuição da informação, interatividade entre usuários e abrangência mundial contribuem para uma percepção de que estas inovações tecnológicas levarão à revitalização de instituições e/ou práticas democráticas, tais como a “ágora informacional” ou a “ágora virtual”.

O debate sobre novas tecnologias e democracia não é novo. Autores como Marcuse e Baudrillard formularam teorias céticas, contrastando com abordagens otimistas como Habermas, Negroponte e Levy. O deslumbramento e a ojeriza em relação às TICs estão impregnados de um determinismo tecnológico que dificulta a reflexão sobre as novas relações que engendram e suas implicações sociais e políticas. É inegável que as TICs oferecem novas possibilidades de participação descentralizada, mas vale lembrar que elas também podem sustentar formas extremas de centralização do poder, como vem sendo habilmente executado pelos grandes conglomerados de mídia e o sistema financeiro internacional, conforme explicitado pelas pesquisas de Sasken (2007).

Segundo Sassen (2004, 2007), as capacidades transformadoras e constitutivas das redes

estão intimamente relacionadas ao caráter social que perpassa tanto as lógicas endogeneizadas pelos seus produtores quanto as culturas mediadoras dos seus usuários. As características técnicas das redes digitais encontram-se imbricadas com as lógicas sociais de seus usuários, constituindo formações sociodigitais (*socio-digital domains*), cujas “estruturas digitalizadas são parcialmente moldadas e providas de significado por condições sociais, políticas, econômicas, ideacionais e muitas vezes visuais, condições estas que existem tipicamente fora da esfera tecnológica ou, pelo menos, transcendem-na como tal” (SASSEN, 2007, p. 40).

As formações sociodigitais exibem propriedades próprias, endógenas, que derivam das capacidades técnicas que propiciam certos tipos de interação. Na medida em que as formações sociais interativas incluem pessoas, eles se caracterizam pela endogeneização da lógica social – definida como uma ampla gama de condições, atores e projetos, incluindo algumas lógicas específicas e utilitaristas assim como racionalidades subjetivas, de ordens institucionais ou de ideias. A lógica social endogeneizada pode reduzir, aumentar ou distorcer as capacidades técnicas.

Em seu estudo sobre a apropriação das redes, Sassen (2004) demonstra como a interação entre a lógica técnica dos produtores e a lógica social dos usuários produz efeitos distintos, possibilitando tanto a construção de novos horizontes quanto a reprodução de condições anteriores. Pesquisando a apropriação por redes de ativistas, a autora conclui que há uma desestabilização do padrão de hierarquia, na medida em que se vem desenvolvendo um tipo particular de política globalmente conectada, que não pressupõe mediação de entidades internacionais típicas do sistema político institucionalizado e multilateral, tal qual a Organização das Nações Unidas.

Além disso, o padrão de escala também foi alterado, uma vez que a atuação de um grupo não passa mais por gradações sucessivas, que vão do local, passando obrigatoriamente por escalas regionais, nacionais e internacionais para alcançar influência e relevância global. Exemplos da interpenetração local e global, para além do já clássico caso do movimento Zapatista no México, são, por exemplo, as interferências no campo econômico e político das mobilizações globais anticorporação e a criação de políticas seletivas de compras no âmbito local de estados e universidades norte-americanas que impediram a aquisição de produtos de empresas com ligações questionáveis com ditaduras na Nigéria, Irã e na Birmânia (KLEIN, 2002).

Nos mercados financeiros, por sua vez, a adoção de softwares viabilizou tecnicamente o fenômeno da globalização, mas foram os instrumentos políticos dos Estados nacionais que

possibilitaram a convergência dos países para o mercado global. A desterritorialização das finanças a nível global, através dos softwares, introduziu uma nova territorialização das operações. Uma vez que as transações se tornam mais velozes, é preciso contar com novos suportes para decisões rápidas. Novos circuitos de informação e comunicação são estruturados, a partir da concentração física de centros financeiros nas “cidades de controle” (SASSEN, 2007).

Ao revés, sua pesquisa sobre redes de ativistas demonstrou que sua atuação local perdeu o seu encerramento no território e ganha escala mundial. Exemplos sugerem que estas tecnologias não apenas ampliam a audiência, mas têm o potencial de transformar estruturas e relações hierárquicas. Um movimento pode ser local e global, sem ser nacional, por exemplo. Além disso, ativistas estão globalmente conectados e desenvolvem um tipo particular de política global que vem de suas localidades e que não pressupõe uma instituição em nível mundial, podendo conectar-se a outros conflitos não globais, sem a necessidade de ação direta.¹⁰ Ou melhor, reconfigurando a ação direta em tempos de hiperconexão. Hardt e Negri (2009, p. 384) celebram esta condição como favorável às lutas na medida em que “se alguém derruba os muros que cercam o local será possível ligá-lo diretamente ao universal”. Assim, categoriais como global e local se interpenetram, se fundem em um só lugar, o mundo.

Pelo exposto, percebe-se a simultaneidade do uso das redes digitais de informação e de comunicação por estruturas econômicas e militares ligadas a projetos de dominação e por ativistas em ações de resistência, demonstrando que poder e resistência coexistem em um espaço comum, conforme assinalava Foucault em sua genealogia do poder. Segundo Revel, a partir do filósofo francês:

a resistência se dá, necessariamente, onde há poder, porque ela é inseparável das relações de poder; assim, tanto a resistência funda as relações de poder, quanto ela é, às vezes, o resultado dessas relações; na medida em que as relações de poder estão em todo o lugar, a resistência é a possibilidade de criar espaços de lutas e de agenciar possibilidades de transformação em toda a parte. (REVEL, 2005, p. 75)

Partindo desta premissa, questiona-se qual é o poder da Internet, a rede das redes. Nota-se que o conceito de rede vem se tornando onipresente nos discursos de iniciativas díspares. No cotidiano, utilizam-se as redes sem fio que viabilizam a conexão em dispositivos móveis

¹⁰ Refere-se a uma forma de ativismo que utiliza métodos imediatos para produzir mudanças ou impedir o prolongamento de situações que afetam a dignidade humana. A ação direta é realizada por greves, boicotes, ocupações, sabotagem e desobediência civil, opondo-se a meios indiretos como a representação política ou decisões no âmbito jurídico. Ela se alicerça no desejo e na participação voluntária dos indivíduos.

para acessar sites de relacionamento (redes sociais) como Orkut, Facebook ou Twitter, cumprindo uma demanda social por um “*networking*” constante. No setor econômico, o conceito de rede aparece como forma de organização de empresas-rede enquanto na perspectiva política fala-se em rede para identificar as ações terroristas da Al-Qaeda, dissidentes anarquistas dos Black Blocks e guerrilheiros Zapatistas. Há redes para todos os lados.

Para Arquilla e Ronfeldt (1996), a organização em rede se fortaleceu como um paradigma da cooperação e do conflito a partir da integração da sociedade pela chamada revolução informacional. Segundo os autores, as novas tecnologias de informação e comunicação¹¹, especialmente a Internet, favoreceram o fortalecimento deste modelo organizacional, proporcionando a conectividade e a largura de banda necessária para que atores sociais autônomos, de diversas orientações e dispersos no globo, coordenem e ajam coletivamente a partir de um fluxo de informações constante e crescente. Este novo contexto viabiliza um novo tipo de ativismo que atualiza a autonomia do modelo de guerrilha ao mesmo tempo em que desloca o poder do Estado para atores não estatais, criando novas formas de governabilidade.

A rede é assim um espaço em disputa, caracterizado pelo embate entre interesses mais libertários, da constituição de uma cultura livre, em que o ato de compartilhar se torna uma prática política, capaz de criar novos tipos de relação social para além da mercantil; a ambição das indústrias de informação, entretenimento, informática e telecomunicações; e os desejos de controle por parte dos governos. Um dos principais embates se refere ao poder que a atualização tecnológica proporcionada pela rede propiciou a antigas práticas de compartilhamento de bens imateriais, agora considerados cada vez mais estratégicos para um Capitalismo Cognitivo. Esta arena mobiliza temas como a neutralidade da rede, o anonimato e a privacidade de seus usuários, direito autoral, propriedade intelectual, entre outros.

2.4 Limites e possibilidades da apropriação da Internet

As tecnologias centradas no computador produziram mudanças qualitativas nas estruturas informacionais e comunicacionais, constituindo novos domínios de interação cujo potencial para redimensionar relações sociais se dá a partir de três características técnicas

¹¹ São citados celulares, fax, e-mail e sistemas de conferência estruturados por cabos de fibra ótica e satélites.

fundamentais: o acesso descentralizado, que possibilita alcançar mais pessoas; a interconectividade, que viabiliza acesso e a interação direta entre pontos; e a simultaneidade (SASSEN, 2007). Do ponto de vista organizacional, a topologia da Internet é de uma rede rizomática, não-hierárquica e não-centralizada, possibilitando não apenas a interconexão entre nós, mas a sobrevivência da rede ainda que parte dela esteja temporariamente indisponível. No entanto, os movimentos das grandes corporações indicam uma tendência à sua comercialização e ao monopólio da rede através de fusões entre fabricantes de hardware e software, empresas de telecomunicações e produtores de informação e entretenimento.

A Internet é uma rede de redes que, através do protocolo TCP/IP, permite a comunicação distribuída entre seus pontos, viabilizando a comunicação de muitos para muitos e aumentando a capacidade de comunicação entre as pessoas. Conforme destaca Amadeu (2010a), a sua estrutura flexível, em forma de rede, não impede que a Internet seja também uma rede de controle, pois opera a partir de protocolos que asseguram a rápida comunicação entre seus nós.

Os protocolos são regras que normatizam a interação entre computadores conectados, localizando-os e estabelecendo padrões para o fluxo de pacotes de dados de um IP a outro. Quando um usuário conectado à Internet solicita uma página a partir de seu navegador, este pedido é encaminhado da sua máquina local ao seu provedor de acesso, que por sua vez o encaminha ao servidor que hospeda a página desejada. No provedor, um *log* de usuário relaciona o IP da máquina ao nome de um cliente, registrando todas as suas solicitações on-line, navegação e cliques. Ao longo da rede, *backbones*, roteadores e servidores solicitados também registram as ações do internauta, deixando “rastros digitais” de sua atividade on-line.

Estes “rastros digitais” compõem um poderoso banco de dados sobre o comportamento de internautas e objeto de desejo de diversas organizações que pretendem utilizá-los como subsídio para a exploração, regulação e controle informático dos indivíduos. Por isso, torna-se uma questão política impedir que o controle técnico, que viabilizou a robustez e eficiência da rede, seja transformado em ferramenta de vigilância ou controle político e cultural dos indivíduos (AMADEU, 2010a). Dois princípios estão na berlinda: a neutralidade da rede e o anonimato na navegação.

O princípio da neutralidade da rede propõe que as camadas de infra-estrutura (rede física, composta pelos cabos, satélites, cabos submarinos), lógica (protocolos) e conteúdo sejam neutras em relação umas às outras. Na prática, ele permite que os dados trafeguem sem qualquer tipo de distinção de origem, destino ou conteúdo, evitando os privilégios de alguns

nós perante os outros. Acabar com a neutralidade da rede significa criar obstáculos em um espaço fluido de comunicação, colocando barreiras financeiras, políticas e culturais à liberdade de comunicação entre as pessoas e exterminado boa parte da efervescência criativa na rede.

Na “Declaração de Independência do Ciberespaço”, John Perry Barlow (1996) caracteriza o espaço cibernético como o “novo lar da mente”, constituído por ideias, trocas e relacionamentos próprios, em que a liberdade de expressão é garantida e não há qualquer tipo de preconceito ou privilégio (por raça, cor, origem, poder econômico ou militar). Para o autor, a Internet deve estar a serviço daqueles que a constituem, tornando a reprodução e distribuição das criações humanas livre, pois no ciberespaço se elabora um novo contrato social, fundado em uma ética baseada na autodeterminação e na liberdade de expressão. No entanto, esta aspiração está sob constante ameaça.

No que tange o princípio do anonimato na rede, Amadeu (2010b, p.30) destaca que abordagens inadequadas e boa dose de exagero sobre crimes na Internet projetam uma sensação de insegurança que tem sido habilmente utilizada para justificar proposições de leis que visam alterar o funcionamento de redes. Em nome da proteção das crianças do ataque de pedófilos on-line, ações de *cyberbullying*, invasão de privacidade, fraudes bancárias ou atividade terroristas, tenta-se justificar o armazenamento de *logs* de usuários de modo que os provedores de acesso possam relacionar o IP de um computador a uma identidade civil. Esta análise corrobora com a ideia de que o Império trabalha sobre as subjetividades dos indivíduos para criar um clima favorável à aceitação de seus instrumentos de controle. Para Amadeu (2010a, p. 81), tenta-se inaugurar uma nova biopolítica para proteger a “saúde comportamental”.

A alteração de ambos os protocolos favorece diversos setores da sociedade em suas ambições pelo poder, ainda não alcançadas plenamente. No setor de telecomunicações, a diferenciação dos pacotes de dados por tipo de arquivo que está sendo transmitido permitiria cobrar tarifas diferenciadas, aumentando os lucros das operadoras. A indústria do *Copyright* e empresas de intermediação (editoras, gravadoras e distribuidoras) localizariam com mais facilidade aqueles que compartilham arquivos digitais sem o pagamento de *royalties*¹² através do protocolo *bitTorrent* em redes *peer to peer*. No campo governamental, permitiria o monitoramento da atividade de indivíduos e ações de censura. Já o mercado sofisticaria as

¹² Na França, a lei Hadopi, aprovada em 2009, pune usuários que infrinjam as leis de Copyright pelo compartilhamento não autorizado de arquivos digitais com a sua desconexão.

estratégias de marketing a partir da criação de perfis de consumidor pelo acesso, mais amplo, a dados sobre o comportamento e interesse de internautas.

Para além da perspectiva da vigilância, influenciada pelos estudos de Foucault, Matteo Pasquinelli (2009) problematiza a dimensão política e social do monopólio da organização do conhecimento pela ferramenta de busca do Google – a qual os indivíduos estão cada dia mais dependentes. O autor destaca a emergência de um modelo econômico parasitário, que captura a espontaneidade da atividade humana na Internet, criando riqueza pela sua capacidade de organizar o dinamismo da produção biopolítica em rede por sistemas de recuperação de informação.

Desde as publicações acadêmicas passando pelas marcas comerciais até o ranking de páginas da Internet, o valor de uma determinada mercadoria ou serviço é criado pela condensação da atenção, que expressa o desejo coletivo, a demanda. A estratégia do Google é apresentar-se como uma plataforma tecnológica que oferece serviços gratuitos aos internautas de modo a capturar suas dinâmicas na rede. Em conjunto, estas dinâmicas compõem uma inteligência coletiva que alimenta sistemas de propaganda on-line (Adwords e AdSense) e abastecem o primeiro sistema global privado de determinação de valor (PASQUINELLI, 2009). Seu método informático para a determinação de valor em nada se parece com a antiga equação tempo necessário à produção e à tangibilidade dos produtos, mas baseia-se no trabalho espontâneo dos internautas na rede, na sua própria vida on-line

Isto se dá através do PageRank, um algoritmo que classifica a importância de uma página na Internet e determina sua posição nos resultados da ferramenta de busca Google a partir de critérios de popularidade e relevância. Seu método de recuperação da informação baseia-se em uma classificação constante dos sites pela inserção de links por internautas. Fazer um link para outra página é interpretada como um julgamento positivo de valor. Assim, a posição (e o valor) de uma página é determinado pela quantidade e qualidade de links que levam até ela. Quando um site bem posicionado faz um link para outro, o último se favorece da reputação do primeiro, elevando sua posição geral na ferramenta de busca. A inspiração desta ferramenta de recuperação de informação é o sistema de citações do universo do mundo acadêmico.

Pasquinelli destaca que o Google é uma “fábrica imaterial” que não produz nenhum conteúdo por ela mesma. Sua “produção” resume-se à captura e definição do valor social de produtos e serviços. Através do Adwords, empresas compram palavras-chave de modo a aparecer nos primeiros lugares dos resultados de sua ferramenta de busca, potencializando o tráfego para os sites e a atenção dos consumidores para seus produtos. Este investimento é

posteriormente redistribuído aos sites mais populares pelo sistema AdSense, que julga o seu valor social ou valor de rede (*network value*). Assim, o PageRank do Google controla tanto tráfego quanto a redistribuição do valor numa economia da Internet.

Além do Google, outros serviços como o Facebook e Twitter também concentram grande parte do tráfego da rede e utilizam informação pessoal dos seus usuários para gerar riqueza. Por isso, tornam-se cada vez mais comuns a contestação do poder destes instrumentos na atualidade. O grupo Free Art and Technology criou um aplicativo “Fuck you Google” que emite um alerta sonoro e visual quando as atividades do internauta está sendo indexada pelo Google. Já desenvolvedores propõem a criação de serviços assemelhados em modelo *open source* de modo a possibilitar a configuração de vários níveis de privacidade. O substituto do Twitter seria o Status.net enquanto o Facebook pode ser trocado por redes sociais com infra-estrutura descentralizada como o Gnu Social ou Diáspora. Contudo, o PageRank do Google permanece como um desafio complexo, sem solução até o momento.

O cenário acima descrito não é nada promissor. As perspectivas se colocam entre a plena realização de um sistema de controle e vigilância nos moldes de um Big Brother global ou na consolidação de novas formas de exploração biopolítica em um “meta-capitalismo” que explora a inteligência coletiva das relações sociais explicitadas na rede. Ou seja, a exploração atinge a plenitude da vida, não se restringindo mais ao campo do trabalho.

Neste sentido, a incensada liberdade de comunicação da rede, proporcionada por seus protocolos técnicos, encontra novos obstáculos ao livre fluxo da informação pela substituição de velhos intermediadores (editoras, gravadoras e distribuidoras) por novos atores. A criação de plataformas eletrônicas associadas a novos modelos de negócio vem viabilizando a captura da riqueza da produção biopolítica, que está dispersa na rede, por sistemas de recuperação de informação que vendem a privacidade pessoal dos usuários para publicidade dirigida. Além disso, estes mecanismos colocam em risco a diversidade cultural pela concentração e regulação do tráfego por mecanismos patrocinados.

Assim, a resistência deve criar novas políticas e práticas que emancipem a produção biopolítica de qualquer tipo de intermediação que retire de seus criadores um valor a ser desfrutado por terceiros. Para Galloway:

Nossas redes são armas. Nossas *webs* são também nossas próprias armadilhas. A interatividade é penosa. A transparência vem com o custo de se fecharem todas as coisas. Essa é a condição do cidadão digital hoje. É nossa tarefa, portanto, não festejar o heroísmo da rede, mas, em vez disso, oferecer uma reconstrução crítica do código, de forma que o próprio aparelho seja reformulado, como instrumento de prática, e não como

instrumento de gestão, como permanece hoje. (GALLOWAY, 2010, p. 99)

A reconstrução crítica dos códigos é uma maneira de não congelar a Internet em seu estado atual, possibilitando que inovações contribuam para um futuro mais democrático e menos desigual. Se a criatividade de Tim Berners-Lee brindou o mundo com a interface gráfica da web e a possibilidade de fazer hiperlinks através do protocolo http, ainda hão de ser criadas muitas outras inovações que transformarão os usos da rede e as relações sociais. Produzir inovação é, neste caso, manter viva a ideia de apropriação social dos novos meios de comunicação.

Esta parece ser a inspiração da criação dos protocolos que permitem trocas *peer to peer*, como o BitTorrent, em que a dependência de um nó central é superada pela adoção de uma nova lógica distributiva. Usuários não ocupam papéis fixos, mas intercambiam funções durante o processo de troca de informações. Ora atuando como servidores, ora como clientes. Se, tecnologicamente, o *peer to peer* diminui o poder dos novos intermediadores, a questão não resolvida é como repartir a riqueza da produção biopolítica. Os ativistas da cultura livre ainda não foram capazes de propor uma solução, mas Negri acredita que a resposta para esta questão é uma renda de existência, totalmente desvinculada da ocupação laboral do indivíduo, e que o remunere pelo simples fato de participar da produção biopolítica.

Para Arquilla e Ronfeldt (1996), os modos emergentes de cooperação e conflito em rede iniciam também uma guerra de informação (*infowar*), cujo principal artifício é utilizar a informação de modo a obter vantagem frente ao adversário. Em sua versão de baixa intensidade, calcada no social e no cultural, a guerra de informação estabelece uma guerra em rede (*netwar*), travada de modo assimétrico por diversos atores com uso intensivo das TICs.

O termo *netwar* faz referência a um modo emergente de conflito (e crime) na sociedade, que se caracteriza pela ausência de confronto militar e pela utilização por parte de seus protagonistas de formas de organização em rede e suas respectivas doutrinas, estratégias e tecnologias, em sintonia com a Era da Informação. Estes protagonistas tendem a se constituir como organizações dispersas, pequenos grupos e indivíduos que se comunicam, coordenam e conduzem campanhas pela Internet, geralmente atuando sem um comando central preciso (ARQUILLA, RONFELDT, 1996, p. 6).¹³

¹³ No original: “the term netwar refers to an emerging mode of conflict (and crime) at societal levels, short of traditional military warfare, in which the protagonists use network forms of organization and related doctrines, strategies, and technologies attuned to the information age. These protagonists are likely to consist of dispersed organizations, small groups, and individuals who communicate, coordinate, and conduct their campaigns in an internetted manner, often without a precise central command.(ARQUILLA, RONFELDT, 1996, p. 6)

Entre as diversas tecnologias de informação e comunicação, destaca-se a apropriação social da Internet já que ela vem contribuindo para a redução do isolamento dos atores em seu território, alterando a natureza da cooperação e do conflito, que passa da coerção do “*hard power*” do poderio militar e econômico para um “*soft power*” que atua na percepção e influencia indiretamente o comportamento dos indivíduos por meios culturais ou ideológicos (ARQUILLA, RONFELDT, 1996, p.2). Em um mundo em fluxo, globalizado, em que as fronteiras nacionais tornam-se porosas frente à circulação de pessoas, ideias e mercadorias, o conflito passa a ser travado no campo das percepções. Ou seja, das subjetividades.

A capacidade de informar e comunicar se torna essencial tanto para projetos de poder como para ações de resistência. Segundo Arquilla e Ronfeldt (1996, p. 11) trata-se de utilizar a Internet para coordenar atividades, recrutar participantes, projetar uma identidade, veicular mensagens e absorver informações sobre os oponentes. Promover “agressões computadorizadas”, que não se traduzem em consequências no “mundo real”, são consideradas pelos autores atitudes exibicionistas e usos inócuos da rede.

Em uma guerra em rede, o aspecto tecnológico deve ser interpretado como um facilitador das ações que não suplanta os aspectos doutrinários e a dinâmica de grupos organizados em rede, pois “antigas” tecnologias de informação e comunicação foram utilizadas de maneira eficaz no passado ainda que sua abrangência e efeito tenham sido menores (ARQUILLA, RONFELDT, 1996). É importante destacar que, além de uma infraestrutura tecnológica que viabilize a disseminação de informação e a comunicação frequente, os grupos organizados em rede devem compartilhar valores, princípios, interesses e objetivos comuns de modo a criar um campo coerente de ideias e práticas. O dinamismo do grupo também se mostra essencial para o sucesso de ações.

Equilibrados os três aspectos, as organizações em rede vêm se mostrando arranjos mais interessantes do que formas hierárquicas e verticais, pois a sua descentralização lhe dá maior resiliência e robustez frente aos ataques de adversários. Seu formato dificulta a sua localização, ataque e derrota, ainda que alguns integrantes possam ser identificados. Configurações como estrutura descentralizada, sem a figura do grande líder, processos decisórios horizontais e formação de pequenos grupos autônomos e dispersos são fundamentais para a execução de ataques de *swarm* (enxameação), em que os nós da rede convergem sua força de maneira coordenada para atacar, de várias direções, um mesmo alvo. Segundo Arquilla e Rondfeldt (1996, p.3), o *swarm* tende a se estabelecer como tática de guerras em rede – o que destaca a centralidade da comunicação em processos de cooperação e conflito.

O Movimento Zapatista foi pioneiro no uso de técnicas de *swarm* pela rápida compreensão de que a sua batalha contra o governo mexicano não deveria ser travada pelo enfrentamento direto em armas, mas em uma guerra de informação. A princípio, a capacidade distributiva da Internet foi utilizada por uma rede de voluntários, ativistas e ONGs que apoiavam a causa da autonomia dos povos indígenas para produzir, traduzir e veicular contra-informação sobre esta ação local, que rapidamente se transformou em um tema global. Posteriormente, o Eletronic Disturbance Theater criou um uso mais sofisticado a partir de técnicas de *swarm*, viabilizando participação de pessoas em um *sit-in* virtual que bloqueou o acesso a sites do governo mexicano.

Este caso exemplifica a necessidade de um equilíbrio entre os aspectos tecnológicos, doutrinários e dinâmicos de uma organização em rede, pois, a despeito da falta de computadores e conexão em Chiapas, os indígenas mexicanos foram capazes de construir, no campo das ideias, uma rede coesa de participantes que, mobilizados por um objetivo comum, ultrapassaram as limitações tecnológicas iniciais e executaram ações de *swarm*.

No próximo capítulo, discute-se um olhar específico do uso da Internet como forma de luta e resistência, em torno do conceito de mídias táticas.

3 MÍDIAS TÁTICAS

3.1 Em busca de uma definição?

Mídias táticas são o que acontece quando mídias baratas tipo 'faça você mesmo', tornadas possíveis pela revolução na eletrônica de consumo e formas expandidas de distribuição (do cabo de acesso público à internet), são utilizadas por grupos e indivíduos que se sentem oprimidos ou excluídos da cultura dominante. A mídia tática não apenas noticia eventos, porque elas nunca são imparciais, elas sempre participam e é isto que mais do que qualquer outra coisa as separa da mídia *mainstream*. (GARCIA; LOVINK, 1997)

A definição acima figura como a primeira conceituação formal sobre as mídias táticas, elaborada pelos teóricos Geert Lovink e David Garcia, e publicada no texto introdutório ao termo, chamado “O ABC da Mídia Tática”, distribuído na lista de discussão Net.time no ano de 1997. O conceito é fruto das discussões da primeira edição do Next Five Minutes (N5M), um festival sobre arte, política, ativismo e mídia, realizado em Amsterdã no ano de 1993¹⁴. O evento reuniu artistas e ativistas dos Estados Unidos e da Europa (ocidental e oriental), incluindo artistas dissidentes e ativistas Samizdat¹⁵ da ex-URSS que, a despeito de suas diferenças ideológicas, estavam interessados em explorar as possibilidades dos aparelhos eletrônicos domésticos como meio para organização e mobilização social – o que veio a gerar práticas e estéticas próprias da mídia tática (LOVINK, GARCIA, 1999).

Sobre o conceito, a seção de “Perguntas Frequentes” da segunda edição do N5M, realizada em 1996, informa:

O termo “mídia tática” se refere a uma utilização crítica e teorização das práticas de mídia que recorrem a todas às formas de mídias, antigas e novas, ambas lúcidas e sofisticadas, para a realização de diversos objetivos não-comerciais, impulsionando todo os tipos de questões políticas potencialmente subversivas. (N5M, 1996)¹⁶

¹⁴ A primeira edição do N5M foi realizada em 1993 e seus registros são escassos ou de difícil acesso. O caráter político do festival dedicava-se então às potencialidades de outros meios de comunicação, especialmente a televisão. Foram realizadas mais três edições do evento, nos anos de 1996, 1999 e 2003, mas Lovink destaca que o N5M nunca primou pela estabilidade, no que tange a sua organização, periodicidade ou até mesmo meio de divulgação (sites). Desde suas origens, o festival constituiu-se como uma mobilização temporária de indivíduos e instituições para realizar uma ação pontual e efêmera (LOVINK, 2011)

¹⁵ Atividade promovida por dissidentes do bloco soviético em que indivíduos copiavam à mão publicações censuradas pelo governo, fazendo sua distribuição de mão em mão.

¹⁶ No original: “The term 'tactical media' refers to a critical usage and theorization of media practices that draw on all forms of old and new, both lucid and sophisticated media for achieving a variety of specific non-

Para sua melhor compreensão, o site da segunda edição do festival N5M apresenta alguns exemplos práticos de utilizações consideradas críticas. Estas englobam a atuação de ativistas dos movimentos altermundialistas, equivocadamente chamados de antiglobalização; a ação de ativistas que veiculam programas de rádio a partir de transmissores de baixa potência ou daqueles que elaboram vídeos com câmeras de vídeo digital e distribuem sua produção pela Internet. Outras práticas indicadas são o trabalho de programadores que desenvolvem software livre e de código aberto, a atuação de artistas em arte midiática e pesquisas sobre a política e a economia das tecnologias da informação. Destacam-se ainda as tecnologias sem fio que viabilizam acesso barato à Internet de banda larga para comunidades.

Como explicitado por sua primeira definição, a mídia tática não tem pretensão de noticiar eventos e de manter-se imparcial frente aos fatos da atualidade, tal qual é propalado pelo jornalismo tradicional. É uma prática que se assume, desde sempre, como parte interessada e atuante no processo. Ela não se separa dos fatos, mas participa de sua construção. Por isso, as atuações em mídias táticas tendem a se vincular a movimentos sociais.

Lovink e Garcia (1997) enfatizam que há diferenças no nível de vinculação com movimentos sociais. Enquanto os praticantes de mídias táticas nos Estados Unidos e na Europa Ocidental realizam um número expressivo de campanhas de mídia desvinculadas de um movimento social mais amplo, os ativistas e artistas oriundos da Europa Central e Oriental integram os próprios movimentos sociais. Os autores destacam que as diferenças ideológicas e de vínculo com movimentos sociais não impedem que os praticantes de mídias táticas compartilhem uma agenda comum, construída pela identificação de um inimigo comum, ao qual serão aplicadas ações conjuntas através de uma mobilização por alianças relativamente frouxas e temporárias.

O chamado movimento antiglobalização, que promoveu mobilizações massivas nas ruas de Seattle (1999) e Gênova (2001) contra uma globalização perversa, a exploração do trabalho e o neoliberalismo é fruto de uma articulação dos movimentos sociais e praticantes de mídias táticas pela “recusa em deixar o processo de globalização a cargo de bancos e multinacionais, combatendo o capital global com campanhas também globais”. A mídia tática é caracterizada por Lovink e Garcia (1997) como “um antídoto útil para aquilo que Peter

Lamborn Wilson descreveu como 'o inoponível domínio do dinheiro sobre os seres humanos'".

O caráter inovador da mídia tática é que a mobilização não se organiza por processos identitários cuja função é uniformizar e identificar aqueles que são considerados integrantes de um movimento, prescrevendo seu comportamento e modo de pensar. Nas palavras dos autores, “nossa meta é manter nossa mobilidade, nossa velocidade, para evitar a paralisia inferida pelos questionamentos essencialistas sobre tudo, no qual todo mundo é objeto de suspeita e nada é possível de ir além” (LOVINK, GARCIA, 1997).

Neste sentido, a mídia tática é vista como “uma ferramenta para criar uma 'zona de consenso temporário’” ou uma “zona livre de dialética”, em que alianças inesperadas são forjadas, mantendo-se sempre o direito de desconectar-se quando oportuno (LOVINK, GARCIA, 1999). Segundo os autores, os vínculos temporários engendram uma mobilidade e hibridização que não representam uma ideologia, meta ou escolha, mas um reflexo da realidade e da necessidade de se recuperar a imaginação, desvencilhando-se de práticas de resistência esvaziadas ou que já não fazem mais sentido.

As mídias táticas se baseiam em um princípio de resposta flexível, de trabalho com diferentes coligações, sendo capaz de se mover entre as diferentes entidades na vasta paisagem midiática sem trair suas motivações originais [...] Mas é, acima de tudo, mobilidade o que mais caracteriza o militante tático. O desejo e a capacidade de combinar ou pular de uma mídia para outra, criando um contínuo suprimento de mutantes e híbridos. Para atravessar as fronteiras, ligando e religando uma variedade de disciplinas e sempre aproveitando ao máximo os espaços livres na mídia, que estão continuamente aparecendo devido ao ritmo das mudanças tecnológicas e as incertezas regulatórias. (LOVINK, GARCIA, 1997)

Braman (2002) parece discordar da visão Lovink e Garcia, afirmando que as práticas nomeadas como mídia tática agrupam quatro tipos de mídias alternativas do século XXI. Através de um panorama histórico, a autora afirma que inovações tecnológicas sempre interagem com o campo ideológico, produzindo novas formas de comunicação, cujo objetivo seria “promover mudança política”. No entanto, sua análise enfatiza mais o uso dos meios de comunicação para fins políticos como ponto em comum entre os dois conceitos do que a relevância destas práticas em um novo contexto mundial. O fato de que as redes de comunicação se tornam ubíquas, viabilizando novas formas de organização e mobilização é um fato fundamental para compreender os limites e as possibilidades do conceito de mídias táticas. Assim como a tendência de mudança no padrão de acumulação capitalista para o trabalho imaterial, que mobiliza informação e conhecimento.

Ainda sobre a mídia alternativa, Richardson (2002) critica a sua inclusão na definição de Lovink e Garcia como uma mídia tática – este é o caso do Centro de Mídia Independente –, afirmando que, em contraste com a grande mídia, as intervenções táticas não ocupam um lugar estável das ideologias, mas oferecem revelações temporárias. A difusão de novas abordagens para os fatos e versões através da chamada mídia alternativa, em oposição à grande imprensa, não se constitui como novidade no campo da ação política ainda que sua capacidade de influenciar possa ter sido potencializada pelas TICs. Em alguma medida, a imprensa alternativa e a grande mídia são dois lados de uma mesma moeda, de práticas comunicativas comprometidas com visões ideológicas, cujo projeto é fazer valer sua visão única de mundo. Assim, ambos se constituiriam como peças de propaganda.

Mesmo em um projeto como a Indymedia também estão presentes pretensões de mídia de massa para ser uma forma verdadeira, autêntica, democrática da representação, que se opõe ao escudo mídia com falsas contra-indicações feitas a partir de um contraponto de vista - uma perspectiva que não é questionado porque é assumida como natural [...] Muitas vezes os alternativos são peças de propaganda, mas como propaganda nunca examinou a sua própria posição, tornando-se estratégica e dogmática como principais meios de comunicação, foi apenas o conteúdo da sua mensagem que diferiam. (RICHARDSON, 2002)

Para a autora, o rótulo mídia tática se tornou *cool* e vem sendo associado a adjetivos como “bom, progressivo, alternativo” (RICHARDSON, 2002). Ela alerta que a ampliação da sua definição pode causar seu esvaziamento, tornando-a sem sentido. O Critical Art Ensemble (CAE), um coletivo norte-americano criado em 1987 por cinco indivíduos que exploram a interseção entre arte, teoria crítica, tecnologia e ativismo político, é todavia mais crítico, afirmando que a própria nomeação do conceito contribui para o seu esvaziamento na medida em que cria uma historicidade para a tendência das ações de resistência convergirem nos campos políticos e culturais. Em geral, atribui-se a sua origem ao fenômeno do renascimento do midiativismo no final dos anos 1980 e início da década de 1990, influenciado pelo contexto político da queda do Muro de Berlim (e a perspectiva do capitalismo como horizonte único), e o crescimento da produção midiática viabilizada por equipamentos baratos e de fácil utilização (LOVINK, 2011, p. 277)

O CAE (s/d) alerta que propor um conceito sempre estabelece padrões, congelando aquilo que a mídia tática tem de mais interessante, a sua inventividade, fluidez e mobilidade. Para o grupo norte-americano, a mídia tática se tornou um “*catch-all*” que agrega diversas práticas, algumas vezes contraditórias.

Chegar a uma definição estável do conceito¹⁷ não parece ser uma preocupação para Lovink (2010). O autor afirma que mais importante do que obter um consenso é destacar que o termo vem sendo adotado por inúmeros grupos e indivíduos em todo o mundo.

O que reúne estas iniciativas táticas é seu design cuidadosamente trabalhado, o sentido estético, que vai além da questão de gosto. Não é nem bonita nem feia, boa nem má, a mídia tática simplesmente aparece, impacta e torna a desaparecer. No lugar do antigo padrão de negação e recusa, a mídia tática envolve criadores e usuários, produtores e espectadores, em um jogo de aparições e desaparecimentos. (LOVINK, 2010, p. 3)

Bordowitz (2002) corrobora com esta percepção, deixando as fronteiras do conceito abertas à apropriação. Ele afirma poeticamente:

A mídia tática é o que é quando ela precisa ser [...] A mídia tática não é nem esquerda, nem direita. É uma abordagem em constante evolução, motivada pelas necessidades e interesses específicos de seus criadores [...]. A mídia tática é um ethos. [...] A mídia tática é uma afirmação, o direito de reunião, que defende a liberdade de reunião e prospera em associações promíscuas. A mídia tática não é a articulação de seu criador. Mídia tática é um lugar na linguagem a partir da qual falamos. Como tal, é sempre objeto de apropriação. (BORDOWITZ, 2002)

3.2 A tática da mídia tática

O adjetivo tático que qualifica as práticas das mídias táticas tem origem no arcabouço teórico de Michel de Certeau (1994), conforme explicitado por Lovink e Garcia (1997). Certeau parte de teorias militares para afirmar que, do ponto de vista da organização de um conflito, a estratégia se caracteriza pelo planejamento de uma ação pelo confronto direto com um rival, enquanto a tática combina ações e recursos de modo a minar a força e os efeitos das ações de seus opositores. Certeau diferencia o modelo estratégico como base da construção da nacionalidade política, econômica ou científica, enquanto a tática se constitui como uma espécie de anti-disciplina a partir da transformação de momentos oportunos em “ocasiões”, em infiltrações temporárias.

A qualidade tática das mídias táticas é problematizada por diversos autores. Wark (s/d) estranha a importância creditada a apenas um dos possíveis níveis de ação, o tático, em

¹⁷ Cerca de 15 contribuições de 11 autores sobre o conceito de mídia tática podem ser encontradas no site “Tactical media, the virtual case Project at NYU” - o que revela que este novo conceito é todavia impreciso em sua formulação.

detrimento da estratégia e da logística, que, ao seu ver, deveriam ser usadas de formas complementares, especialmente em um cenário em que as relações de poder se efetivam pelo controle da logística.

Wark (s/d) diferencia três níveis de ação, sendo a tática caracterizada por ser local e contingente, a estratégia por seu planejamento e coordenação, enquanto a logística se refere a uma organização de forças sistemáticas e duradouras em escala global. Citando contribuições anteriores de Paul Virilio e Friedrich Kittler, o autor percebe a sociedade como um “complexo de entretenimento militar, em que a logística é aplicável à travessia do céu por bombas e por dados”, afirmando que “o planeta inteiro é organizado com base em uma ordem logística de produção e comunicação”. O poder se transforma em força pela sua capacidade de organizar o movimento, o fluxo de pessoas, objetos e ideias.

Se esta análise é verdadeira, Wark (s/d) afirma que supervalorizar o aspecto tático de ações diretas parece equivocado do ponto de vista da gestão do conflito no contexto atual. É irreal do ponto de vista pragmático, pois, em sua opinião, a mídia tática vem se tornando estratégica na medida em que instituições investem na formação de redes coordenadas ou as confundem com programas de mídia experimental.

A complementaridade entre os níveis de ação também é enfatizada por outros autores além de Wark. A falsa dicotomia entre os níveis tático e estratégico é apontada por Lara (2008, p. 53), para quem “o dilema se inaugura desde a concepção do conceito, pois os meios táticos se veem forçados a integrar seus modos de ação com estratégias políticas maiores”. Para o CAE (s/d), a relação entre o tático e o estratégico não é exatamente a sua integração forçada, mas o entendimento de que a mídia tática é uma espécie de setor de pesquisa e desenvolvimento para inovações no campo cultural e político – e que serão adotadas, em âmbito estratégico, pelos movimentos sociais.

Quando os praticantes de mídias táticas atendem demandas circunstanciais de movimentos sociais, inventando materiais, técnicas, ferramentas e modos de organização, eles elaboram inovações no campo micropolítico e influenciam o macropolítico. Ações micropolíticas são um pré-teste para à sua futura implantação em larga escala pelos estrategistas dos movimentos sociais. Um exemplo desta interação entre a tática e a estratégia é a adoção de métodos, materiais e ferramentas criadas por praticantes de mídias táticas pelo movimento altermundialista que promoveu os dias de Ação Global dos Povos.

Retomando a discussão sobre o conceito de mídia tática, o aspecto positivo da abordagem tática das mídias táticas é reconhecido tanto por Wark quanto por Lara na sua capacidade de renovar o campo da ação política. Enquanto Lara (2008, p. 53) afirma que “o

conhecimento da dicotomia tática / estratégia nos ajudou a nomear uma classe de produtores que parecem singularmente conscientes do valor destas inversões temporárias no fluxo de poder”, Wark (s/d) destaca que “a coisa mais tática sobre mídia tática é a tática retórica de chamá-la tática” no sentido de que ela conseguiu ultrapassar um certo bloqueio no campo político promovido por questões de representação identitárias e essencialistas, típicas dos movimentos de resistência dos anos 1960 e 70.

Se, por um lado, a retórica da mídia tática mostra-se produtiva no sentido de desobstruir as práticas políticas engessadas e sem sentido, Wark indica que a questão pendente é pensar a ação política em uma sociedade em que as relações de poder são determinadas pelo controle da logística de informação e comunicação. Esta pergunta é o que motiva o presente trabalho sobre os limites e possibilidades da Internet como campo de ações de resistência na medida em que ela é um dos espaços em que a gestão da logística se realiza.

Retomando as contribuições de Certeau, a tática não se refere apenas à gestão do conflito, mas afirma a liberdade do “receptor” de mensagens midiáticas e caracteriza os procedimentos cotidianos que driblam mecanismos da disciplina por alteração do sentido original de mensagens. A tática é um dos elementos da sua teoria sobre a inventividade presente no cotidiano, elaborada para refutar teses sobre a passividade do homem ordinário, do homem comum, enquanto mero consumidor passivo de imagens e textos ao qual é exposto. Ela é a “engenhosidade do fraco” (Certeau, 1980) no sentido de que, sendo o elo mais frágil de uma relação de poder, não possui um lugar próprio, mas se espreita em um território alheio, aproveitando-se de ocasiões em que falhas se tornam oportunidades para mover-se, atacar e tornar-se invisível novamente.

Certeau contesta o título de consumidor e afirma que este é um rótulo que oculta a condição de opressão. O consumidor é, para ele, um produtor, realizador de uma “fabricação outra, que se chama de consumo apenas porque não tem um produto claro” e vislumbra que em “uma sociedade que ‘canceriza a visão’ e ‘hipertrofia o olhar’, “o binômio produção-consumo poderia ser trocado por leitura-escritura”, no qual “a leitura é uma arte sem passividade”, uma atividade de produção silenciosa de “astúcias” e “bricolagens” (CERTEAU, 1980, p. 39, 47 e 50).

Curiosamente, um exemplo tático para Certeau é a atuação dos indígenas que pareciam submissos sob o jugo da colonização espanhola, mas que subverteram rituais, representações sociais e as leis de seus conquistadores não pela rejeição, mas pela sua alteração a partir de seu consumo enquanto produção. A sua astúcia foi utilizá-los para fins e referências estranhas ao sistema colonial imposto. Essa abordagem remete diretamente ao trabalho de Viveiros de

Castro (2002) em seu estudo da antropologia imanentista das sociedades ameríndias e as contribuições de Oswald de Andrade e sua antropofagia cultural, este último vem sendo adotado por grupos brasileiros de mídias táticas.

3.3 Campos de disputa das mídias táticas

A exploração de aparelhos eletrônicos domésticos como meio de organização e mobilização social criou práticas e estéticas. Segundo Stalder (2009), os primeiros grupos em mídia tática têm origem no campo artístico e são críticos sobre a função da arte na contemporaneidade. Eles se contrapõem a uma visão sacra da arte e pretendem reintroduzi-la nos planos do cotidiano e do coletivo. Sua tendência é valorizar a criatividade do amador em detrimento do culto ao profissional especialista.

A fase de 1993 a 1999 é considerada por Lovink (2010, p.1-2) a “era de ouro” da mídia tática, pois o acesso a equipamentos baratos e fáceis de usar “fomentou um novo sentido de autonomia entre ativistas, programadores, teóricos, curadores e artistas”, impulsionando a experimentação de formas alternativas de narrativa e produzindo um “sentimento de que as atividades com motivação política não faziam mais parte de um círculo fechado e identitário. O período se caracteriza pela realização de campanhas pontuais e localizadas por meio de intervenções temporárias, como ações de furtos e sequestros simbólicos, truques e brincadeiras com as representações sociais.

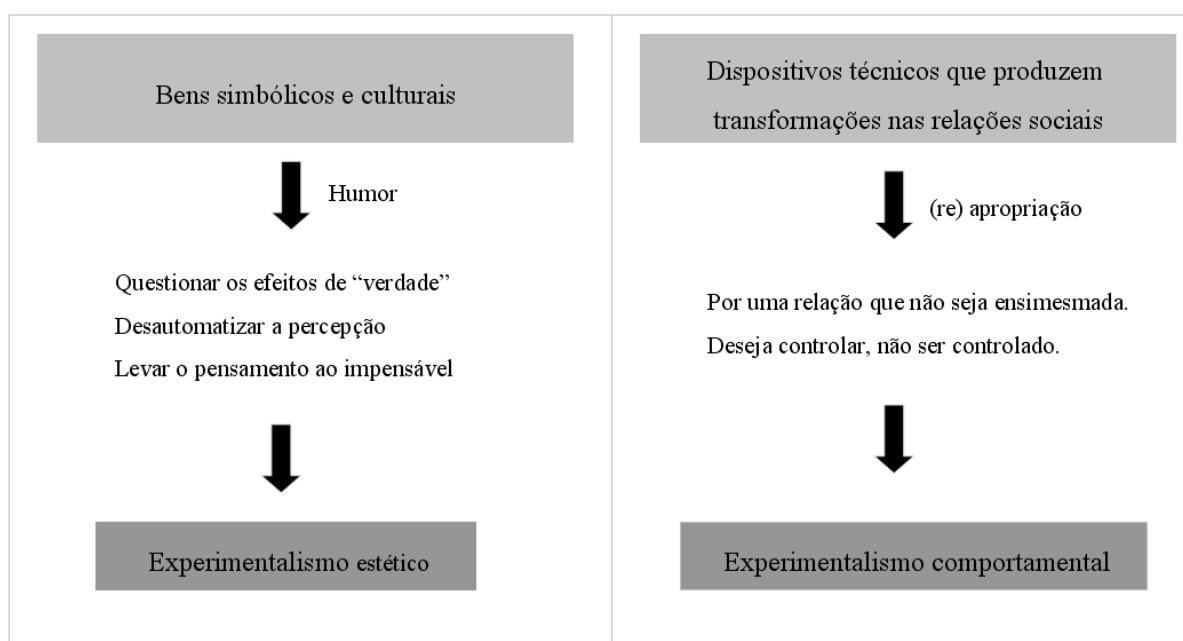
Operam no campo simbólico através da desconstrução de imagens já estabelecidas, especialmente anúncios e marcas de corporações multinacionais, de modo a revelar a não coincidência entre aquilo que é dito como argumento persuasivo e aquilo que representa como valor ou consumo. Sua efemeridade explicita que as mídias táticas não têm pretensão de se constituir como representação, pelo contrário, questionam qualquer tipo de autoridade de maneira lúdica e irônica, produzindo tensões através de dispositivos artísticos. Aqui, o artista é compreendido como “pensador, um criador de estratégias que vão reverberar.” em contraposição à noção de “gênio individual” (ROSAS, s/d).

Além de disputar o campo simbólico, os grupos de mídias táticas também atuam sobre os dispositivos técnicos que produzem transformações nas relações sociais, na forma de subjetividade e linguagem. Ou seja nas mediações técnicas dos meios de comunicação. Como sublinha Lara (2008, p 52), “este é um tipo de ativismo político que, através de meios técnicos, pretende infiltrar-se na construção de sistemas de produção de subjetividades, criando canais e plataformas de comunicação e sociabilidade”.

Este segundo campo de ação abarca lutas contra os monopólios técnicos, negociações políticas e questões jurídicas, sustentadas pela desmesurada força do poder econômico de grandes corporações e que constituem um sistema de informação e comunicação restrito e excludente, orientado apenas para fins mercadológicos. Na medida em que a Internet se torna cada vez mais presente na vida cotidiana, estas questões ganham novos matizes, pois a hiperconexão vem se constituindo como uma nova ideologia orientada pela tecnologia.

Abaixo, apresenta-se um esquema (Quadro 1) que explicita os campos de disputa das mídias táticas.

Quadro 1: Campos de disputa das mídias táticas



Fonte: elaboração própria

Sobre os limites e possibilidades de cada campo, o CAE destaca a necessidade de interação entre eles:

Transformar a ordem simbólica não é suficiente para mudar completamente uma cultura – a ordem material há que ser reconstruída também – mas os deslocamentos no domínio simbólico são contribuições necessárias para criar uma agenda de mudanças. A mídia tática funciona da mesma maneira. É apenas uma parte do sistema de resistência; não o sistema como todo (CRITICAL ART ENSEMBLE, s/d)¹⁸.

¹⁸ No original, “Changing the symbolic order is not enough to completely transform a culture - the material order has to be reconstructed as well - but shifts in the symbolic realm are a necessary contribution to an overall

As transformações no campo simbólico promovem mudanças no modo de pensar, introduzindo novos valores em um sistema de crenças antes estabilizado. Como destaca Gonçalves (2010, p. 8), este tipo de ação trabalha no que Deleuze e Guattari chamam de “affectos” e “perceptos”, uma espécie de relação de forças que torna visível forças todavia insensíveis, ocultas, atuando em nível micropolítico para a formação de desejos. A mudança de mentalidade é o primeiro passo para a mudança cultural e política que se materializa tanto na adoção de novos hábitos por porções mais progressistas quanto na constituição de movimentos reacionários por parcelas mais conservadoras da sociedade.

3.4 Exemplos de táticas

Lovink (2010; 2011, p. 279) assinala que muito já foi dito sobre as mídias táticas e recomenda uma consulta ao seu verbete na Wikipédia para compreensão do conceito. Ali encontram-se, tanto em sua versão em Português quanto em Inglês, exemplos de práticas consideradas consagradas em mídias táticas. Algumas táticas utilizadas são:

- **Détournement** - É uma prática que ficou amplamente conhecida a partir de seu uso pelo movimento situacionista, mas cuja origem é anterior. A palavra francesa *détournement* significa desvio, distorção ou ainda sequestro e é utilizada para qualificar produtos ou processos cujo objetivo original foi alterado para a direção oposta. Segundo o texto "Métodos de *Détournement*" (1956), há duas modalidades de ação. O modo enganoso constitui-se pela alteração de um significado já amplamente compartilhado socialmente através da modificação de seus elementos constituintes ou contexto em que se apresenta. Já o *détournement* secundário se caracteriza pela reutilização de elementos que não carregam grande importância em si mesmo em outro contexto, como colagens de títulos de jornal, fotos ordinárias, etc. Hoje, o *détournement* é uma prática generalizada, cuja inserção no campo da resistência vem sendo esvaziada pela sua recuperação capitalista como uma estética *cool*.
- **Culture jamming** - Segundo Klein (2002), não é possível localizar a origem desta prática, mas o termo foi elaborado em 1984 pela banda de música Negativland no

disco de vinil Jamcon, que apresentava canções produzidas a partir de colagens de trechos sonoros. Assim como o *détournment* situacionista, o *culture jamming* retira imagens, elementos gráficos e mensagens de seus contextos originais para criar novos significados, reveladores de um estado de coisas todavia oculto ou pouco percebido. No entanto, Klein (2002, p. 311) destaca diferenças entre as duas práticas, pois considera que a crítica dos situacionistas se dirige ao universo da arte, da passividade do espectador e de “ethos antiprazer da sociedade capitalista dominante”, enquanto o descontentamento dos *culture jammers* tem como alvo privilegiado as corporações multinacionais em suas práticas trabalhistas, apropriação do espaço público e discurso publicitário falacioso. As principais táticas dos *culture jammers* são a alteração de campanhas publicitárias, especialmente *outdoors*, intervenções presenciais em *mega-stores*, criação de notícias falsas e a realização de festas e protestos de rua. Como qualquer prática no campo da contracultura, o *culture jamming* também é passível de recuperação. O seu tom satírico e contestatório também pode se tornar um apelo persuasivo a ser reapropriado pela publicidade, especialmente em campanhas destinadas ao público jovem, para quem a rebeldia é percebida como um valor desejado. Este é o caso, por exemplo, da campanha publicitária do refrigerante Sprite, da The Coca Cola Company, cujo slogan afirma “Imagem não é nada, sede é tudo. Obedeça a sua sede. Beba Sprite”.

- **Sit-in virtual** - É uma forma de desobediência civil eletrônica, cujo nome deriva do verbo *sit-in*, ato de bloquear uma localização nobre ou estratégica sentando-se no chão, e que foi popular durante o movimento pelos direitos civis dos anos 1960. O *sit-in* virtual é uma ação direta contra um determinado site com o objetivo de torná-lo inacessível. A ação se dá através da coordenação de acesso simultâneo por centenas de pessoas à mesma página alvo.
- **Vírus de computador** - São programas maliciosos desenvolvidos com o objetivo de infectar uma máquina, instalando cópias de si mesmo para alterar o funcionamento do computador e de seus aplicativos. O vírus é criado a partir da identificação de uma fragilidade em um sistema informático. A partir da falha, assume-se o controle da máquina. Segundo Lovink (2010), é proposto por Alexandre Galloway em seu livro “Protocolo” como uma mídia tática.

- **Ciberfeminismo** - O termo se refere ao conjunto de práticas, filosofias e comunidades relacionadas às interações com feministas no ciberespaço. De maneira simplificada, se ocupa da expressão e desenvolvimento do feminismo no contexto das interações e da arte on-line. Também proposto por Galloway como mídia tática.
- **Warchalking** – A guerra de giz, em Português, consiste na sinalização de que há oferta de conexão *wi-fi* na área. Símbolos padronizados são desenhados em paredes, ruas e postes de modo que se divulgue a localização do ponto *wi-fi*, seja comercial ou pessoal (Figura 1). A prática é inspirada em moradores de rua norte-americanos que, no final da década de 20, após a Grande Depressão, sinalizavam locais mais favoráveis à sua permanência e pernoite. Outra prática no campo da localização de redes *wi-fi* é o *war-driving*, cujo objetivo é identificar redes a partir da utilização inventiva de uma lata de batata Pringles como uma antena.

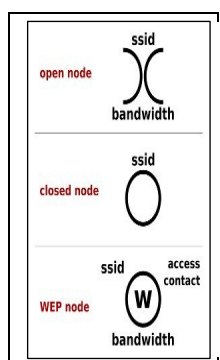


Figura 1: Principais símbolos utilizados para o warchalking¹⁹

- **Produção de softwares livres** - De maneira simplificada, um software livre é um programa de computador que pode ser usado, copiado, alterado e redistribuído sem qualquer tipo de restrição. Segundo a Free Software Foundation²⁰, constitui-se como software livre qualquer programa de computador que atenda a quatro liberdades²¹ desenvolvidas por Richard Stalman: 0) de executar o programa, para qualquer propósito; 1) de estudar como o programa funciona e alterá-lo para fazer dele o que desejar. O acesso ao código-fonte torna-se então um pré-requisito, 2) de redistribuir

¹⁹ Imagem disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Warchalking.svg>

²⁰ O site da Free Software Foundation (FSF) é <http://www.fsf.org/>

²¹ As quatro liberdades seguem uma sequência de enumeração, do zero ao quatro, típica de programadores, cujas contagens se iniciam pelo zero por este representar o primeiro valor válido que pode armazenar uma variável.

cópias de modo que você possa ajudar ao seu próximo; 3) de distribuir cópias de suas versões modificadas para outros, beneficiando toda a comunidade com as suas alterações.

- **Programas de inclusão digital para populações desfavorecidas** - São iniciativas promovidas por entidades governamentais e organizações não governamentais de forma a viabilizar o acesso, especialmente de populações empobrecidas ou consideradas em situação de risco social, à Internet. Este tipo de atividade inclui a disponibilização, gratuita ou paga, de computadores para uso, acesso à rede e capacitação nas suas principais ferramentas. Quando orientados ao campo da mídia tática, estes programas tendem a trabalhar na perspectiva da apropriação social da tecnologia.

3.5 Apropriação da rede por ações consideradas consagradas

Há uma série de iniciativas que são consideradas consagradas em mídias táticas (Lovink, 2010) como a sabotagem de publicidade dos Adbusters, as versões satíricas de sites produzidos @TMark, a correção de identidade da dupla Yes Men Project, a desobediência civil eletrônica do Electronic Disturbance Theater (EDT) em seus *sit-in virtuais* e os registros das manifestações altermundialistas pela Indymedia. Neste trabalho, elas são interpretadas como uma “uma primeira geração” de apropriações da Internet por grupos de mídias táticas e são esmiuçadas para apresentar um breve panorama, contribuindo para uma análise mais ampla dos limites e as possibilidades do uso da Internet no campo da resistência.

3.5.1 Adbusters²²

Organização sem fins lucrativos fundada em 1989, que se auto define como "uma rede global de artistas, ativistas, escritores, estudantes, educadores e empresários que querem desenvolver um novo movimento ativista social da era da informação". É amplamente conhecida por suas práticas de *culture jamming*, executando sabotagens de publicidades através de paródias de propagandas populares ou símbolos do imaginário popular (Figura 2).

²² Site: <https://www.adbusters.org/>



Figura 2: *Culture jamming* - logomarcas de corporações são as estrelas da bandeira americana²³

A Adbusters também realiza campanhas anticonsumo como o "*Buy Nothing Day*" e propostas de desintoxicação tecnológica como o "*Digital Detox Week*" como forma de promover uma reflexão crítica acerca de nossos hábitos (Figura 3). É interessante notar que a última campanha aborda, tanto em seus métodos como nos resultados, a questão do tempo - que parece se esvaír pelas frestas dos dedos sem que se possa domá-lo novamente. Desintoxicar-se é repensar a relação com a tecnologia, reduzir a velocidade, diminuir a ansiedade, desconectar-se de algumas coisas para poder usufruir o momento, reconetando-se com aspectos mais significativos da vida. É um chamado à novas práticas e um convite à reflexão: o que é essa tal conexão de que tanto se fala e de qual as pessoas se tornaram reféns?



Figura 3: Campanha Digital Detox Week, em abril de 2010²⁴

No entanto, a Adbusters é criticada porque há uma percepção de que seu modo de atuar utiliza as mesmas estratégias empregadas pelo mercado corporativo ao qual tanto censura. A polêmica não se concentra apenas na questão estética, mas passa pelo valor cobrado pela sua revista homônima e pelo lançamento, em 2004, do "Blackspot Shoe", um sapato preto, cujo design é baseado no famoso modelo Converse da All Star. Esta última iniciativa utiliza como

²³ Imagem disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:J20_corporate_flag_dc.jpg>

²⁴ Imagem disponível em <<http://www.adbusters.org/campaigns/digitaldetox>>

mote persuasivo a ideia de ser uma experiência no campo da cultura independente na oferta de produtos alternativos aos produzidos por corporações multinacionais.

3.5.2 ®TMark²⁵

Uma de suas ações mais conhecidas foi a elaboração e lançamento, em abril de 1999, um site falso hospedado no domínio www.gwbush.com (Figura 4) como tática para interferir na campanha eleitoral do então candidato à presidência dos Estados Unidos George W. Bush. O verdadeiro site do presidenciável estava no endereço www.georgewbush.com.



Figura 4: Site falso da campanha de George W Bush²⁶

A notícia da existência do site [gwbush.com](http://www.gwbush.com) logo se espalhou, impulsionada pela propaganda do próprio candidato que, em entrevistas coletivas, demonstrou não apenas sua insatisfação com a existência do site falso como afirmou que "devia haver limites para a liberdade", iniciando uma discussão no âmbito constitucional sobre o tema da liberdade de expressão.

A ação só se tornou possível a partir de um contato de Zack Exley com a ®Tmark, uma organização já conhecida por sua atuação anticorporativa. À princípio, o consultor de empresas havia comprado o domínio www.gwbush.com na esperança de lucrar com a sua posterior revenda ao candidato. Mas a negação de George W. Bush sobre seu histórico de consumo de cocaína irritou Exley ao ponto de incentivá-lo a estabelecer uma parceria com a ®TMark contra o candidato. Além do domínio, a ação incluiu a cópia da programação visual,

²⁵ Site: <http://www.rtmk.com/>

²⁶ Imagem disponível em <http://rtmark.com/gwbush>

trechos de textos e fotos do site original, levando o internauta a confundir os sites - o que certamente prejudicou a imagem do candidato durante o processo eleitoral.

3.5.3. Yes Men Project²⁷

Alinhados ao que Naomi Klein chama de movimentos anticorporação que agitou a década de 1990, a proposta da dupla de ativistas Andy Bichlbaum e Mike Bonanno é produzir danos a indivíduos e entidades que julgam criminosos a partir da personificação de seus representantes e ações de “correção de imagem”, representando-os publicamente de maneira humilhante. Este tipo de ação também é conhecido como *pranksterism* (trote) e seus alvos preferenciais são CEOs e líderes e grandes empresas que colocam os lucros à frente da vida e da dignidade humana.

O documentário “The Yes Men Project Fix the World” revela que a principal tática da dupla é a produção de sites falsos de corporações multinacionais. A ação de correção se inicia com a compra de um domínio com nome assemelhado ao do seu alvo, implementação de programação visual idêntica ao original, mas conteúdo distinto. O site funciona como uma isca para que desavisados contatem a dupla por engano, possibilitando a sua aparição como representantes de tais empresas em eventos públicos.

Um de seus projetos mais ousados culminou com a apresentação de Andy Bichlbaum como executivo da Dow Chemicals em uma entrevista para a rede de televisão BBC Mundo. O ativista declarou que, passados 20 anos do desastre químico na cidade de Bhopal, a empresa assumia total responsabilidade pelo acidente que matou 20 mil pessoas e deixou mais de 120 mil com sequelas crônicas na Índia. Ele também anunciou um conjunto de indenizações, ambientais e de assistência médica que totalizavam US\$ 12 bilhões (Figura 5).

²⁷ Mais informações em seu site: <http://theyesmen.org/>



Figura 5: Andy Bichlbaum, do Yes Men, durante entrevista à BBC Mundo²⁸

A ação se iniciou em novembro de 2002, quando a dupla produziu o site falso no domínio Dow-Ethics.com. Dois anos depois, o tema do acidente voltou à pauta jornalística pelo seu aniversário de 20 anos e repórteres desavisados contataram Andy e Mike ao invés da Dow Chemicals. A tática do site falso também viabilizou a participação da dupla em diversos eventos corporativos como representantes da poderosa corporação.

Como contra-ataque, a Dow Chemicals solicitou o cancelamento do serviço de IPS (Internet Service Provider) para a empresa que hospedava o site falso. Quando ele se tornou off-line, outros ativistas se mobilizaram pela causa defendida pelo Yes Men Project e criaram vários sites espelho para escapar da censura e oferecer fontes múltiplas para as informações divulgadas pela dupla.

3.5.4. Electronic Disturbance Theater

O Critical Art Ensemble desenvolveu, em 1998, o Eletronic Disturbance Theater (EDT) para promover ações de solidariedade no ciberespaço em apoio ao movimento Zapatista em Chiapas. Sua tática on-line é a realização de *sit-in* virtuais, criados a partir do conceito de desobediência civil eletrônica e técnicas de hacktivismo.

A ideia de desobediência civil eletrônica é inspirada no conceito de desobediência civil de Henry David Thoreau (1849), para quem é possível realizar uma oposição legítima a um Estado considerado injusto a partir de atitudes pacíficas, capazes de perturbar a sua ordem. O conceito sempre inspirou muitos ativistas, incluindo Gandhi e Martin Luther King, pois enfatiza que não é necessário lutar fisicamente contra o governo, mas parar de colaborar com ele, deixar de apoiá-lo em seus atos indignos. A desobediência civil desafia o Estado,

²⁸ Imagem disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/File:Dow_apologizes.jpg>

questionando a distância entre o que é legal e o que é justo e fomentando novos estilos de vida. Nesta perspectiva, o senso de justiça e a coragem são elementos fundamentais para perceber que a ordem estabelecida é injusta e abandonar passividade de homem cordato.

O hacktivismo ou uso de ferramentas digitais para fins políticos do EDT se deu através do FloodNet²⁹, um aplicativo cuja função é recarregar uma mesma URL várias vezes por minuto, retardando o seu *download* a ponto de congestionar o servidor e colocar o site fora do ar. O grupo orquestrou ataques em dez datas consideradas significativas para o movimento Zapatista, registrando em seu “ensaio geral”, em 10 de abril de 1998, a mobilização de pessoas oriundas de 23 países.

Para participar da ação direta, o internauta deveria acessar determinada Url, apertar um botão e manter o navegador aberto durante o período programado para a ação. Este tipo de aplicativo age sobre uma das principais características da rede, a sua velocidade de acesso, pois ele “trava” a rede. Seu princípio é considerado controverso, inclusive entre hackers e ativistas, pois é considerado uma ação violenta e um ataque à liberdade de expressão. Segundo Dominguez, em entrevista à Juliano Spyer (2009), a ação em favor dos Zapatistas inaugurou a primeira guerra de informação, pois houve contra-ataques ao grupo a partir de computadores localizados no Pentágono.

3.5.5 Independent Media Center - Indymedia³⁰

Segundo o site da organização, a Indymedia foi criada em 1999 por diversas entidades independentes e ativistas atuantes no campo da mídia alternativa com a finalidade de realizar uma cobertura diferenciada dos protestos em Seattle por ocasião da reunião da Organização Mundial do Comércio, oferecendo uma extensa gama de materiais, incluindo cobertura em tempo real, relatórios, fotos, registros em áudio e vídeo em uma sistema de gestão de conteúdo on-line.

Posteriormente, desenvolveram-se dezenas de centros de mídias independentes em âmbito local que transformaram a experiência em uma plataforma para a publicação de notícias, denúncias e campanhas dos movimentos sociais em âmbito local, cuja orientação é a clara contraposição à cobertura realizada pela grande imprensa. Seu modelo de publicação aberto (*open-publishing*) estimula a participação popular através da divulgação de artigos e análises, pois possibilita a publicação imediata de um artigo sem as censuras morais, técnicas

²⁹ Mais informações em: <http://www.thing.net/~rdom/ecd/floodnet.html>

³⁰ Site oficial: www.indymedia.org

de um *copy-desk* ou editor. Ou ainda a obrigatoriedade de adotar uma linguagem jornalística padrão.

3.5.6 etoy

Após tentativas frustradas de comprar o domínio www.etoy.com, a empresa norte-americana Etoy, que atua no setor de varejo de brinquedos, utilizou o sistema judiciário de seu país para congelar o domínio que estava sendo utilizado há pelo menos dois anos por um grupo homônimo de artistas com sede na Suíça. A principal alegação da empresa contra o grupo era o uso indevido da marca. No caso, o nome etoy.

A vitória jurídica da Etoy sobre o grupo de artistas abria um perigoso precedente de que a legislação norte-americana regularia toda a Internet, além de uma clara indicação de que os interesses mercantis estavam acima do direito de um grupo previamente estabelecido na rede, contrariando a política de "*first come, first server*". Ou seja, uma política de serviço em que os clientes são atendidos por ordem de chegada, sem qualquer tipo de preferência.

Revoltados com a decisão, o grupo suíço lançou pedidos de ajuda na Internet. Ao invés de enfrentá-la nos tribunais de justiça, que eram percebidos como instâncias com tendência a defender interesses mercantis, o grupo mobilizou ativistas, jornalistas, designers e outras organizações, como a @TMark, para criar um sistema de contra-ataque na rede. Iniciava-se a Toywar, a guerra de brinquedo, contando com a participação de 1799 toy agents (agentes de brinquedo).

Informações para contestar publicamente a empresa, incluindo textos e listas de contato de funcionários, altos executivos, acionistas e empresas parceiras foram disponibilizadas na rede. Mas a apropriação mais interessante no que tange a capacidade distributiva da rede foi a campanha "Twelve Days of Christmas" (Doze dias de Natal), criada pela @TMark, cujo objetivo era interromper o acesso ao site da corporação americana durante o período mais fértil em vendas, a véspera do Natal.

Esta ação e outros ataques à companhia feriram a imagem da Etoys a ponto de suas ações caírem mais de 70% no período. Segundo o grupo suíço, a Toywar foi "a mais cara performance da história da arte", ocasionando a perda de US\$ 4,5 bilhões e o arquivamento do processo judicial pelo domínio.

3.6 Análise da apropriação da rede por ações consagradas

Abaixo, o quadro 2 resume a experiência das ações consideradas consagradas, cujos usos táticos da Internet fazem parte dos seus primeiros estágios de desenvolvimento, pois datam do final da década de 1990 e início dos anos 2000.

Quadro 2: Ações consideradas consagradas

Grupo	Tema	Alvo	Tática	Dinâmica na rede
Ad Busters	Dependência tecnológica	Hábitos naturalizados	Campanha on-line	Divulgação de campanhas de desintoxicação tecnológica.
RT Mark	Campanha do candidato à Presidência	George W Bush	Criação de versões falsas e satíricas de seus alvos.	Compra de domínio similar ao do alvo, implementação de programação visual idêntica, incluindo uso ilegal de textos, imagens e marca.
Yes Men Project	Acidente em Bhopal	Dow Chemicals	Iniciativas de "correção de identidade", que incluem a sites falsos de seus alvos.	Compra de domínio similar ao do alvo, programação visual idêntica, incluindo uso ilegal de textos, imagens e marca. Criação de “espelhos” do site retirado do ar.
Eletronic Disturbance Theater	Autodeterminação de tribos indígenas mexicanas	Governo mexicano e norte-americano	Desobediência civil eletrônica com campanha on-line para obstrução de acesso.	Realização de <i>sit-ins</i> virtuais com a participação de internautas que colaboraram em ataque de negação de serviço – DoS.
Independent Media Center -	Globalização perversa	Encontros globais de líderes econômicos	Registros das manifestações altermundialistas através de plataforma on-line.	Publicação de contra-informação e colaboração na organização de ações diretas.
Etoy	Poder das corporações na rede	Etoys e Judiciário norte-americano.	Campanha on-line para obstrução de acesso	<i>Sit-ins</i> virtuais de ataque de negação de serviço – DoS.

Fonte: elaboração própria

As ações consagradas descritas anteriormente se valem de quatro táticas:

1. Proposta de mudança de comportamento frente a tecnologia na campanha de desintoxicação da Adbusters.
2. Divulgação de informação contra-hegemonica através da rede de ativistas do CMI.
3. Utilização de endereços de domínios com grande similitude ao do alvo de crítica e a apropriação de logomarcas, imagens e programação visual correspondem a usos políticos da rede que se aproximam das táticas de *culture jamming* na medida em que criam novos significados para símbolos culturalmente e socialmente já estabilizados por sucessivos investimentos em publicidade e relações públicas, combinadas com o pranksterism (trote). Atacando o que há de mais caro ao capitalismo atual, a marca.
4. Movimentos de *swarm* em ações como etoy e Eletronic Disturbance Theater como atualização de técnicas de desobediência civil para causar dano simbólico ou material ao seu alvo.³¹

Denning (2001), estudando a influência de ações on-line na política internacional, propõe a seguinte classificação:

- Ativismo:

Refere-se a utilização normal, sem interrupções, da Internet em apoio a uma agenda ou causa. Operações neste campo incluem navegação na web para obtenção de informações, construção e postagem em web sites, transmissão de publicações eletrônicas e cartas por e-mail, uso da rede para discussão de questões, formação de coligações, planejamento e coordenação de atividades. (DENNING, 2001, p. 241)³²

- Hacktivismo:

Refere-se ao casamento de *hacking* com ativismo. E abrange as operações que utilizam técnicas de *hacking* contra um site alvo na Internet com a

³¹ Nos manuais de organização de campanhas de desobediência civil de Ghandi, citados por Vieira (1984), destaca-se o princípio de que “os grupos “devem ser pequenos se querem ser eficientes” (p. 39). Outras regras interessantes do ponto de vista da organização do conflito, citadas por Vieira (1984), como parte do manual de Ghandi são que os membros devem conhecer-se bem e que cada corpo deverá eleger seu chefe (p. 19)

³² No original, "Activism, refers to normal, nondisruptive use of the Internet in support of an agenda or cause. Operations in this area includes browsing the web for information, constructing web sites and posting materials on them, transmitting electronic publications and letters through email, and using the Net to discuss issues, form coalitions, and plan and coordinate activities." (DENNING, 2001, p. 241)

intenção de perturbar sua operação, mas operações normal, mas não causa danos graves. São exemplos os *sit-ins* e bloqueios virtuais automatizados, bombardeio automático de e-mails, *web hacks* e invasão de computadores por vírus e worms. (DENNING, 2001, p. 241)^{33 34}

- Cyberterrorismo:

Refere-se a convergência do ciberespaço e terrorismo. Abrange operações de *hacking* politicamente motivadas com pretensão de causar danos graves como perda de vida ou perda econômica significativa. (DENNING, 2001, p. 241)³⁵

Segundo a classificação de Denning (2001), a ação da Adbusters e do CMI estão no campo do ativismo on-line enquanto as demais estão na tênue fronteira entre o hacktivismo e o cyberterrorismo, cuja distinção depende do entendimento de quem julga. Aqui, as duas últimas iniciativas são interpretadas como hacktivismo, termo cunhado pelo grupo de hackers Cult of the Dead Cown em 1998 para nomear a ação de grupos e indivíduos que realizavam ações diretas no ciberespaço. Ambas utilizaram a tática de *sit-ins* virtuais para atingir seu alvo. A diferença é que o EDT provocou danos morais ao governo mexicano enquanto o grupo etoy promoveu sério prejuízo econômico ao seu alvo.

Considera-se que a prática de hacktivismo nesta primeira fase de ações on-line está para a Internet assim como a intervenção urbana está para cidade, pois ambas produzem ações diretas em espaços de circulação e de sociabilidade.

³³ No original, "Hacktivism, refers to the marriage of hacking and activism. It covers operations that use hacking techniques against a target's Internet site with the intent of disrupting normal operations but not causing serious damage. Examples are web sit-ins and virtual blockades, automated email bombs, web hacks, computer break-ins, and computer viruses and worms (DENNING, 2001, p. 241).

³⁴ O hacktivismo também inclui ações de *defacement*, alteração da aparência de um site com inclusão de mensagens ofensivas ao seu proprietário.

³⁵ No original, "Cyberterrorism refers to the convergence of cyberspace and terrorism. It covers politically motivated hacking operations intended to cause grave harm such as loss of life or severe economic damage. (DENNING, 2001, p. 241).

4 MÍDIAS TÁTICAS NO BRASIL

4.1 Principais eventos e concepções

4.1.1 ProvOs

Se não é possível afirmar quando iniciativas no espectro das mídias táticas começam a ser realizadas no Brasil, já que a sua conceituação é provavelmente posterior à realização de ações no país, a Ação Pr0vos, organizada por Adriana Veloso e Daniel Pádua, como “uma série de eventos descentralizados em mídias táticas” nos dias 21, 22 e 29 de novembro de 2002 na cidade de Belo Horizonte, foi identificada no levantamento on-line como uma das primeiras ações que se utilizam o conceito de mídia tática em território nacional.

Com o lema “provoque alternativas” em um anúncio publicado no zine “O Poste”, do Centro de Mídia Independente (CMI) em Belo Horizonte, a Ação Prov0s convocava pessoas interessadas em política e ativismo, tecnologia e arte, mídia e informação para participar de um “bazar de conhecimento”, cujo principal objetivo era democratizar a capacidade de usar os meios de comunicação. Segundo *post* informativo sobre o evento publicado no CMI:

A capacidade de agir e se mobilizar está diretamente relacionada à capacidade de distribuir e compartilhar informações. Entretanto, o conhecimento necessário para o uso aplicado da mídia está nas mãos de uns poucos privilegiados. Chegou a hora de interconectar estas pessoas em um encontro para disseminar este conhecimento nas comunidades.

Sua pretensão de promover a troca de informações e intercâmbio de experiências nos campos da teoria crítica e da produção nos campos do ativismo, artes e experimentação em meios de comunicação eletrônicos se traduziu, na prática, na realização de oficinas, palestras, debates, exposições e intervenções artísticas, inspirados no conceito de laboratórios de mídia tática do N5M. Outra referência explícita do evento Ação Prov0s é o Provo, movimento cultural de inspiração anarquista que agitou a cidade de Amsterdã por um curto período da década de 1960, realizando diversas intervenções no espaço público³⁶.

³⁶ Uma ação famosa do Provo pretendia fechar o tráfego do centro de Amsterdã para carros e motos, que deveriam ser substituídos por bicicletas brancas a serem fornecidas pela Prefeitura para o uso público e gratuito dos cidadãos. Após a recusa do governo local em viabilizar o plano das bicicletas brancas, o Provo pintou e distribuiu cerca de 50 bicicletas pelas ruas da cidade para uso público e gratuito.

4.1.2 Festival Mídia Tática (MTB)

Fonseca (2008) indica que outros eventos no campo das mídias táticas, como o MetaEvento e o Emoção Art.Ficial, ambos realizados em São Paulo, antecederam o Festival Mídia Tática Brasil (MTB), mas pondera que a grande expectativa com a chegada da Internet em áreas periféricas das grandes cidades, além do crescente fortalecimento do software livre como alternativa viável, tornou o MTB um momento especial, de “agrupamento, reconhecimento e conexão”.

Esta expectativa explica a escolha do tema “Comunidades em Rede e Inclusão Digital” para o festival. A sessão de abertura contou com a participação de Richard Barbrook, autor de “Futuros Imagináveis”, John Perry Barlow, da Electronic Frontier Foundation, e de Gilberto Gil, Ministro da Cultura. A presença do ministro mobilizou a atenção da grande imprensa que noticiou sua ida ao evento, mobilizando curiosos a comparecer ao festival. Estima-se um público de seis mil pessoas em quatro dias de atividades.

Vale destacar o papel marcante da Internet nesta iniciativa desde o princípio. O MTB surgiu a partir de uma postura proativa do N5M que buscou localizar e promover laboratórios de mídias táticas na América Latina. Este chamado foi publicado em junho de 2002 na lista Net.time e respondido por Ricardo Rosas, Tatiana Wells e Gisele Vasconcelos, que iniciaram a organização do evento na lista de discussão Metá:Fora, depois transferida para lista própria no Yahoo Grupos. Organicamente, os participantes da lista começaram a trabalhar de forma colaborativa - que Rosas (2002) caracteriza como a da "Open Source Intelligence", de Felix Stalder and Jesse Hirsh, em que valores e práticas típicas do movimento software livre, como compartilhamento de informações e produtos, relações horizontais, flexíveis e autoridade construída por reputação, são aplicados a outros tipos de trabalho imaterial.

Rosas (2003) assinala que a mídia tática em um país em desenvolvimento como o Brasil tem nuances próprias de um contexto desigual em que poucos têm muito e muitos têm pouco. Ou quase nada. Por isso, afirma que uma das preocupações dos organizadores do MTB foi estabelecer um diálogo com o conceito de mídia tática entre grupos que trabalhavam com arte, tecnologia e ativismo com forte vínculo com as questões sociais, políticas e econômicas, oriundos de diversas partes do país, localizados e contatados pela Internet. Evitou-se uma net-arte (Figura 6), do tipo alienada, auto-referencial, sem ambições políticas, distante do cotidiano, pois percebia-se um cenário vibrante na ação de hackers, na venda de cópias não autorizadas em "camelôs" das grandes cidades, na proliferação de sites de crítica política na blogosfera brasileira após o lançamento do CMI Brasil e na adoção de Linux e softwares

livres em programas governamentais.

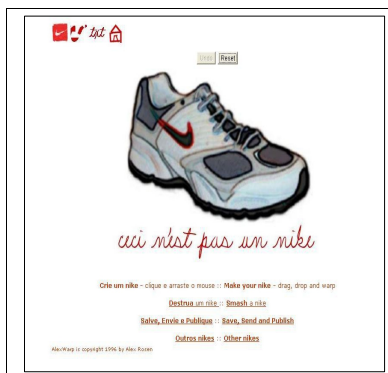


Figura 6: “Ceci n’est pas un Nike”, net-arte de Gisele Beiguelman³⁷

O evento, gratuito, foi realizado entre os dias 13 e 16 de março de 2003 em diversos espaços na cidade de São Paulo. A programação foi diversificada e eclética, reunindo ativistas, grupos e coletivos, intervenções, performances e teatro de rua, vídeo-ativismo, *culture jamming*, produção de fanzines, *DJs* e rádios livres, mídia alternativa on-line e sites sobre temas de interesse, iniciativas de reuso de computadores antigos para as comunidades empobrecidas e de publicação aberta, entre outros. Os grupos realizaram “ocupações” no centro cultural Casa das Rosas e promoveram palestras e debates sobre o conceito da mídia táctica, a arte como táctica e resistência, ciberativismo, hacktivismo, lógicas de código aberto, Copyleft, política das multidões em auditórios da Fundação Japão e do Sesc Pompéia – todos localizados no centro da cidade. Também foram realizados *workshops* em locais mais distantes, como o Sesc Vila Mariana e no Telecentro Cidade Tiradentes.

Segundo o site do MTB, a edição brasileira revelou particularidades locais se comparada a outros laboratórios de mídia realizados mundo afora. São elas a adoção de Linux e softwares de código aberto e a predominância de trabalhos na linha *low-tech* em contraposição a poucas iniciativas que mobilizavam alta tecnologia. Alguns exemplos de ações *low-tech* em diversos momentos do cenário nacional são:

- **Recicle um Político (2002)** – Veloso (2008) indica que uma das primeiras ações no cenário da mídia táctica brasileira foi o movimento "Recicle um político"

³⁷ Imagem disponível em <<http://www.desvirtual.com/nike/>>

durante o período pré eleitoral no ano de 2002. A ação foi realizada por inúmeros grupos mobilizados por uma campanha on-line que convocava as pessoas a retirar os cartazes e faixas e reutilizar o material publicitário que suja as cidades no período pré-eleitoral (Figura 7), criando dezenas de novas aplicações (Figura 8 e 9) para o plástico de galhardetes. Em 2006, apesar de modificações na propaganda, que foi substituída por toldos de madeira, a ação foi reeditada. A ação pretendia dar novo significado ao material que suja a cidade, "mostrando àqueles que ofendem nossa inteligência e cidadania como fazer uma ação política e um uso da mídia verdadeiramente sincronizado com nossa realidade”



Figura 7: Registro da ação “Recicle um Político”³⁸

³⁸ Imagem disponível em <http://images.indymedia.org/imc/brasil/recorte-cole_recycleacxaaf.jpg>

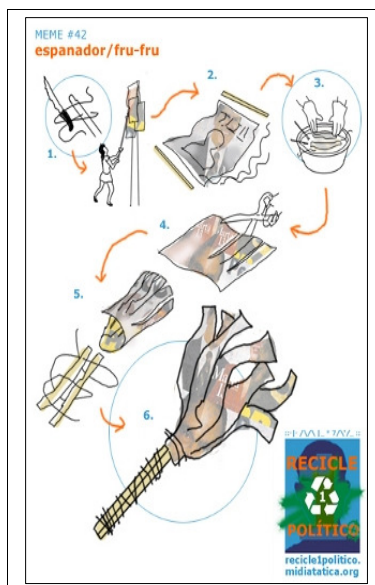


Figura 8: Sugestão de novos usos para o material publicitário eleitoral³⁹



Figura 9: Nova aplicação para material publicitário eleitoral criado por participante⁴⁰

- **Programa para Descatralização da Própria Vida (2004)** - Instigados pela proposta do projeto Zona de Ação, que reuniu cinco coletivos na realização de pesquisas e ações sobre a arte e a vida urbana na cidade de São Paulo, o coletivo Contra Filé promoveu uma intervenção urbana simples, porém muito efetiva, sobre os controles invisíveis que restringem a circulação pela cidade. Após uma "assembleia

³⁹ Imagem disponível em <<http://prov0saction.blogspot.com/2004/10/recicle1politicomidiaticasorg-meme-42.html>>

⁴⁰ Imagem disponível em <<http://brasil.indymedia.org/images/2002/11/242712.jpg>>

pública de pensamento", que reuniu a população local em um debate sobre a ação, colocou-se uma catraca em cima de um pedestal no Largo do Arouche, em São Paulo, cuja placa identificadora dizia “Monumento à Catraca Invisível – Programa para Descatracalização da Própria Vida, Junho/2004” (Figura 10). A intervenção teve grande repercussão na mídia, tendo sido inclusive tema da prova de redação do vestibular da Fuvest e apropriada por movimentos sociais pela educação. Posteriormente, foi recuperada por propagandas do banco Itaú destinadas ao público universitário.



Figura 10: Monumento à Catraca Invisível⁴¹

- **Flávio Santana (2004)** – O grupo “A revolução não será televisionada” produziu um monumento em memória aos jovens assassinados pela polícia de São Paulo em apoio ao ato de repúdio ao racismo policial promovido pela Frente 3 de Fevereiro no período de 03 à 07 de abril de 2004 na ocupação da Cadopô, no bairro do Bom Retiro, em São Paulo (Figuras 11 e 12)⁴². Esta ação se destaca pela articulação de grupos de mídias táticas com outros movimentos sociais que não estão vinculados diretamente a causa da democratização da comunicação – tema recorrente. Nota-se especial interesse

⁴¹ Imagem publicada no portfólio do Coletivo Contra Filé, responsável pela ação, disponível no endereço <http://www.ccespana.cl/cce09/micrositios/2009/junio09/desc/portifolio_contrafile.pdf>

⁴² A articulação do grupo A Televisão não será Revolucionada com a Frente 3 de Fevereiro está registrada na mensagem 1109 da lista Mídia Tática Brasil. Outros exemplos identificados na lista são: 1) a articulação de diversos ativistas, artistas e grupos durante dois dias (13 e 14 de março de 2004) na ocupação Prestes Maia, um prédio de 35 andares localizado no centro de São Paulo (mensagem n 1017) e 2) a divulgação do encerramento do processo de pesquisa e ações da Zona de Ação, realizado por cinco grupos (A Revolução Não Será Televisionada, Frente 3 de Fevereiro, Bijari, Cobaia, Contra Filé e Grupo Arte Callejero, da Argentina) no âmbito da arte e da vida urbana (mensagem n 1410).

em temas relacionados a questão urbana como moradia, transporte e qualidade de vida nas cidades.



Figuras 11 e 12: Ação “Flávio Santana” contra o racismo policial ⁴³

- **O Povo não é Bobo (2005)** – O ato “político-artístico-recreativo” de rebatizar a Av. Jornalista Roberto Marinho para Jornalista Vladimir Herzog (Figura 13) fez parte da (anti)festa preparada pelo CMI São Paulo pelo aniversário da Rede Globo em 29 de abril de 2005. A programação do protesto contou ainda com a exibição de vídeos sobre o CMI São Paulo, o famoso documentário “Além do Cidadão Kane”, que revela as origens e falcatuas na formação da organização, e outras produções que criticam o seu monopólio nas comunicações, seus programas e artistas. Na ação do rebatismo, uma mini bibliografia destacava as diferenças na trajetória e comprometimento com o país. Enquanto Herzog trabalhava em um jornalismo a serviço do público, Marinho construía seu império.

⁴³ Fonte: Site da Frente 3 de Fevereiro. Imagens disponíveis em <<http://www.frente3defevereiro.com.br>>



Figura 13: Rebatismo da avenida em São Paulo⁴⁴

4.1.3 Repercussão do MTB

Segundo Rosas (2003), o MTB pode ser considerado um sucesso não só por ter mobilizado um público apreciável, mas por ter criado uma rede de artistas, designers, *webmasters*, ativistas e teóricos com interesses convergentes. Este fato é perceptível nos levantamentos sobre a mídia tática no Brasil, na medida em que diversos nomes de pessoas e organizações constam em iniciativas posteriores como Autolabs, findEtático, Digitofagia e Submidialogia.

Uma singela demonstração da importância do MTB é a sua citação por Claudio Prado, ex-Coordenador de Políticas Digitais do Ministério da Cultura - MinC, para demonstrar a “Linha do tempo da cultura digital no Brasil”⁴⁵ durante plenária inaugural do II Fórum da Cultura Digital Brasileira, realizado em outubro de 2010. No artigo “O impacto da sociedade civil (des)organizada”, Felipe Fonseca, Alexandre Freire e Ariel Foina também destacam que o encontro no MTB proporcionou a criação de uma rede de articuladores, composta por pessoas que já trabalhavam no campo da cultura, e que inverteram a proposta inicial dos Pontos de Cultura – que naquela época se chamavam Base de Apoio à Cultura – BACs -, mudando radicalmente tanto sua direção como objetivos. Ao invés de levar a cultura do centro para a periferia, o investimento privilegiaria levar a cultura da periferia não só para o centro, mas para o mundo. Por isso, o investimento federal na consolidação de Pontos de Cultura contemplava a aquisição de equipamentos multimídia, o acesso à Internet e a contratação de

⁴⁴ Imagem disponível em <<http://prov0saction.blogspot.com/2004/10/avenida-jornalista-roberto-marinho.html>>

⁴⁵ Esta iniciativa está sendo construída, em formato wiki, a partir de um esforço inicial do MinC e pode ser acessada no endereço <http://linhadotempo.culturadigital.org.br/>

pessoas com perfil técnico para ensinar e produzir conteúdo sobre as atividades realizadas.

A realização de um laboratório de mídia táctica no Brasil despertou o interesse da plataforma Waag-Sarai em promover o intercâmbio de representantes de projetos que participaram do MTB com grupos internacionais. Felipe Fonseca (Metá:Fora), Tatiana Wells (Contra.tv), Ricardo Rosas (Rizoma.net) participaram da quarta edição do N5M, em setembro de 2003 em Amsterdã.

Rosas e Wells promoveram uma intervenção chamada Camelódromo, em que reproduziram uma banquinha de camelô, característica paisagem de uma grande cidade como São Paulo, em que objetos sem utilidade aparente eram transformados a partir da inclusão de mensagens de humor subversivo⁴⁶. Rosas e Fonseca participaram do painel “New landscapes for new media” em que apresentaram, respectivamente, os Autolabs (naquela época, em fase de elaboração) e o Projeto Metá:fora, de onde surgiram várias iniciativas, destacando-se a ideia de MetaReciclagem.

Em sua apresentação no evento, Fonseca (s/d, p.59) afirmava perceber “raízes culturais hackers no Brasil desde muito antes da criação do primeiro computador”, citando o sincretismo religioso da Umbanda, a antropofagia cultural dos modernistas, o movimento tropicalista, gambiarras, mutirões e economias informais e piratas como “alternativa análoga à engenharia social hacker”. Para o autor (FONSECA, s/d, p.61), os valores de uma contracultura forjada na década de 1970 se mantiveram vivos não só nas práticas em mídias tácticas, mas no espectro muito mais amplo da chamada cultura popular brasileira.

Algumas críticas negativas ao MTB, segundo Fonseca (2008), foram o uso de uma linguagem engajada e proto-revolucionária de influência europeia, seu caráter ainda elitista, tanto pela sua localização na Avenida Paulista, quanto pelo seu público constituído majoritariamente por coletivos formados por gente de classe média. Esta crítica foi lembrada por Ricardo Ruiz durante uma das atividades do II Fórum da Cultura Digital Brasileira (2010) e é considerada por ele um incentivo para a realização dos Autolabs.

4.1.4 Autolabs

Os laboratórios de mídia táctica Autolabs foram um projeto de “protagonismo social” que ofereceu, entre janeiro e junho de 2004, oficinas de “alfabetização midiática” para jovens dos bairros Ermelino Matarazzo, Itaquera e São Miguel Paulista, localizados na Zona Leste de

⁴⁶ Descrição publicada no site do N5M4 disponível em <http://www.next5minutes.org/article.jsp?articleid=2854>

São Paulo. Esta ação estava inserida no projeto dos Centros de Ações Juvenis (Cajus) desenvolvido em parceria com a organização não governamental La Fabbrica e Secretaria Municipal do Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade. Segundo Giseli Vasconcelos (2004, p. 14), um de seus idealizadores:

Autolabs é uma estratégia de mobilizar um conjunto de produtores e articuladores, com o objetivo de desenvolver crítica e habilidades técnicas ligadas às tecnologias de mídia e computador. A replicação da informação é definida pelas características individuais de cada grupo ou coletivo, fortalecendo e dando conhecimentos de produção de mídia independente e possibilitando que qualquer pessoa produza, para disseminação pública, formas de como as novas tecnologias podem ser usadas tanto como instrumento de liberação quanto de dominação.

Além de computadores equipados com software livre e acesso à Internet, os Autolabs também ofereciam câmera digital, *scanner*, impressora, equipamentos de som e gravador que viabilizaram a realização de cursos de rádio, fotografia e produção gráfica. Mobilizava-se conceitos como software livre, Copyleft e experimentação.

Veloso (2008) lembra que a maioria dos grupos que participou desta iniciativa já desenvolvia trabalhos em software livre como um princípio, destacando a atuação da MetaReciclagem, na estruturação de três laboratórios de informática com 15 máquinas operando partir de uma solução terminal-servidor, sistema operacional Linux, softwares livres e acesso à Internet. No entanto, esta situação favorável à adoção de software livre por grupos de mídias táticas não constitui exatamente a regra. Fonseca (2004) alerta que diversos grupos apresentam resistência à sua adoção pelos seguintes motivos: desconhecimento das aplicações, comodismo de comprar um software proprietário pirata, preguiça de aprender novas ferramentas ou ainda um certo fetichismo pelo aplicativo perfeito. A dificuldade estaria em não perceber a tecnologia como um artesanato, algo a ser construído.

Diversas questões administrativas, políticas e burocráticas impactaram negativamente na execução e nos potenciais resultados dos Autolabs. Desde problemas básicos da infraestrutura dos locais disponibilizados pela Prefeitura à vinculação da presença e desempenho dos jovens nas oficinas ao pagamento de bolsa - o que tirou a sua liberdade de participar das atividades que julgassem interessantes. Este último fator é considerado uma contradição em relação aos valores originais da iniciativa como “protagonismo, auto-iniciativa e autogestão” (Ortellado, 2004, p. 15)

Na avaliação de Wells (2004, p 16), publicada no Guia de Navegação do findEtático,

evento de encerramento do Autolabs, os erros e acertos dos Autolabs contribuíram para o amadurecimento das propostas de intervenção propostas pelos grupos participantes - Ação Educativa, Base V, CMI, Coletivo de Histórias Digitais, Interfusion, MetaReciclagem, Museu da Pessoa, Rádio Muda/Submídia, Rizoma e Telecentros. Eles puderam testar suas práticas e conceitos, criando metodologias próprias e ganhar maior “jogo de cintura” frente as limitações e imprevistos. Já os jovens participantes das oficinas teriam sido, em alguma medida, sensibilizados sobre as questões midiáticas, desenvolvendo em sala de aula uma rádio livre, uma cooperativa de reciclagem de computadores, o lançamento de um CD de hip hop e um grupo de apoio às grávidas adolescentes.

4.1.5 Digitofagia

Em 2004, a conferência Digitofagia uniu tecnologia e cultura e pretendia “repensar a prática antropofágica na era dos computadores e das novas mídias através de uma antropofagia das práticas de mídia tática atuais” para discutir “a vanguarda, a ilegalidade e as gambiarras brasileiras” (MIDIATATICA.INFO)⁴⁷. Sua programação rompeu com o modelo de festival e de palestras, aproximando-se da sugestão do CAE (s/d) de que festivais de mídias táticas devem ser espaços de trabalho e troca de informações relevantes, incluindo não apenas os sucessos, mas as tentativas fracassadas.

A edição carioca chamou-se DigitoRIO e foi realizada na Universidade Federal do Rio de Janeiro, entre 14 a 17 de outubro de 2004. Sua programação incluía debates sobre mídia tática, rádio livre, arte, conhecimento em rede, propriedade intelectual, software livre e apresentações, performances, mostras de vídeos, cartazes, experiências em cópias de mídias digitais e oficinas de instalação de Linux e produção em software livre. Em São Paulo, a Digitofagia foi realizada no Museu da Imagem e do Som, no período de 18 a 24 de outubro de 2004, onde também foi simulado um “mercado alternativo” para troca de conhecimentos.

A conferência coordenada por Giseli Vasconcelos, Lucas Bambozzi, Pixel, Ricardo Ruiz, Sandra Terumi e Tatiana Wells resultou em uma publicação homônima, organizada por Giseli Vasconcelos e Ricardo Rosas, que participou de um projeto de colaboração internacional entre as iniciativas no Brasil, Europa (Waag Society & Public Netbase) e Índia (Sarai/Delhi e grupos em Bangalore). O livro é considerado por Geert Lovink como uma

⁴⁷ Informação publicada na wiki da conferência, disponível em <<http://digitofagia.midiatatica.info>>

“antologia das mídias táticas no Brasil”⁴⁸, cujo prefácio foi escrito por ele e reúne as contribuições de 39 autores, cujos perfis demonstram forte interação com a vida acadêmica⁴⁹

Alguns temas da publicação são net arte, a política de amostragem, a ação coletiva, ciberfeminismo, uma crítica do ICT4D (tecnologias de informação e comunicação para o desenvolvimento) e do governo do programa Pontos de Cultura. Já a publicação “Digitofagia *Cook Book ou* Digitofagia Cu-que-buquê” reúne “textos e melhores momentos”, selecionados por Tatiana Wells e Ricardo Ruiz da lista de discussão que organizou a conferência.

Vale destacar o forte interesse em “novas ecologias de produção” da economia informal, desde a atuação dos camelôs e ambulantes a táticas de sobrevivência de circuitos culturais marginalizados como o funk carioca e o brega do Pará. Nos registros da lista de discussão, este fato se torna latente, pois a temática é abordada em inúmeras mensagens que comentam a distinção do trabalho de diversos tipos de trabalhadores de rua; a atuação de “camelôs eletrônicos” através de sites de comércio eletrônico; o caminho percorrido pelas mercadorias contrabandeadas e a culpabilização do camelô; entrevista com um funcionário de uma loja de CDs piratas comandada por chineses em São Paulo, entre outros temas neste escopo (WELLS, RUIZ, 2006, p.XX, XLIX e XLIX⁵⁰).

Um exemplo da problematização do tema da economia informal e pirata e sua relação com os direitos autorais é realizada pelo coletivo Filé de Peixe em seu projeto “Piratão” de venda e exibição pública de seus “encartados”, elaborados a partir de uma mídia DVD com cópias não autorizadas de trabalhos em videoarte, embalados em capas produzidas na estética da fotocópia, protegidas por embalagem plástica de baixo custo – um produto francamente inspirados tanto na prática quanto na estética da economia informal de camelôs e ambulantes.

Através dos “encartados”, o coletivo problematiza as contradições entre a propriedade exclusiva e a ampla circulação porque, na medida em que garante o amplo acesso através da reprodução, da cópia em massa dos vídeos de seu acervo, os mantém como objetos únicos já que cada unidade tem número de série, carimbado manualmente na mídia que lhes dá suporte. A ação se baseia fortemente na economia informal da venda de cópias não autorizadas de DVDs nas ruas das grandes cidades tanto na estética quanto na tática. “Um é cinco, três é 10”, grita Alex Topin, integrante do grupo, em plena rua Uruguaiana, centro do comércio popular no Rio de Janeiro (Figura 14).

⁴⁸ Afirmação publicada no post “Just Out: Digitofagia, brazilian tactical media anthology”, disponível em <<http://networkcultures.org/wpmu/geert/2009/01/29/just-out-digitofagia-brazilian-tactical-media-anthology/>>

⁴⁹ Dos 39 autores, 23 fazem alguma referência ao seu vínculo com universidades,. São estudantes de pós graduação, mestres, doutores, pesquisadores ou professores.

⁵⁰ As páginas da publicação que reúne e-mails selecionados da lista Digitofagia são enumerados em algarismos romanos.



Figura 14: Projeto Piratão no Mercado Popular da Uruguaiana, RJ⁵¹

4.1.6 Submidialogia

A conferência Submidialogia é uma iniciativa interdisciplinar que promove debates, workshops, mini-cursos, espaços de convivência para trocas de informações e elaboração de ações nos campos da tecnologia e cultura. Até o momento, foram realizadas sete edições da conferência Submidialogia, sendo quatro delas parcialmente documentadas e disponibilizadas na Internet, a saber Campinas (2005), Olinda e Recife (2006), Lençóis (2007) e Belém (2008)⁵²

A conferência inclui todo o tipo de atividade que promova interação entre participantes de maneira criativa. Sua programação atual prevê a convivência cotidiana entre participantes e comunidade local com o objetivo de construir coletivamente o próprio festival. Isto inclui desde os debates e trocas de experiências até momentos de criação de arte, tecnologia e ciência, além do puro prazer da gastronomia, de uma cerveja gelada, da festa e de um bom papo.

Sua primeira edição foi realizada em outubro de 2005 em Campinas, com o apoio de grupos brasileiros e da plataforma Waag-Sarai Exchange, que promove intercâmbios entre entidades da Índia e da Holanda. Seu mote “re:volver o pensamento e a ação que se coloca sobre os meios tecnológicos de informação” (SUBMIDIALOGIA, 2005, p. 3) era um

⁵¹ Imagem disponível em <<http://coletivofiledepeixe.files.wordpress.com/2010/06/piratao-09-camelodromo-1-ano-reduzida-5.jpg>>

⁵² Encontram-se informações sobre esta iniciativa em páginas da associação Descentro, sites de algumas de suas edições, vídeo informativo no Youtube e as publicações “Apropriações tecnológicas”, organizada por Karla Brunnet após a terceira edição, e o recém-lançado livro “Ideias Perigozas”, organizado por Fabiane Borges.

chamado para repensar as teorias de mídia a partir da constatação de que elas não eram capazes de responder às novas experiências sociais, econômicas e culturais de uma sociedade hiperconectada, em que experimentação e contestação, utilitarismo e mercado convergem no uso de tecnologias de informação e comunicação. O evento objetivava subverter o estudo da mídia em uma submidialogia assim como escapar de uma visão totalitária e utilitarista da tecnologia.

A pauta da segunda edição da conferência, realizada em 2006 em Recife e Olinda, centrou-se na recuperação pelo capitalismo, na figura de governos, empresas e instituições de arte, de conceitos e práticas ligadas à resistência e agrupadas sob a ideia de Cultura Livre. Algumas questões instigantes do evento eram refletir e elaborar alternativas para a continuidade de práticas colaborativas de conhecimento e ampliação da participação social que se distinguiam de iniciativas vazias ou cooptadas.

Autonomia e sustentabilidade, privatização da vida e aproximação de espaços públicos para troca de conhecimentos entre a cultura local e a cibercultura são os destaques da programação da terceira edição da Submidialogia, realizada em Lençóis, Bahia, em 2007. Já a quarta edição, realizada em Belém utilizou a questão do gênero, especialmente a violência contra a mulher, como mote inicial para provocar uma reflexão sobre a qualidade das relações que são estabelecidas não apenas nas famílias consanguíneas, mas nas “famílias co-letivas, co-laborativas, co-munais, co-operativas”.

Abaixo, apresenta-se um resumo sobre temas propostos nos eventos pesquisados, construído a partir de suas convocatórias e avaliações publicadas em artigos disponíveis online. É certo de que é uma redução da realidade, porém possibilita perceber algumas temáticas no âmbito das mídias táticas no contexto nacional.

Quadro 3: Resumo de momentos abordados e seus destaques

Evento	Destaques
Prov0s	• Democratização da capacidade de usar os meios de comunicação.
Festival Mídia Tática Brasil (MTB)	• Predominância de ações <i>low-tech</i> no cenário brasileiro de mídias táticas • Adoção de software livre • Início de articulação de grupos com políticas públicas em âmbito federal
Autolabs	• Oportunidade para o desenvolvimento de metodologias em situações reais de ensino-aprendizagem em um laboratório de mídias táticas com duração de seis meses.
Digitofagia	• Interesse em novas ecologias de produção: informalidade e pirataria. • A gambiarra como expressão do “faça você mesmo”. • Influência da antropofagia cultural proposta por Oswald de Andrade.
Submidialogia	• Sub # 1 - Problematizar a necessidade de novas teorias para novos contextos. A inutilidade de usar velhos paradigmas para situações inéditas. • Sub #2 – Recuperação de conceitos de resistência pelo capitalismo. • Sub #3 – Autonomia e sustentabilidade, privatização da vida e aproximação de espaços públicos para troca de conhecimentos entre a cultura local e a cibercultura. • Sub #4 – Questões de gênero como mote para pensar a qualidade das relações estabelecidas no contexto mais amplo da sociedade.

Fonte: elaboração própria

4.2 Influências no campo das mídias táticas no Brasil

O levantamento realizado para este trabalho a partir do registro de mensagens em diversas listas de discussão, artigos e publicações no campo das mídias táticas revela diversas referências e influências. No campo teórico, destacam-se as citações ao pensamento do filósofo francês Gilles Deleuze, a partir de sua problematização de conceitos como sociedade de controle, rizoma, nomadismo e arte. Vários registros na web fazem referências ao conceito de “zonas autônomas temporárias” (em Inglês, Temporary Autonomous Zone – TAZ), nomadismo e bandos do filósofo anarquista Haikim Bey.

A ideia de hibridismo, apontada por Lovink (1997) como algo que permeia as mídias táticas não por uma questão de ideologia, fim em si mesmo, mas como uma questão de sobrevivência em uma realidade, ganha novas nuances na cultura brasileira a partir de sua aproximação ao conceito de antropofagia cultural proposto por Oswald de Andrade na década de 1920. O conceito é muito citado em textos selecionados da lista de discussão Digitofagia e publicados na versão “*Digito Cook Book*”. O manifesto antropofágico é, inclusive, reescrito por *DJ Rabbi*.

Percebe-se também a influência do movimento Situacionista, movimento de esquerda fundado na década de 1950 e que reuniu poetas, cineastas, artistas plásticos para realizar intervenções contra a sociedade de consumo e a cultura mercantilizada, sendo Guy Debord, autor do célebre livro “*A Sociedade do Espetáculo*”, um de seus principais expoentes. O grupo ficou famoso internacionalmente por sua atuação nas revoltas estudantis de maio de 1968 na França.

No campo teórico, a mais recente referência aos Situacionistas está no título de uma publicação lançada em 2007 e que reúne artigos elaborados após a realização da 7ª edição do encontro Submidialogia. O título “*Ideias Perigosas*” (com z mesmo) é uma citação explícita da célebre frase “*Nós queremos que as ideias voltem a ser perigosas*”. No campo prático, sua influência se materializa tanto em ações diretas inspiradas no conceito de *détournement*, quanto pela apropriação de conceitos como cartografia, psicogeografia e deriva em iniciativas que problematizam a cidade. A ação “*Mapeando Lençóis*”⁵³ (Figura 15), elaborada por Karla Brunet, utiliza a ideia de deriva, assim como o conceito de psicogeografia, como influência do meio geográfico no comportamento afetivo dos indivíduos também é explorado na ação.



Figura 15: Mapeando Lençóis, de Karla Brunet⁵⁴

⁵³ Informações sobre o projeto estão disponíveis no site <http://lencois.art.br>

⁵⁴ Imagem criada a partir de consulta aos resultados da pesquisa, disponibilizados no site www.lencois.art.br

4.3 O *do it yourself* à brasileira: a gambiarra

Segundo Stalder (2009), a origem das mídias “faça você mesmo” remonta ao final dos anos 1960, quando o lançamento de tecnologias de informação e comunicação, baratas e fáceis de utilizar, possibilitou a sua apropriação para a expressão de indivíduos que se consideravam sub-representados ou mal representados pelos veículos de comunicação de massa.

Esta primeira fase foi especialmente relevante no contexto das lutas das minorias sociais, culturais e étnicas e na propagação das mídias comunitárias baseadas em rádio e TV. Nas décadas seguintes (1970 e 1980), o aprimoramento das câmeras de vídeo viabilizou diversas TVs piratas em toda a Europa. Em meados da década de 1990, a Internet desponta como a plataforma que possibilita modificar as limitações da transmissão unidirecional, de um emissor para um receptor, impulsionando a experimentação de uma nova geração de ativistas e artistas frente às novas possibilidades da rede mundial de computadores.

O “faça você mesmo” é uma ética impregnada por referências da cultura *punk* e de uma tradição anarquista de auto-gestão, expressa no popular slogan “*DIY not EMI*”, como rejeição às grandes gravadoras, exemplificada aqui pela corporação multinacional EMI. Jello Biafra, vocalista da banda The Dead Kennedys, resume esta ética no lema “*Don’t hate the media, be the media*”⁵⁵ como estímulo a criação de novas formas de comunicação com o público. Surgem fanzines com uma estética marcada pelo uso de fotocopiadoras, esquemas de produção independente e distribuição de música via Correio.

É possível vislumbrar que o conceito “faça você mesmo” presente na ética *punk* tenha sido recuperado nas ações da indústria em tornar seus produtos mais acessíveis tecnicamente ao grande público, de modo a expandir seu mercado consumidor de um grupo restrito de especialistas que detinham o conhecimento necessário para operar objetos técnicos à uma população leiga, capaz de utilizar aparelhos simplificados. Este seria um “faça você mesmo” planejado pela indústria no sentido de facilitar o uso de determinados equipamentos, popularizando, massificando, expandindo o seu mercado. Sua estratégia é tornar o leigo apto a partir da simplificação do aparato. Algo como um “não me faça pensar.”

Na contramão, o conceito de gambiarra se revela mais potente uma vez que ela é um processo e também um produto que amplifica a capacidade do sujeito não pela simplificação do aparato, mas pelo aumento do conhecimento do indivíduo sobre o artefato. Para inventar

⁵⁵ Este lema é posteriormente adota pelo Centro de Mídia Independente.

uma gambiarra, é necessário abrir, desmontar e reconstruir a “caixa preta”, um processo de experimentação através da tentativa e erro, que estimula o engenho, a invenção, a adaptabilidade frente às condições dadas. Ou seja, a gambiarra é um processo duplo, de desmistificação da tecnologia e de valorização da capacidade inventiva do sujeito. Mobiliza-se conhecimento existente para em seguida ampliá-lo a partir de uma aquisição (não bancária) de novas informações.

Não é difícil identificar a gambiarra como elemento da cultura nacional e expressão do famoso jeitinho brasileiro. Ela está presente em um cotidiano em que a necessidade e a falta de recursos é a fonte da criatividade de inventos. Na cultura popular, a gambiarra é sinônimo de improviso, de algo que funciona como um quebra-galho e que resolve problemas reais em uma sociedade na qual faltam recursos para a maioria da população. Ela é um processo inventivo, de reapropriação, adaptação e transformação de materiais disponíveis em uma forma alternativa de *design* e que possibilita a criação de soluções improvisadas para demandas reais, podendo passar de solução momentânea à permanente. A gambiarra é aplicada em diversas áreas como resultado da astúcia daquele que a constrói, contrapondo-se à ideia de solução planejada, projetada a partir de métodos pré-definidos.

No campo digital, a gambiarra permite escapar radicalmente da obsolescência programada pela grande indústria de informática e de eletrônicos. Segundo a Lei de Moore, a capacidade de processamento dos *chips* duplica a cada 18 meses sem que haja aumento de custo. Este constante *upgrade* das capacidades técnicas é responsável pelo lançamento sequencial de novos aparatos, cujas campanhas publicitárias mobilizam desejos de atualidade e alta performance, induzem ao consumo de novos bens e ao descarte de aparelhos que, de um dia para o outro, se tornam falsamente obsoletos e recomendáveis de troca. Rosas (2004) destaca que a *low-tech* da gambiarra é rica em conhecimento e vem demonstrando na prática que a obsolescência tecnológica, programada pela indústria de tecnologia de informação, pode ser superada. No entanto, conforme indica Chico Caminati em mensagem registrada na lista Digitofagia, ela não é fim em si mesma e não deve ser fetichizada⁵⁶.

Para Rosas (2006), a gambiarra é uma prática “endêmica” no Brasil. Por isso, sugere a elaboração de uma teoria que contemple esta práxis tão comum - o que demanda o abandono de preconceitos e de um certo esnobismo em relação às práticas de ambulantes, camelôs e áreas de favela. Ele identifica que tais práticas também fazem parte da cultura *geek* de reinvenção e testes de softwares, midiativistas e praticantes de mídias táticas.

⁵⁶ Mensagem enviada em 9 de agosto de 2004 na lista Digitofagia e publicada em WELLS, Tatiana; RUIZ, Ricardo. *Digito Cook Book*, 2006

A gambiarra é, sem dúvida, uma prática política. Tal política pode se dar não apenas enquanto ativismo (ou ferramenta de suporte para ele), mas porque a própria prática da gambiarra implica uma afirmação política. E, consciente ou não, em muitos momentos, a gambiarra pode negar a lógica produtiva capitalista, sanar uma falta, uma deficiência, uma precariedade, reinventar a produção, utopicamente vislumbrar um novo mundo, uma revolução, ou simplesmente tentar curar certas feridas abertas do sistema, trazer conforto ou voz a quem são negados. A gambiarra é ela mesma uma voz, um grito de liberdade, de protesto ou, simplesmente, de existência, de afirmação de uma criatividade inata. (ROSAS, 2006, p. 47)

4.4 Apropriação da rede pelas mídias táticas no Brasil

O levantamento realizado durante a pesquisa de campo indicou que os grupos de mídias táticas no Brasil atuam tanto no espaço público da cidade, através de intervenções urbanas, como pela Internet, utilizando diversas táticas.

No campo digital, nota-se que o uso de serviços e ferramentas on-line é bastante flexível. Registra-se a utilização de listas de discussão e serviços de troca de mensagens instantânea como ferramenta de apoio à socialização de informação; sistemas de gestão de conteúdo livres como o Drupal e wikis para a construção coletiva de conhecimento, incluindo a elaboração de projetos; sites e blogs como espaços de divulgação de ações tanto em plataformas privadas como o Blogspot ou em domínios próprios, utilizando gerenciador de conteúdo WordPress. Acredita-se que o fato de não haver uma predileção por um determinado serviço ou aplicação on-line se dá por uma relação não-fetichista com a tecnologia. Ou seja, elas são adotadas e utilizadas enquanto atendem às demandas imediatas dos grupos ou coalizões temporárias.

Há um movimento orgânico de desaceleração do uso dos meios até alcançar a inatividade completa. Isto é perceptível em espaços que parecem abandonados, mas que na verdade tornaram-se inativos pelo esvaziamento natural da conclusão de uma ação, da migração de participantes para outros interesses. De plataformas operacionais passam a local de memória - o que representa uma oportunidade para pesquisadores acessarem informações sobre ações, temas de interesse, mobilizações, etc. Este é o caso do site Mídiatática.info que reúne extensa documentação sobre o contexto brasileiro – ainda que algumas seções estejam temporariamente indisponíveis.

Percebe-se ainda uma tendência a optar por soluções livres. A gradativa transferência de listas de discussão de serviços comerciais como Yahoo para ferramentas livres como o

Riseup.net é um exemplo disto. Nota-se também um uso frequente da rede para ações de ativismo, conforme proposto por Denning (2001), em apropriações da rede com o objetivo de socializar informação relevante sobre causas, promover debates, formar coalizões, planejar e coordenar atividades de uma causa específica. São alguns exemplos o site Mídiatática.info, que reúne informações sobre eventos e ações no campo das mídias táticas; Radiolivre.org, uma plataforma de informações e serviços para ativistas das rádios livres⁵⁷; Sarava.org de desenvolvimento de softwares livres e MetaReciclagem.org, da rede homônima.

Abaixo, apresentam-se mais detalhadamente quatro ações em mídias táticas no Brasil. O critério de seleção das iniciativas aqui aprofundadas é a identificação de que eles podem contribuir para o melhor entendimento sobre os limites e as possibilidades da apropriação da Internet por ações de resistência.

Os primeiros três casos foram escolhidos por atuarem nas três camadas estruturais da Internet. A camada de infra-estrutura, composta pela rede física, satélites e cabos submarinos, e seu respectivo acesso e uso é problematizado pelo “O Movimento dos Sem Satélite – MSST”. A camada lógica, dos protocolos, é discutida a partir da experiência artístico-acadêmica “assina: do texto ao contexto” e a utilização de mecanismos de otimização de serviços de busca (*search engine optimization* – SEO, em Inglês). Já a camada de conteúdo é abordada pelos mecanismos de censura ao blog-paródia “Falha de São Paulo” em batalha judicial empreendida pelo grupo Folha de São Paulo. Por último, o conceito de Metareciclagem e seu desenvolvimento em princípios, metodologias e ações, contribui para a reflexão sobre o imbricação das lógicas técnicas e das lógicas sociais que definem a apropriação social da rede.

4.4.1 Movimento dos Sem Satélite – MSST

O Movimento dos Sem Satélite (MSST) aborda a questão da autonomia das pessoas frente a sistemas de comunicação construídos, regulados e monopolizados pelo Estado e empresas privadas, tendo como objeto privilegiado de discussão o satélite - aparato industrial, lançado ao espaço por corporações e setores governamentais para atender diversas demandas, destacando-se seu uso nas telecomunicações em sistemas de rádio e televisão e serviços em plataformas em movimento, como celulares, automóveis, aviões e conexão *wi-fi* à Internet.

⁵⁷ As rádios livres propõem transformar uma população acostumada ao papel de ouvinte em participante plenos dos meios de comunicação, atuando como locutores, programadores, etc. A questão da audiência é secundária. Elas diferem das rádios comunitária, em que um grupo assume para si o dever de informar a população de uma determinada localidade, constituindo-se como um veículo alternativo de comunicação.

Segundo Glerm Soares, em entrevista concedida à Revista Global Brasil (TARIN, 2010), “a sigla MSST foi criada como uma brincadeira durante encontros de conhecimentos livres promovidos pelo ciberativismo midialivrista brasileiro, como uma espécie de chiste sobre a condição de luta de classes na tecnocracia”. E alerta que a iniciativa não se resume a satélites ou computadores, mas é um questionamento sobre a relação dos indivíduos com a tecnologia no sentido de que ela seja utilizada sem que as pessoas sejam consumidas pelo fetiche tecnológico da indústria da computação e da comunicação.

Questionamentos propostos por Lúcio Araújo (2010) no blog⁵⁸ do movimento como “Quem faz satélites? Para quais fins? Sabe algo sobre as intenções desses fabricantes? Concorda com isso? O que é possível fazer com isso?” colocam luz sobre a questão da subordinação tecnológica em uma sociedade hiperconectada e tecnocrática, mas cuja apropriação social do satélite é ainda um horizonte distante, mas possível.

Tais questionamentos não encontram uma resposta única. Para Vianna (TARIN, 2010), uma característica do MSST é ser um movimento de “não-bandeira”. Assim, participantes não falam em nome de um movimento unificado, mas apenas por si mesmos. Diversas conceituações sobre “o que é o MSST” são encontradas no site da iniciativa, mas, de modo geral, as respostas destacam a atual condição passiva, de mero consumidor, ao qual as pessoas foram reduzidas, frente as inúmeras possibilidades de apropriação das tecnologias. Vislumbra-se no movimento uma oportunidade de tomada de consciência desta circunstância e espaço privilegiado para ações em sentido contrário. Ou seja, por uma reapropriação do espectro.

O documentário produzido por Bruno Vianna, do MSST, sobre o satélite bolinha, apelido dado a um aparato da Marinha norte-americana que é utilizado por rádio-amadores brasileiros, revela o uso não autorizado de um satélite geoestacionário localizado em uma área nobre do espaço, chamada Cinturão de Clark, próximo à Linha do Equador, onde cerca de três mil satélites disputam cada centímetro. A possibilidade de uso não autorizado do bolinha está na sua tecnologia aberta, que o faz funcionar como um repetidor, sem oferecer qualquer tipo de bloqueio à transmissões, servindo tanto ao poderoso setor militar norte-americano quanto madeireiros e caminhoneiros da Amazônia a partir do uso de materiais e técnicas rudimentares.

Técnicos entrevistados no documentário ressaltam que outros usuários do bolinha são as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) com a rádio Colômbia Libre e Fernandinho Beira Mar, o traficante carioca que teria sido localizado a partir da triangulação

⁵⁸ Post “MSST entrevista Lúcio Araújo”, disponível em <http://devolts.org/msst/?p=192>. Acesso em 12/12/2010.

de sinais neste satélite. Ainda que estes usos sejam factíveis, vale destacar que a associação entre a liberdade de uso e a criminalidade é um argumento constante do lado conservador nos embates sobre as telecomunicações para cercear usos que não passem pelo controle governamental ou mercantil.

Privilegiando a imaginação como campo de atuação, o documentário do MSST indica que aparatos desta magnitude, até então considerados intocáveis, podem ser acessados e reapropriados de forma a servir a diversos usos além do desenhado originalmente. No entanto, o uso não autorizado levou ao indiciamento de uma pessoa com base na lei de telecomunicações por “uso indevido de frequência” e apreensão de gambiarras tecnológicas.

Movimentos sociais como o Movimento dos Sem Terra e Movimento dos Sem Teto são referências para o MSST, na opinião de Vianna (TARIN, 2010), pois ultrapassaram os limites da causa específica da ocupação, rural ou urbana, e se dedicam a uma luta por autonomia, por “uma soberania popular”. Se não é nada trivial realizar uma ação direta e ocupar um satélite, é possível lutar, no campo do imaginário, pela autonomia na comunicação em escala global.

Para o MSST, abordar a questão dos satélites não é pensar apenas em aparatos tecnológicos como objetos separados da realidade, mas vislumbrar e construir, a princípio no campo do imaginário, um sistema global, aberto e autônomo de comunicação que permita a transmissão de informações e o compartilhamento de conhecimento de modo a reverter uma “cultura de consumo autodestrutiva”. Em um modelo aberto, cuja camada lógica e fluxo de dados fossem públicos, a apropriação social de satélites permitiria que a informação e conhecimento fossem utilizados para o benefício da humanidade e não a sua alienação.

O MSST mobiliza o campo simbólico para a criação de “cenários imaginários” que podem influenciar a construção do futuro⁵⁹, indicando que a infra-estrutura de telecomunicações deve servir a objetivos mais socialmente relevantes do que a simples exploração de serviços por empresas privadas ou controle governamental. Esta é uma luta antiga de movimentos que questionam as concessões públicas de televisão e rádio, atualizada para um momento em que a sociabilidade é transformada pela hiperconexão.

4.4.2 Falha de São Paulo

⁵⁹ Vale destacar apenas como incursão anterior no campo simbólico, da criação de cenários imaginários que podem influenciar o futuro, o licenciamento do filme “Cafuné”, dirigido por Bruno Viana, em Copyleft. Se a prática consagrada é de obra fechada com narrativa definida pelo diretor, Bruno Viana apresenta uma história que pode ser remixada tanto em seu desenvolvimento quanto no final. Algumas recombinações estão disponíveis no Youtube.

Em setembro de 2010, os irmãos Mário e Lino Biolchini criaram o blog-paródia chamado Falha de São Paulo, um trocadilho com o nome de um dos principais jornais brasileiros, a Folha de São Paulo, cujo objetivo era criticar, de forma satírica, a cobertura do diário paulista da campanha de Dilma Rousseff à Presidência do Brasil. Para tanto, os autores utilizaram não apenas um some assemelhado ao do jornal em seu domínio como também estabeleceram uma referência visual à logomarca do periódico, utilizando seu padrão de fonte e cor, porém alterando o slogan “um jornal a serviço do Brasil” para “um jornal à serviço do Brazil” (Figuras 16 e 17). O uso da letra z no nome do país indica que seus interesses não representam os interesses nacionais.



Figuras 16 e 17: Comparação entre logomarca do jornal Folha de São Paulo e do blog paródia Falha de São Paulo⁶⁰

A paródia brasileira tornou-se uma das sensações da Internet no período pré-eleitoral. No blog-paródia Falha de São Paulo, além de *posts* e fotomontagens que criticavam os principais jornalistas do periódico, também era possível criar uma primeira página (Figura 18) contra a candidata petista, com gracejos do tipo “Dilma atirou o pau no gato”. O objetivo era ridicularizar a cobertura do jornal sobre a adversária política de seu não-declarado candidato, o “tucano” José Serra.

⁶⁰ Fontes: Site da Folha de São Paulo e arquivos do Falha de São Paulo disponíveis na rede



Figura 18: Gerador de manchetes do Falha⁶¹

As críticas à postura do jornal não ficaram restritas ao blog Falha de São Paulo, mas proliferaram pelo Twitter, através da socialização das manchetes criadas por usuários e a inclusão da *hashtag* (palavra-chave) #DilmafactsbyFolha. Segundo *post*⁶² publicado no blog “O biscoito fino e a massa”, a *hashtag* foi criada pelo usuário @eduu27 em 5 de setembro de 2010 quando publicou a mensagem “Vamos criar o #DilmaFactsByFolha. “Dilma serviu o café de Ronaldo no dia da final da Copa de 1998”. A *hashtag* se propagou pela rede de forma voluntária e descoordenada até atingir o 2o lugar do *trending topics* mundial do Twitter – lista que divulga as palavras mais mencionadas no serviço de *microblogging*.

Se o burburinho dos usuários do Twitter não gerou nenhum tipo de represália por parte da Folha, o mesmo não pode ser dito sobre o blog. Menos de um mês após o seu lançamento, Mario e Lino Biolchini foram notificados como réus em um processo judicial iniciado pelo jornal, cuja principal alegação era uso indevido da marca. Os autores do blog afirmam que não houve qualquer tentativa de contato ou diálogo prévio.

O blog-paródia foi retirado do ar no dia 30 de setembro de 2010 através de uma liminar baseada no argumento de que o site incorria em “uso indevido da marca”⁶³. Após o estabelecimento de uma multa diária no valor de R\$ 10 mil em caso de descumprimento da determinação, o blog foi transferido pelos irmãos para um novo endereço, o <http://desculpeanossafalha.com.br> e adotou um design distinto, que não remete a elementos gráficos ou programação visual utilizada pelo jornal. Além disso, a sentença determinou que o

⁶¹ Fonte: www.falha.co.cc

⁶² O post chama-se “#DilmaFactsbyFolha: Crônica da Desmoralização de um Jornal” e está disponível em http://www.idelberavelar.com/archives/2010/09/dilmafactsbyfolha_cronica_da_desmoralizacao_de_um_jornal.php. Acesso em 02/01/2011

⁶³ Como nada se perde na rede, alguns registros da Falha de São Paulo podem ser encontrados on-line em domínios fora da jurisdição da Justiça brasileira. Alguns posts foram anonimamente republicados no endereço <http://falhadespaulo.tumblr.com> e o gerador de manchetes está em <http://www.falha.co.cc>.

Registro.br está proibido de registrar qualquer domínio parecido com o nome do jornal. Há ainda uma segunda liminar que solicita indenização financeira por danos morais, cujo valor será determinado no momento de seu julgamento.

O paradoxo do caso Folha *versus* Falha é a sua não aceitação do recurso do humor como forma de crítica. No ano anterior (2009), o jornal foi processado pela atriz Juliana Paes por causa de uma piada publicada na coluna de José Simão⁶⁴. A atriz solicitou à Justiça que o colunista fosse impedido de publicar qualquer comentário com o seu nome – o que foi considerado pelo jornal como uma censura prévia ao seu conteúdo e infração da liberdade de expressão e de imprensa. Ao perder o processo iniciado pela atriz, a advogada Taís Gasparin, declarou que a decisão “trata o humor como ilícito, no fim das contas, é a mesma coisa do que censura.”⁶⁵. No entanto, no caso da Falha, a advogada (e seus clientes) não acharam graça dos usos cômicos dos irmãos Mario e Lino.

Assim como o ®TMark se aproveitou da oportunidade de encontrar um domínio disponível para satirizar a campanha do então candidato à Presidência dos Estados Unidos com o site GWBush.com, os irmãos Mário e Lino Biolchini criaram o blog-paródia Falha de São Paulo para contestar o diário paulista. Em ambos os casos, a tática baseou-se em dois passos relativamente simples. Primeiro, a localização da disponibilidade de um domínio parecido ao do seu alvo e seu respectivo aluguel através dos órgãos competentes. Depois, a reprodução de elementos gráficos que remetem ao original, alvo da crítica. Se as iniciativas usam táticas similares, ®TMark e Falha de São Paulo diferem radicalmente quanto ao nível de similaridade entre os sites de crítica e seus respectivos alvos.

O ®TMark reproduziu, com exatidão, a programação visual do site de George W Bush, copiando seu código fonte, disponível com um clique no botão direito do mouse sobre a página original. Depois, ele foi implementado no endereço falso, executando as devidas customizações, especialmente textuais, necessárias ao objetivo traçado. A tática da Falha de

⁶⁴ A piada publicada pela Folha e que iniciou o processo da atriz Juliana Paes contra o comentarista José Simão brincava com o duplo sentido da palavra casta, cujos significados remetem tanto ao sistema social estratificado da Índia e a castidade de uma mulher. Seu texto era: “A Juliana Paes é da casta das gostosas. Aliás, a Juliana Paes não é nada casta! A Juliana Paes é da casta das nada castas! E sabe o que um amigo meu vai gritar no casamento com a bananeira? Juliana Paes, quero descascar a minha banana! E você prefere a Juliana Paes na Índia ou na “Playboy”? Na “Playboy”, porque o bumbum da Juliana é um abuso de autoridade. É uma afronta ao nu frontal. Rarárá! E aquele guru da novela parece o dono do Bahamas, o Maroni. Careca como um vibrador. Da casta dos vibradores! Rarárá [...] Viva o Brasil. Viva o antitucanês! E atenção! Cartilha do Lula. Mais um verbete pro óbvio lulante. “Banalidade”: companheira Juliana Paes transando com uma bananeira de bananas! O lulês é mais fácil que o inglês. Nós sofre, mas nós goza. Hoje, só amanhã. Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno! E quem fica parado é poste!” [Folha de São Paulo, em 06/02/2009]. Fonte: <http://www.mundomais.com.br/exibemateria2.php?idmateria=675>

⁶⁵ A declaração da advogada foi publicada na Folha de São Paulo e está disponível no clipping do site Observatório da Imprensa em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=546ASP015>. Acesso em 02/01/2011.

São Paulo pode ser considerada bastante modesta em relação a do ®Tmark, pois não reproduziu a estrutura e a navegação do site alvo, restringindo-se a usar uma estrutura de blog, cuja principal característica é o formato de diário, com *posts* organizados por ordem cronológica inversa (da mais recente para a mais antiga) enquanto a versão on-line da Folha de São Paulo é sofisticada e apresenta chamadas para cadernos, seções, blogs de jornalistas, multimídia, comércio eletrônico e outros serviços (Figuras 19 e 20).



Figuras 19 e 20: Primeira página dos sites do jornal Folha de São Paulo e do blog-paródia Falha de São Paulo⁶⁶

A comparação da programação visual e da navegação dos sites revela que a alegação da Folha de que “uso indevido da marca induz o consumidor em erro” (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE SÃO PAULO, p. 4) e que “um erro de digitação pode levar o consumidor mais desavisado a crer que o referido site é criado e publicado pela autora” (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE SÃO PAULO, p.9) é inadequada, para dizer o mínimo. Além da questão estrutural das páginas, a utilização dos elementos gráficos da logomarca da Folha de São Paulo pela Falha faz referência à sua versão impressa, que é diferente da on-line (Figuras 21 e 22).

⁶⁶ O endereço eletrônico da Folha de São Paulo é www.folhadespaulo.com.br. A primeira página do blog Falha de São Paulo foi localizada em arquivo de terceiros no dia 02/01/2010. Disponível em http://29.media.tumblr.com/tumblr_l9n0wusC3c1qe3su3o1_r1_500.jpg.



Versão impressa



Versão on-line

Figuras 21 e 22: Logomarca da Folha de São Paulo em suas versões impressa e on-line

A ação do jornal paulista contra o blog-paródia vem sendo criticada na blogosfera. Para os autores da Falha e centenas de blogueiros e ativistas pela liberdade de expressão e de imprensa, o caso Folha *versus* Falha fortalece uma perigosa tendência de censura e intimidação das vozes divergentes, inviabilizando qualquer tipo de manifestação contrária aos interesses do mercado e de grupos econômicos poderosos. A repercussão do caso abrange mais de 160 registros, listados na seção *clipping*⁶⁷ do “Desculpa a nossa falha”. Recentemente, um abaixo-assinado on-line⁶⁸ pela liberdade de expressão e o direito à informação foi lançado na rede, abordando o caso Falha de São Paulo e outras ações judiciais contra o Centro de Mídia Independente do Brasil e o Wikileaks.

Tais embates mostram que o uso da Internet como espaço de resistência é um campo em disputa, na medida em que a rede pode ser regulada por instâncias jurídicas e econômicas. A estratégia de contra-ataque do jornal utilizou tanto a ordem jurídica, que através de processo e liminares impedem o registro e funcionamento de sites com domínio assemelhado, quanto a ordem econômica, pelo estabelecimento de multas tão altas que se constituem como um aviso prévio e inibidor de iniciativas futuras.

O caso Falha de São Paulo não é primeiro que atinge a liberdade de expressão da comunidade blogueira no Brasil, tampouco é a primeira investida da Folha baseada em uso indevido da marca. Em dezembro de 2009, o jornal notificou extrajudicialmente o blog Arlesophia⁶⁹ pela publicação de *banners* (Figura 23, 24 e 25) de uma campanha pelo cancelamento da assinatura do jornal e do Uol, portal que abriga iniciativas do grupo Folha⁷⁰.

⁶⁷ O clipping com a repercussão Folha versus Falha está disponível em <http://desculpeanossafalha.com.br/quem-ja-noticiou>. Acesso em 02/01/2010.

⁶⁸ O abaixo-assinado online está disponível em <http://www.petitiononline.com/wlBrasil/petition.html>. Acesso em 02/01/2011.

⁶⁹ O endereço do blog Arlesophia é <http://www.arlesophia.com.br/>

⁷⁰ Post sobre a notificação extrajudicial da Folha de São Paulo disponível em <http://www.arlesophia.com.br/?p=2601>



Figuras 23, 24 e 25: Banners da campanha pelo cancelamento da assinatura da Folha e do Uol lançada pelo blog Arlesophia⁷¹

A ação informal contra o blog Arlesophia aconteceu um ano antes do caso Falha de São Paulo e já havia despertado a atenção de blogueiros. A professora de História Maria da Conceição Carneiro Oliveira, responsável pelo blog Maria Fro, já havia alertado sobre a

⁷¹ As imagens foram publicadas pelo jornalista Rodrigo Vianna em seu blog “Escrevinhador”. Disponível em: <http://www.rodrigovianna.com.br/radar-da-midia/essa-nao-e-uma-campanha-para-cancelar-a-folha.html>

necessidade de criar campanhas satíricas e bem humoradas sem utilizar a logomarca do jornal de modo a não abrir precedente legal para ações judiciais⁷². Tal observação é pertinente para diminuir as probabilidades de uma batalha jurídica entre as partes, mas também enfraquece a tática de *culture jamming* na medida em que ela precisa estabelecer uma relação direta com uma lembrança, consciente ou inconsciente, do contexto original em que tais elementos são utilizados.

A Falha de São Paulo caracteriza-se como uma iniciativa contra-hegemônica, atuando como uma espécie de observatório de imprensa que se dedica a apenas um veículo de comunicação. O blog-paródia não pretende confundir o leitor pelo uso de uma programação visual idêntica ao jornal criticado, mas aproximar o leitor do fazer político através do humor, retirando o aspecto carrancudo desta atividade. Do ponto de vista tático, aproveita a disponibilidade de um domínio (infra-estrutura) assemelhado ao do seu alvo para criar um espaço de crítica (conteúdo). Porém, esta ação ganhou maior relevância quando seus trocadilhos caíram no gosto dos internautas, iniciando um movimento de *swarm* via Twitter contra a Folha de São Paulo.

4.4.3 Projeto “assina: do texto ao contexto”⁷³

O pesquisador e professor de mídia, arte e comunicação digital Cícero Inácio da Silva propõe uma discussão artístico-acadêmica sobre aspectos autorais na Internet a partir da sua pesquisa para tese de doutorado “assina: do texto ao contexto” em que investiga regimes de autenticidade e autenticação no campo científico, questionando critérios como nome, texto, legibilidade, reconhecimento, entre outros (DA SILVA, 2004).

Suas intervenções partem da construção de páginas de institutos e artigos *nonsense* batizados com o nome de pensadores consagrados, como Gilles Deleuze ou Platão, e a elaboração de falsas revistas acadêmicas (Figura 26) que apresentam um número de ISSN que não se relaciona com o International Standard Serial Number, necessário para que estas publicações sejam consideradas conceituadas, mas corresponde à sigla de “Interstellar Synchronism Setup Noise”, um trote do autor. Apesar de informar que os sites se tratam de uma pesquisa acadêmica e experimento artístico no rodapé das páginas iniciais das supostas revistas, Cícero relata ter encontrado pelo menos duas citações de algumas de suas criações

⁷² Post “Aviso aos amigos blogueiros sobre o uso da logomarca na campanha contra a Folha” disponível em <http://mariafro.com.br/wordpress/?p=1527>

⁷³ Mais informações no site do autor: <http://www.cicerosilva.com>

em dissertações de mestrado. Além disso, corresponde-se regularmente com interessados em publicar em suas revistas-experimento.



Figura 26: Logomarca da revista Semiologique e Semiotique ⁷⁴

Este projeto problematiza por que a questão da autoria ainda nos é tão cara se, aos quatro cantos, é propalada a ideia de que o autor morreu. Quando um texto sem sentido, creditado a Gilles Deleuze, por exemplo, é utilizado por um estudante ou pesquisador, revela-se que o critério de análise está falho frente à eficiência da tecnologia em criar resultados de busca a partir do uso de palavras-chave em suas páginas ou manipulação de algoritmos de ferramentas de recuperação de informação on-line. A ação dialoga com os questionamentos de Lovink (2008) sobre a atual tendência de confiar excessivamente e acriticamente nos mecanismos de busca, o que estaria constituindo uma “Sociedade da Consulta” (*Society of the Query*, no original em Inglês), em que a capacidade de questionar vem sendo substituída pelo ato de buscar.

O projeto “assina: do texto ao contexto” direciona sua crítica à lógica de trabalho no universo acadêmico, mas também destaca o poder concentrado em ferramentas de busca na Internet e as possibilidades de manipulação de resultados. Esta situação é especialmente crítica na medida em que em uma sociedade hiperconectada há uma tendência inexorável de que a rede se torne a principal fonte de informação para milhares de pessoas. Assim, as ferramentas de recuperação de informação ocupam lugar privilegiado, mediando o usuário e as informações que ele pretende localizar na rede.

O uso de técnicas de otimização de resultados em ferramentas de busca (*search engine optimization* – SEO, em Inglês) busca melhorar o posicionamento de um site na página de resultados apresentada pelas ferramentas de busca, gerando mais visitas para um site frente a seus concorrentes. A ordem dos resultados apresentados seguem critérios de relevância definido tanto por atributos internos das próprias páginas (*on-page*) quanto critérios externos (*off-page*).

⁷⁴ Imagem disponível em <http://semiologiesemiotique.tripod.com/index.htm>

Assim, o projeto “assina: do texto ao contexto” se destaca pela manipulação da lógica operacional das ferramentas de busca contra elas mesmas, aproximando-se da concepção de tática como mobilização de ações e recursos que minam a força e os efeitos das ações de opositores. Sua tática revela maneiras criativas de interferir no PageRank do Google, confundindo-o em seus critérios de popularidade e relevância, expondo que na sua força pode estar a sua fragilidade, pois é possível confundir, embaralhar e desorganizar seu sistema de recuperação de informação.

Se a questão da manipulação intencional de resultados já se mostra importante, Lovink (2008) julga mais relevante destacar a crescente dependência de uma ferramenta de busca, o Google, cuja tendência é se tornar a única responsável pela organização da recuperação de informações na Internet a partir de um critério de relevância se baseia mais na popularidade do que a veracidade das informações. Para o autor, esta dependência se constrói pela ascensão de um discurso que legitima computadores como aparatos técnicos que trarão as soluções de nossos problemas, recuperando contribuições anteriores de Joseph Weizenbaum, e das atuais adversidades no campo educacional – questões que mobilizam o autor de “assina: do texto ao contexto”.

4.4.4 MetaReciclagem

O projeto MetaReciclagem surgiu a partir da lista de discussão Metá:Fora⁷⁵, criada em junho de 2002 por Felipe Fonseca e Hernani Dimantas, cujo principal objetivo era promover a interação entre pessoas interessadas nas novas tecnologias, seus impactos sociais e efeitos. Ao longo do tempo, outras mais pessoas se ajuntam ao grupo inicial, transformando a lista de discussão em um espaço privilegiado para a identificação de afinidades, experimentação e elaboração de projetos coletivos em arte, design, educação e tecnologia.

Uma de suas primeiras ações envolveu a reutilização de computadores considerados obsoletos para a criação de laboratórios de informática em comunidades empobrecidas a partir da doação de computadores captadas pela organização não governamental Agente Cidadão, em São Paulo. Por isso, algumas pessoas podem confundir esta iniciativa com um projeto de inclusão digital. No entanto, considera-se inapropriado incluir a MetaReciclagem nesta

⁷⁵ Outros projetos elaborados neste âmbito foram o Recycle um Político de reutilização criativa de materiais publicitários de candidatos durante campanha eleitoral: o portal de informações para o Terceiro Setor em formato *open publishing* chamado MetaONG, entre outros. (FONSECA, s/d)

categoria na medida em que seus próprios integrantes rejeitam esta acepção, contaminada por uma visão liberal do acesso à tecnologia.

A questão é que a maioria das iniciativas brasileiras no campo da inclusão digital se resume, ainda que o discurso possa ser muito mais progressista do que a ação efetiva, apenas ao treinamento de pessoas de baixa renda nos principais softwares proprietários utilizados por empresas potencialmente empregadoras. Nestes projetos, dominar uma tecnologia se resume à obtenção de certo grau de destreza na utilização de aplicativos que o mercado valoriza - o que representa um aumento da empregabilidade dos alunos. A cidadania aqui se realiza através da conquista do emprego. De preferência formal, com carteira de trabalho assinada. Vários integrantes identificam o Comitê para Democratização da Informática (CDI) como exemplo desta concepção, a qual rejeitam⁷⁶.

A MetaReciclagem adota uma perspectiva mais potente do que a maioria dos projetos de inclusão digital na medida em que seu objetivo de “reapropriação da tecnologia para a transformação social” vai além da questão da empregabilidade, ainda que ela possa ser indiretamente contemplada. A iniciativa problematiza a relação entre pessoas e computadores, desenvolvendo pesquisa e alternativas tecnológicas livres e flexíveis. Por isso, a reutilização de computadores não é concessão para viabilizar a reutilização de máquinas doadas, mas oportunidade real para desmascarar a obsolescência programada pela indústria da informática e escapar da lógica capitalista de reposição contínua de equipamentos. Além disso, contribui para a diminuição do lixo tecnológico.

O grupo desenvolveu diversos tipos de atividade. Registram-se a sua participação em eventos pontuais como o Festival Mídia Tática Brasil, que começou a ser estruturado na lista de discussão na Metá:Fora e contou com um laboratório com cinco micros (FONSECA, 2009, p. 20); Autolabs; na montagem de telecentros temporários e na realização de oficinas em centros comunitários; Parque Escola na perspectiva de criação de um centro de reciclagem que reutilizasse computadores obsoletos para a capacitação tecnológica de catadores de lixo (FONSECA, 2009, p. 43). Destaca-se ainda sua influência na elaboração de políticas públicas do MinC que resultaram nos Pontos de Cultura. Alguns de seus membros chegaram a trabalhar no Governo Federal com a intenção de “hackeá-lo”, mas a experiência não foi considerada de todo proveitosa (FONSECA, FOINA, FREIRE, 2006) .

Ao longo do tempo, a MetaReciclagem deixou de ter cara de projeto, com um leque de ações mais ou menos estabelecidas, e tornou-se uma ideia, um conceito que vincula

⁷⁶ Mensagens de desagravo ao trabalho do CDI e a sua concepção da chamada “inclusão digital” foram reproduzidas no documento 1o Mutirão da Gambiarra (FONSECA, 2009, ano, p. 33-38)

apropriação tecnológica e transformação social, em sentido amplo e aberto à transformações e apropriações, além de uma metodologia.

Sua metodologia é descrita no Livro Verde da MetaReciclagem (FONSECA et all, 2006) e se inicia com a etapa de infra-estrutura que inclui tanto a parte tecnológica quanto a alocação de um espaço físico. Em relação aos equipamentos, arrecada-se computadores antigos e prepara-se as máquinas para reutilização, incluindo a sua transformação em peças mais lúdica através da pintura de gabinetes e monitores⁷⁷. Por fim, instala-se o sistema operacional Linux e softwares livres necessários a realização de oficinas e cursos.

Além do reuso de computadores considerados obsoletos, a ideia de MetaReciclagem prevê a valorização de conhecimentos individuais em formas colaborativas de trabalho, incluindo o desenvolvimento de soluções livres em software, desde a sua concepção à escritura do código, diminuindo gradativamente a dependência de tecnologia proprietária e transformando o usuário de cliente passivo em um sujeito propositivo e “fazedor”.

Na metodologia da MetaReciclagem, a apropriação da tecnologia começa pelo conhecimento do hardware. Por isso, é preciso desmistificar a máquina, conhecer seus componentes, desmontá-la e remontá-la, revelar sua “caixa preta”. Segundo Veloso (2008), a imagem de um computador aberto com várias pessoas a seu redor tornou-se quase que um símbolo da MetaReciclagem.

Já a adoção de softwares livres não se restringe a aspectos técnicos que viabilizam maior sobrevida ao hardware, mas representa uma escolha política pela livre circulação do conhecimento, fortemente calcada na ideia de inteligência coletiva de Pierre Levy, em que as redes digitais de informação e comunicação constituem espaços privilegiados para a produção coletiva de saber através das interações on-line e do compartilhamento de informações. Por isso, softwares livres são indissociáveis da ideia de MetaReciclagem, que também investe fortemente na socialização de informações através de lista de discussão, ambiente on-line, *wikis*, blogs e dezenas de registros, manuais e artigos disponibilizados abertamente na rede.

A MetaReciclagem não se constitui como uma organização não governamental ou coletivo, mas “uma metodologia emergente para reapropriação de tecnologia para a transformação social” (FONSECA, s/d, p. 14), que pode ser melhor visualizada no trabalho dos chamados “esporos”. O termo é emprestado da Biologia em alusão ao processo em que o vento espalha unidades genéticas capazes de germinar e originar novas plantas. Aqui, designa

⁷⁷ A transformação estética dos computadores é considerada uma etapa fundamental na metodologia da MetReciclagem com o objetivo de desmistificar a tecnologia, aproximando-a das pessoas. (FONSECA, 2009, p. 43)

espaços fixos que adotam e praticam os princípios de MetaReciclagem por uma questão de afinidade. Eles não funcionam como franquias, escolas ou unidades padronizadas, mas são grupos autônomos que compartilham princípios e desenvolvem pesquisas e atividades para a criação de estruturas livres, reutilizando computadores, adotando software livre, criando arte com a pintura de gabinetes, etc. Já as “ConecTAZes” correspondem a ações mais pontuais com o objetivo de disseminar o conceito.

Segundo o Livro Verde da MetaReciclagem (FONSECA et al, 2006), seus princípios são:

- Apropriação crítica da tecnologia: máquinas são máquinas. Desconstruir o papel delas é tarefa fundamental de um metarecicler. Tratar a tecnologia como artesanato, como um quebra-cabeças simples, que pode e deve ser aberto, exposto, desmontado e remontado. Apropriado, enfim. Nenhuma autoridade deve ser concedida `aquele que entende mais sobre computadores. Aliás, metareciclagem não depende de computadores: metareciclar tecnologia pode começar com lápis e papel. Um metarecicler promove uma relação de aproximação com a tecnologia e com seu funcionamento.
- Ênfase na Tecnologia Social: a tecnologia (assim como o “digital”) é ampla em significado e pode ser usada para objetivos mesquinhos ou superficiais. O uso que queremos dar à tecnologia é o uso social: a tecnologia como meio para agregar pessoas que tem interesses, dificuldades, oportunidades, em comum. Um metarecicler usa a tecnologia como meio para promover a colaboração e cooperação.
- Software Livre e Conhecimento Livre: usamos exclusivamente software livre e de código aberto, nem tanto pelo custo, mas por entendermos o conhecimento como bem coletivo e livremente apropriável. No mesmo sentido, buscamos sempre a criação de repositórios de conhecimento livre com base na prática cotidiana. Um metarecicler documenta o que faz e usa a rede metarecicler para compartilhar essa documentação.
- Descentralização integrada: temos um lista de discussão justamente para integrar e promover o intercâmbio de conhecimento e oportunidades entre pessoas em diferentes espaços. (FONSECA et al, 2006, p. 7)

Ainda que seu objetivo de transformação social seja propositalmente aberto, não indicando fórmulas ou resultados específicos, pode-se afirmar de maneira simplificada que reapropriar-se da tecnologia é, neste contexto, tornar-se ativo frente à máquina. Ou seja, manipular os objetos técnicos que foram artificialmente distanciados de seus usuários. Este movimento abrange diversas formas de ação, incluindo também a criação de ambientes de circulação da informação através da Internet (FONSECA et al, 2006, p. 7).

A MetaReciclagem dissemina valores como colaboração, cooperação e invenção que se traduzem em novas maneiras de lidar com a tecnologia e que propiciam a passagem do cliente

passivo de soluções prontas e fechadas ao usuário propositivo, criativo, fazedor de suas próprias soluções.

Sua potência está na articulação do campo simbólico e do campo dos objetos técnicos que transformam as relações sociais, pois a ideia da apropriação da tecnologia para transformação social destaca a necessidade da autonomia das pessoas e a utilização de computadores como ferramenta de expressão, difusão de informação, construção de conhecimento, adaptada à realidade e as demandas daqueles que as utilizam. E não o contrário.

Neste sentido, novos valores éticos se materializam em novas práticas cotidianas. A articulação entre os dois campos transforma a maneira como as pessoas interagem com a tecnologia, entre si e com o mundo, não apenas no plano das ideias e do discurso, mas no campo da ação, da vida cotidiana. A MetaReciclagem, enquanto conceito, parece reunir elementos de experimentalismo estético e de experimentalismo comportamental, tendendo a produzir uma contracultura. Nas palavras de um de seus participantes, registradas por Fonseca:

[...] uma outra maneira de utilizar o conceito de resistência. A resistência, segundo Guattari, seria a negação, “eu vou resistir”. A resistência baseada na negação está fundada em um paradigma da física mecânica, da ação e reação. E o outro tipo de resistência que ele propõe é a re-existência, que é a construção de novos espaços de existência. Então, não é que eu sou contra as coisas, que eu quero destruir o Pentium e tal, não, eu quero construir novos espaços de existência porque não dá simplesmente pra gente fazer revolução e derrubar as coisa e tal, porque a lógica é outra e o barato é outro.(FONSECA, 2007, p. 19)

A existência de elementos de uma contracultura, no entanto, não diminui o desafio de manter o equilíbrio entre os aspectos tecnológico, doutrinário e a dinâmica dos participantes, como sublinham Arquilla e Ronfeldt (1996) sobre o paradigma da rede para a cooperação. Recentemente, a qualidade da participação das pessoas e o ambiente on-line foram tema de debate, no qual Fonseca (2009, p. 115) concluiu que:

[...] muitas vezes deixamos de explorar uma diferença essencial: publicar na web, mesmo que com licenças livres, não é colaborar. Pode ser uma colaboração em potencial, mas o mero fato de deixar disponível para compartilhamento não é em si uma ação efetiva de colaboração. Colaborar envolve negociar, engajar-se, assumir responsabilidades, decidir coisas, e principalmente coordenar, no sentido de adaptar os meus recursos e a minha ação ao ambiente, às pessoas que estão participando e aos recursos que elas têm e oferecem. Assim, vou continuar não aceitando as sugestões de

transformar o ambiente online da MetaReciclagem em um mero agregador, que por sinal já existe. E pra quem quiser colaborar, segue o baile. (FONSECA, 2009, p. 115)

4. 5 Análise da apropriação da rede por ações no Brasil

Vale assinalar diferenças entre as táticas utilizadas nas iniciativas brasileiras, assim como os campos de disputa mobilizados por elas.

Nota-se que o MSST e o blog-paródia Falha de São Paulo privilegiam o campo simbólico pelo questionamento de ideias estabelecidas. Enquanto o MSST se concentra na proposta de uma apropriação social de um aparato técnico tão distante, mas tão presente na vida cotidiana como o satélite, o blog atua como uma crítica contra-hegêmica a um único veículo de comunicação. Sua ação ganhou relevância e poder de fogo quando os internautas, espontaneamente, iniciaram movimentos de *swarm* via Twitter.

Segundo a classificação de Denning (2001), ambas as ações estão no espectro do ativismo on-line, ainda que a ação de *culture jamming* do Falha de São Paulo possa também ser interpretada como hacktivismo uma vez que pode ser identificada (e foi pelos advogados do veículo) como uma tentativa de perturbar a operação normal de um site.

Já o projeto “assina: do texto ao contexto” aparece como ação de caráter mais tático, pois opera dentro da lógica constitutiva dos sistemas de busca on-line para produzir resultados inadequados aos objetivos das ferramentas de recuperação de informação. Sua apropriação criativa do campo dos dispositivos técnicos constitui uma espécie de protótipo para futuras intervenções e problematizações sobre o papel e o poder das ferramentas de busca na atualidade.

Por último, a MetaReciclagem revela-se como uma ação ampla, que mobiliza tanto o campo simbólico quanto o campo dos dispositivos técnicos para afirmar-se como ideia e metodologia de apropriação tecnológica para a transformação social que nasce dos novos valores e hábitos construídos e compartilhados por seus participantes.

Abaixo, o quadro 4 apresenta um resumo das quatro ações:

Quadro 4: Ações em mídias táticas no Brasil

Grupo	Tema	Alvo	Tática	Dinâmicas na rede
MSST	Monopólio do uso de aparatos técnicos	Valores estabelecidos sobre o usos possíveis da tecnologia	Reivindicar outra política para uso da tecnologia	Divulgação de uma proposta de mudança cultural frente às reais possibilidade de uma reapropriação social da tecnologia.
Falha de São Paulo	Crítica a cobertura do periódico paulista	Jornal Folha de São Paulo	Criação de versão satírica de seu alvo	Compra de domínio similar ao do alvo e uso ilegal de marca.
Assina: do texto ao contexto	Modus operandi do universo acadêmico	Comunidade acadêmica	Manipulação de ferramentas de busca na Internet	Elaboração de textos falsos, creditados a intelectuais consagrados, criação de publicações on-line que não tem valor real no mundo acadêmico e uso de algoritmos para alterar resultados de busca em ferramentas de pesquisa on-line.
MetaReciclagem	Reapropriação da tecnologia para fins sociais	Valores e comportamentos estabelecidos	Agenciamento coletivo	Transformação de hábitos estabelecidos, socialização de informações e experiências relevantes, adoção de plataformas colaborativas e licenças livres.

Fonte: elaboração própria

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho pretende contribuir para o debate sobre as formas de resistência na atualidade, a partir de uma reflexão sobre as inovações no campo do ativismo político e resistência, ante as novas dinâmicas informacionais e comunicacionais na Internet. Para tal, foca-se nas dinâmicas on-line de informação e comunicação de grupos de mídias táticas no contexto brasileiro de modo a subsidiar uma discussão sobre os limites e as possibilidades da rede mundial de computadores para ações de resistência.

O conceito de mídia tática (LOVINK, GARCIA, 1997) é compreendido neste trabalho, conforme propõe o CAE (s/d), como uma tentativa de nomear uma tendência da convergência dos campos políticos e culturais. Ele é um conceito guarda-chuva, que reúne uma série de práticas políticas que parecem se constituir como inovações no campo político, mas cujas bases podem não ser exatamente inéditos, mas atualizados e revigorados a partir da disponibilidade de novas tecnologias e dos usos inovadores que dela são feitos.

As mídias táticas atuam em dois campos. No simbólico, procuram desautomatizar a percepção, problematizando aquilo que já está naturalizado como prática ou valor social, criando estranhamentos para instalar novos desejos. Já no campo dos dispositivos técnicos que transformam as relações sociais, propõem que a tecnologia seja controlada pelo homem. E não ao contrário.

Na medida em que a atualidade se caracteriza por uma acumulação capitalista centrada nos aspectos imateriais da produção, as redes digitais de informação e comunicação desempenham um papel essencial tanto para as estratégias de poder quanto para as ações de resistência, pois viabilizam a cooperação, a comunicação e a colaboração entre pessoas a nível mundial. Em projetos de poder, elas permitem a realização da produção biopolítica dos trabalhadores e instrumentalizam um controle centralizado e à distância do capital sobre a sua mão-de-obra. Já nas ações de resistência direcionam as forças criativas dos indivíduos para a constituição de uma política alternativa à situação atual.

O panorama das ações de mídias táticas no Brasil é bastante amplo, destacando-se coletivos que realizam intervenções urbanas como meio de problematizar temas relativos a questão da cidade com ações com tom irônico, como o coletivo Filé de Peixe e seu “Monumento pela Descatracalização da Vida”, ou ainda uma atuação mais pungente como o Bijari, a Frente 3 de Fevereiro e “A Televisão não será revolucionada”, vinculados a movimentos sociais que abordam a questão da vida nas cidades e o racismo de Estado.

O levantamento de iniciativas brasileiras demonstra que os grupos de mídias táticas

nacionais realizam com bastante frequência ações diretas em locais de grande circulação em detrimento da Internet. Esta opção vai na contramão dos pressupostos do CAE (2001) de que o ciberespaço deve ser considerado um espaço privilegiado para ações de resistência pelo esvaziamento do espaço urbano como lugar de contestação.

No campo do digital, encontram-se diversas apropriações que exploram as potencialidades da rede. Estas incluem iniciativas da chamada net-arte, que busca sensibilizar e mobilizar o internauta a participar de experiências interativas com o conteúdo de um trabalho on-line; blogs e sites informativos sobre eventos e iniciativas; uso de listas de discussão e ferramentas de troca de mensagens instantâneas, Twitter, Facebook e seus similares livres.

Destaca-se o uso de plataformas eletrônicas, características do ativismo on-line (Denning, 2001), com objetivo de socializar informação relevante sobre causas, promover debates, formar coalizões, planejar e coordenar atividades. Algumas delas são o Centro de Mídia Independente e seu modelo *open-publishing* para comunicação alternativa; o site MídiaTática.info, que reúne informações sobre eventos e ações no campo das mídias táticas; Radiolivre.org, uma plataforma de informações e serviços para ativistas das rádios livres; Sarava.org de desenvolvimento de softwares livres e MetaReciclagem.org, para atuação da rede homônima.

Talvez, aquilo que à primeira vista possa ser interpretado como uma utilização primária das redes digitais, através de táticas de ativismo on-line, represente uma apropriação que não se deixa influenciar pelo fetichismo tecnológico, mas que se baseia na utilidade de um serviço ou solução para alcançar um determinado objetivo. Nota-se um esvaziamento orgânico destes espaços on-line quando perdem sua utilidade prática ou sua meta é concluída ou abandonada.

A sustentabilidade de ações e plataformas on-line por grupos de mídias táticas parece ser problemática, pois carece de recursos humanos e financeiros disponíveis, apoiando-se no investimento de tempo e dinheiro de voluntários, sem qualquer tipo de remuneração ou investimento externo. Além disso, tentativas de cerceamento através de intimação extrajudicial, processos judiciais ou pressão econômica de grupos insatisfeitos com informações veiculadas por ativistas podem inviabilizar o uso da Internet para a divulgação de ideias e mobilização de pessoas. Estes são artifícios usados recentemente contra o blog-paródia Falha de São Paulo, o CMI Brasil e o Wikileaks.

As iniciativas identificadas neste trabalho como pertencentes ao campo do ativismo on-line (DENNING, 2001) brasileiro valorizam políticas colaborativas de produção, expresso na adoção do formato *wiki* e socialização de conhecimento entre indivíduos que compartilham

não apenas informações, mas interesses, práticas e objetivos. A tendência à adoção de formatos livres não se baseia em sua vantagem econômica, mas em valores éticos de uma nova relação com a informação, o conhecimento e a tecnologia no sentido de que há uma "quebra de aura" de todas essas instâncias, tornadas artificialmente instrumentos de poder.

No campo tecnológico propriamente dito, objeto de pesquisa privilegiado deste trabalho, os grupos de mídias táticas no Brasil parecem compartilhar um entendimento de que as capacidades técnicas das tecnologias não determinam os efeitos de sua adoção, mas são transformadas pelos contextos sociais e lógicas de uso criadas pelos usuários nos domínios sociodigitais conforme indica Sassen (2007). Por isso, incensar características como arquitetura descentralizada, multiplicação de emissores, instantaneidade na distribuição da informação, interatividade entre usuários e abrangência mundial torna-se inadequado para compreender os limites e as possibilidades da apropriação social da rede mundial de computadores em ações de resistência.

A Internet em si não faz nada. Quem é capaz de fazer alguma coisa são as pessoas que se apropriam dela, a partir de contextos e lógicas de uso específicos. As pesquisas de Sassen (2004) com redes ativistas e mercados financeiros já indicavam que a apropriação da rede produz efeitos de acordo com o seu contexto de apropriação. Por isso, é importante escapar de um discurso impregnado pelo determinismo tecnológico e avaliar a relação que a humanidade estabelece com a tecnologia. Os indivíduos controlam a tecnologia ou são controlados por ela? Quais são os valores por detrás dos usos?

Estas questões mobilizam o campo simbólico, problematizando o modo de pensar dominante, e tem potencial para introduzir novos valores em um sistema de crenças já naturalizado. A resistência se dá nas atividades mais cotidianas como proposta de mudança de comportamento em relação à tecnologia. Este é o mote da campanha de desintoxicação da Adbusters para aqueles que creem ser impossível desconectar-se da rede e de seus serviços. Recomenda-se abrir mão da checagem constante de e-mail, *twitts* e atualização de status para criar uma relação mais equilibrada com a tecnologia. No Brasil, a ideia de MetaReciclagem, como apropriação social da tecnologia para a transformação social, privilegia a questão da autonomia dos usuários na construção de soluções a partir de suas demandas reais ao invés das impostas pela indústria da informática.

Neste sentido, os protocolos que permitem a troca de informações entre os nós da rede se tornam um ponto-chave neste debate. Na medida em que a Internet também é uma rede de controle (Amadeu, 2010b), a navegação dos usuários deixa "rastros digitais" ao longo da rede, em *backbones*, roteadores e servidores, que compõem um poderoso banco de dados sobre o

comportamento de internautas.

Na perspectiva da repressão de ações consideradas inadequadas, as tentativas governamentais de bloquear o acesso à Internet por cidadãos vivendo em regimes autoritários parece ser apenas uma medida extremada que não corresponde a todo o potencial de uso da rede para objetivos de vigilância e controle. É possível utilizá-la como ferramenta de monitoramento da população, pois há informação pessoal abundante dispersa na rede, especialmente nas chamadas redes sociais. Se blogs pessoais externam interesses, orientação política, desejos de consumo e vínculos, esta visibilidade dos aspectos pessoais dos internautas são potencializados em recursos como “curti” ou vínculo à “causas” no Facebook, por exemplo. Coloca-se então um paradoxo. Quanto mais se publiciza uma posição ou causa, mais exposto está o seu autor.

Em contraposição às críticas sobre o bloqueio do acesso à Internet por governos totalitários, encontra-se um desmesurado elogio a serviços como Facebook e o Twitter como ferramentas que viabilizaram a recente queda de ditadores em todo o mundo. É preciso avaliar quais são os interesses por detrás do discurso que pretende caracterizar tais serviços como oásis da liberdade e terreno fértil para um ativismo baseado em redes sociais. Além disso, vale a pena questionar qual é o potencial de transformação social na mudança de um avatar por um internauta. Ou na adesão a uma causa via Facebook. As mudanças serão conduzidas por uma “revolução do sofá” feita de cliques e não de ações concretas no “mundo real”? Foram cliques ou outros fatores econômicos, políticos e sociais que promoveram a mudança em países totalitários?

Ainda na perspectiva governamental, a Internet pode se tornar um importante instrumento de propaganda. Na China, o 50 Cent Party é responsável pela criação de milhares de perfis de usuário falsos com o objetivo de povoar a blogosfera de *posts* e comentários a favor do governo. Além disso, é sabido que o governo chinês forçou o Google a filtrar resultados de busca. Aqui, revela-se uma combinação perigosa: seleção de conteúdos considerados adequados e produção massiva de propaganda governamental disfarçada como ato espontâneo de internautas.

Assim, é preciso superar os discursos amedrontadores sobre crimes na Internet de modo a impedir que controles técnicos sejam transformados em controles políticos e culturais que serão utilizados tanto por governos como por corporações. E desconfiar dos discursos que, influenciados pelo determinismo tecnológico, afirmam que tais serviços são indiscutivelmente positivos em sua utilização.

Para além da perspectiva da vigilância, Pasquinelli (2009) destaca a emergência de um modelo econômico parasitário, que captura a espontaneidade das relações humanas publicizadas na Internet, para gerar riqueza pela sua capacidade de organizar o dinamismo da produção biopolítica em rede por sistemas de recuperação de informação. Este modelo se materializa justamente em serviços como o Google, Facebook e Twitter. Aqui, o Capitalismo Cognitivo se sofisticou a tal ponto que não produz bens (materiais ou imateriais), mas explora a própria vida dos indivíduos, pela captura, comercialização e definição do valor social de ideias, produtos e serviços a partir das interações espontâneas na rede.

Portanto, a resistência deve criar novas políticas e práticas que emancipem a produção biopolítica de intermediadores que extraem de seus criadores um valor a ser desfrutado por terceiros. O hacktivismo, enquanto junção de uma atitude hacker e do ativismo, deve alcançar um novo patamar que mobilize tanto o campo simbólico quanto o técnico para a reconstrução crítica dos códigos e a criação de inovações que impedem o congelamento da Internet no estágio atual, de gestão e controle, promovendo novos hábitos e formas de pensar em relação à tecnologia e criando formatos livres de circulação de ideias, saberes e pessoas para o florescimento do comum.

6 REFERÊNCIAS

AÇÃO GLOBAL DOS POVOS (AGP) - Principios organizacionales (documento modificado após a Conferência realizada em setembro em Cochabamba). Bolívia, 2001. Disponível em <<http://www.nadir.org/nadir/initiativ/agp/cocha/principios.htm>>. Acesso em 23/02/2011.

AMADEU, Sérgio. Ambivalências, liberdade e controle dos ciberviventes. In AMADEU, Sérgio (Org). Cidadania e redes digitais. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2010. Disponível em <http://www.cidadaniaeredesdigitais.com.br/_pages/artigos_03.htm> Acesso em 01/02/2011.

AMADEU, Sérgio. Liberdade, diversidade e controle na Internet. In Revista Eletrônica de Comunicação Informação e Inovação em Saúde. Rio de Janeiro, v.4, n.4, Novembro, 2010 b. Disponível em <<http://www.reciis.cict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/viewArticle/408/653>> Acesso em 01/02/2011.

ANDRADE, Oswald. Manifesto Antropofágico. Disponível em <<http://www.lumiarte.com/luardeoutono/oswald/manifantropof.html>>. Acesso em 05/08/2010.

ANTOUN, Henrique. *As Lutas da multidão e o futuro da democracia na cibercultura*. Trabalho apresentado ao VII Colóquio Brasil França de Ciências da Comunicação e da Informação da INTERCOM. Disponível em <<http://www.reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/18493/1/R2024-3.pdf>>. Acesso em 10/09/2007.

_____. *De uma teia à outra: a explosão do comum e o surgimento da vigilância participativa*. Disponível em <<http://www.scribd.com/doc/23862417/De-uma-teia-a-outra-a-explosao-do-comum-e-o-surgimento-da-vigilancia-participativa#page1>>. Acesso em 10/09/2007.

_____. *A Multidão e o futuro da democracia na cibercultura*. Disponível em <<http://www.scribd.com/doc/23859873/A-Multidao-e-o-Futuro-da-Democracia-na-Cibercultura-Multitude-and-the-Future-of-Democracy-in-the-Cyberculture>>. Acesso em 13/07/2010.

ARQUILLA, John; RONFELDT, David. The Advent Of Netwar. RAND, 1996. Disponível em <http://translate.google.com/translate?hl=pt-BR&ie=UTF-8&sl=en&tl=pt&u=http://www.rand.org/pubs/monograph_reports/MR789/&prev=t&rurl=translate.google.com.br&twu=1> Acesso em 10/10/2010.

_____. The Advent of Netwar (Revisited) In RONFELDT, David (Org). Networks and Netwars: the Future of Terror, Crime, and Militancy. RAND, 2001. Disponível em <http://www.rand.org/pubs/monograph_reports/MR1382.html>. Acesso em 10/10/2010.

BRAMAN, Sandra. *Defining Tactical Media: An Historical Overview*. (2002) Disponível em <<http://www.nyu.edu/fas/projects/vcb/definingTM/braman2.html>> Acesso em 15/10/2010.

BRASIL, Ministério da Cultura. Linha do tempo da cultura digital no Brasil. Disponível em

<<http://linhadotempo.culturadigital.org.br>>. Acesso em 23/12/2010.

BORDOWITZ, Gregg. *What is Tactical Media?* (2002) Disponível em
<http://www.nyu.edu/fas/projects/vcb/definingTM/bordowitz_gregg.html> Acesso em
15/10/2010.

BRUNET, Karla (Org). *Apropriações tecnológicas: emergência de textos, ideias e imagens do Submidialogia* #3. Disponível em
<http://livros.karlabrunet.com/pdf/livro_submidialogia3.pdf> Acesso em 17/05/2010.

_____. Internet, activismo y tactical media: practicas de resistencia y entusiasmo em Brasil. In *ZEMOS 98, Creación e Inteligencia Colectiva*. Disponível em
<<http://www.zemos98.org/festivales/zemos987/pack/pdf/karlabrunet.pdf>> Acesso em
24/05/2010.

CAETANO, Miguel Afonso Caetano. *Media tácticos: uma introdução crítica ao activismo digital do-it-your-self*. Disponível em <http://www.virose.pt/vector/b_12/caetano.html>
Acesso em 07/12/2009.

CAETANO, Miguel Afonso. *Tecnologias da resistência: transgressão e solidariedade nos media tácticos*. Dissertação de Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Portugal: 2006
Disponível em: <http://pub.descentro.org/midia/tecnologias_de_resistencia.pdf> Acesso em
15/02/2010.

CRITICAL ART ENSEMBLE. *Distúrbio Eletrônico*. São Paulo: Conrad Editora, 2001

_____. *Framing tactical media*. (sem data). Disponível em
<<http://www.tacticalmediafiles.net/article.jsp?jsessionid=03F3496C9398670A303681D10117CDB9?objectnumber=38003>> Acesso em 05/03/2010.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. São Paulo: Editora Vozes, 1994

COCCO, Giuseppe; GALVÃO, Alexander Patez; SILVA, Gerardo (Org). *Capitalismo cognitivo: trabalho, redes e inovação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

COLETIVO CONTRA FILÉ. *Portfolio*. Disponível em
<http://www.ccespana.cl/cce09/micrositios/2009/junio09/desc/portifolio_contrafile.pdf>.
Acesso em 27/01/2011.

DA SILVA, Cícero Inácio. *Plato On-line: nothing, science and technology*. São Paulo: All Print, 2004. Disponível em <<http://www.witz.com.br/backupCS/plato.pdf>> Acesso em
25/05/2010.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997

DEBORD, Guy Debord; WOLMAN, Gil. *Métodos de Détournment*. Artigo publicado originalmente no jornal belga Les Lèvres Nues#8, maio de 1956. Disponível em Inglês em
<<http://www.bopsecrets.org/SI/detourn.htm>> Acesso 15/09/2010.

DELEUZE, Gilles. Um Novo Cartógrafo (Vigiar e Punir). In DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DENNING, Dorothy E., *Activism, hacktivism and cyberterrorism: the Internet as a tool for influencing foreign policy*. In RONFELDT, David (Org). Networks and Netwars: the Future of Terror, Crime, and Militancy. RAND, 2001. Disponível em <http://www.rand.org/pubs/monograph_reports/MR1382.html>. Acesso 02/02/2011

DESCENTRO. *Caderno Submidiático #2 - Autonomia? Conceito? Liberdade?* Disponível em: <http://pub.descentro.org/cadernos_submidiatico_2_autonomia_porra> Acesso 17/01/2011.

DESCENTRO. *Caderno Submidiático #3 - Vizinhanças: Deli e Acre*. Disponível em: <http://pub.descentro.org/caderno_submidiatico_3_vizinhancas_deli_acre> Acesso em 17/01/2011.

DESCENTRO. *Caderno Submidiático #4 - Redes e Rizomas*. Disponível em: <http://pub.descentro.org/caderno_submidiatico_4_redes_e_rizomas> Acesso em 17/01/2011.

DESCENTRO. *Caderno Submidiático #5 - Mídia-arte - Inte[g]rações*. Disponível em: <http://pub.descentro.org/caderno_submidiatico_5_midia_arte_inte_g_racoes> Acesso em 17/01/2011.

DESCENTRO. *Caderno Submidiático #6 - Ciclo Gambiarra*. Disponível em: <http://pub.descentro.org/caderno_submidiatico_6_ciclo_gambiarra> Acesso em 17/01/2011.

DESCENTRO. *Caderno Submidiático #8 - Revista Submidialogia #3*. Disponível em: <http://pub.descentro.org/wiki/caderno_submidi%C3%A1tico_8_revista_submidialogia_3> Acesso em 17/01/2011.

DESCENTRO. *O que é o DesCentro e como surgiu?* Publicado em 29/11/2008. Disponível em <http://pub.descentro.org/livro/o_que_%C3%A9_o_descentro_como_surgiu> Acesso em 27/08/2010.

DIMANTAS, Hernani. *Linkania - a sociedade da colaboração*. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social, PUC-SP, 2006. Disponível em <http://weblab.tk/sites/default/files/bibliografia/linkania_hernani_mestrado.pdf>. Acesso em 18/07/2010.

FONSECA, Felipe. Em busca do Brasil profundo. *Cadernos submidiáticos*, v. 7, março, 2008. Disponível em <http://pub.descentro.org/caderno_submidiatico_7_em_busca_do_brasil_profundo>. Acesso em 15/05/2010.

_____. *Metáfora 1.0*. (sem data). Disponível em <http://philipe.files.wordpress.com/2007/09/livro_metafora1.pdf> Acesso em 18/12/2010.

_____. (Org). *Primeiro Mutirão da Gambiarra: história e histórias da Metareciclagem*. São Paulo, 2009. Disponível em <http://mutirao.metareciclagem.org/sites/mutirao.metareciclagem.org/files/mutirao_01_beta>

[2.pdf](#)> Acesso em 18/12/2010.

_____. Software Livre e Mídia Tática. In *ComCiência*, revista eletrônica de jornalismo científico, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC. Disponível em <<http://www.comciencia.br/200406/reportagens/17.shtml>> Acesso em 22/02/2011.

_____. *Caderno Submidiático #1 - Teoria, Cadê?* Março, 2007. Disponível em: <http://pub.descentro.org/caderno_submidiatico_1_teorias_cade>. Acesso em 17/01/2011.

FONSECA, Felipe et all. *Livro Verde da MetaReciclagem*. Publicado em 12 de julho de 2006. Disponível em <<http://rede.metareciclagem.org/material/LivroVerde/LivroVerde-20060712.pdf>> Acesso em 23/11/2010

FONSECA, Felipe; FREIRE, Alexander; FOINA, Ariel. O Impacto da sociedade civil (des)organizada: os articuladores e software livre no projeto dos Pontos de Cultura do MinC. In ROSAS, Ricardo; VASCONCELLOS, Gisele. (Org). *Net_cultura 1.0: digitofagia*. São Paulo: Radical Livros, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos*, volume 5. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2006.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2007.

_____. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GALLOWAY, Alexander. Qual o potencial de uma rede? In AMADEU, Sérgio (Org). *Cidadania e redes digitais* São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2010. Disponível em <http://www.cidadaniaeredesdigitais.com.br/_files/004galloway.pdf> Acesso em 13/10/2010.

GARCIA, David. Critiquing Autolabs. 2005. In Revista Mute, 2005. Disponível em <<http://www.metamute.org/en/html2pdf/view/6795>>. Acesso em 19/11/2010.

GIBSON, William. *Neuromancer*. São Paulo: Editora Aleph, 2008. Disponível em <http://www.4shared.com/document/atwMdYqG/William_Gibson_-_Neuromancer.htm> Acesso em 13/01/2011.

GONÇALVES, Fernando Nascimento. *Poéticas políticas, políticas poéticas: comunicação e sociabilidade nos coletivos artísticos brasileiros*. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/459/428>. Acesso 23/09/2010.

GONÇALVES, Fernando Nascimento. *Resistência nômade: arte, colaboração e novas formas de ativismo na rede*. Disponível em <http://www.compos.org.br/files/08ecompos09_FernandoGoncalves.pdf> Acesso 30/09/2010.

GOHN, Maria da Glória. *Teorias dos Movimentos Sociais*. São Paulo: Edições Loyola, 2004

GORZ, André. *O Imaterial: conhecimento, valor e capital*. São Paulo: Annablume, 2005

GRASSMUCK, Volker. *Tactical Media in Brazil - Submidialogia conference report* (sem data). Disponível em <http://pub.descentro.org/tactical_media_in_brazil_-_submidialogia_conference_report_by_volker_grassmuck> Acesso em 05/01/2011.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Império*, Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. *Multidão*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. *Commonwealth*. Cambridge, Massachussets: The Belknap Press of Harvard University, 2009

INTERNACIONAL SITUACIONISTA. *Situacionista: teoria e prática da revolução*. São Paulo: Conrad Editora, 2002 (Coleção Baderna)

KLEIN, Naomi. *Sem logo, a tirania das marcas em um planeta vendido*. Rio de Janeiro: Record, 2002

LARA, Paulo José Olivier Moreira. *Fragmentos das táticas da cultura: técnica e política dos usos de mídia*, Dissertação de mestrado em Sociologia. São Paulo: Unicamp, 2008. Disponível em <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=000468151>>

LEMONS, André. *Cibercultura e a Era da Conexão*. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1465-1.pdf>> Acesso em 07/09/2009.

LOVINK, Geert. Atualizando a mídia tática. *Estratégias de midiativismo* In: MACIEL, M.L.; ALBAGLI, S. *Informação, conhecimento e poder: mudança tecnológica e inovação social*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

_____. *Media activism and tactical media in web 2.0 and social networks age*. Palestra proferida no painel 2, “O campo de forças informacional e as novas relações de poder: atores, espaços e governança”, do Seminário Internacional “Informação, Poder e Política: novas mediações tecnológicas e institucionais, realizado pelo Laboratório Interdisciplinar em Informação e Conhecimento – Liinc, nos dias 15 a 17 de abril de 2009, Rio de Janeiro.

_____. LOVINK, Geert. Mídia tática, a segunda década. In: ROSAS, Ricardo; VASCONCELLOS, Gisele. *Net cultura 1.0: Digitofagia*. São Paulo, Radical Livros, 2006 Disponível em <<http://www.4shared.com/get/88105497/5dd7206/DIGITOFAGIA.html>> Acesso em 01/02/2010.

_____. *The society of the query and the Googlization of our lives*. Publicado no site Eurozine em 05/09/2008. Disponível em <http://www.eurozine.com/articles/2008-09-05-lovink-en.html>. Acesso em 05/01/2011.

LOVINK, Geert; SCHNEIDER, Florian. *The ABC of Tactical Media*. Publicado em 16 /maio/1997 na lista de discussão Net.time Disponível em <<http://www.nettime.org/Lists-Archives/nettime-l-9705/msg00096.html>> Acesso em 23/02/2010.

_____. *The DEF of tactical media*. Publicado em 22 /fevereiro/1999 na lista de

discussão Net.time. Disponível em <<http://www.nettime.org/Lists-Archives/nettime-l-9902/msg00104.html>>. Acesso em 23/02/2010.

_____. *El GHI de los medios tácticos*. Disponível em <<http://www.uoc.edu/artnodes/espai/esp/art/broeckmann0902/broeckmann0902.html>>. Acesso em 23/02/2010.

_____. *Un mundo virtual es posible*. de los medios tácticos a las multitudes digitales, 2003. Disponível em <<http://www.uoc.edu/artnodes/???/html>>. Acesso em 23/02/2010.

LUDD, Ned (Org). *Urgência das ruas: Black blocks, Reclaim the Streets e os Dias de ação global*. São Paulo: Conrad Editora, 2002 (Coleção Baderna)

MAZZETI, Henrique. *Ativismo de Mídia: Arte, política e tecnologias digitais*. Disponível em <http://www.pos.eco.ufrj.br/publicacoes/mestrado/disserta_hmazetti_2008.zip> Acesso em 10/10/2010.

_____. *Ativismo midiático, redes sociais e novas tecnologias de informação e comunicação*. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2007/resumos/R0688-2.pdf>> Acesso em 15/10/2010.

NEGRI, Antonio. *A Constituição do Comum*. Conferência Inaugural do II Seminário Internacional Capitalismo Cognitivo – Economia do Conhecimento e a Constituição do Comum. 24 e 25 de outubro de 2005, Rio de Janeiro. Organizado pela Rede Universidade Nômade e pela Rede de Informações para o Terceiro Setor (RITS). Disponível em <<http://www.scribd.com/doc/49116770/a-constituicao-do-comum-traducao>> Acesso em 17/08/2010.

ORTELLADO, Pablo. Plano resumido para Autolabs - Contexto institucional. In: ROSAS, Ricardo (Org). *Guia de navegação findEtático, a finalização dos Autolabs*. 2004. Disponível em <<http://finde.midiaticas.info/guia.pdf>>

PASQUINELLI, Matteo. Google's PageRank Algorithm: A Diagram of Cognitive Capitalism and the Rentier of the Common Intellect. In: BECKER, Konrad; STALDER, Felix. *Deep Search*. London: Transaction Publishers, 2009. Disponível em <http://matteopasquinelli.com/docs/Pasquinelli_PageRank.pdf>. Acesso em 11/02/2011.

REVEL, Judith. *Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005

RICHARDSON, Joanne Richardson. *The Language of Tactical Media*. Disponível em <http://subsol.c3.hu/subsol_2/contributors2/richardsoncontext2.html> Acesso em 01/02/2010.

RICHARDSON, Joanne Richardson. *Whose Rizome is it?*, 2005. Disponível em <<http://mokk.bme.hu/centre/conferences/reactivism/FP/fpJR>>. Acesso em 5/12/2009

RYOKI, André; ORTELLADO, Pablo. *Estamos vencendo! Resistência global no Brasil*. Conrad Editora, 2004 (Coleção Baderna)

ROSAS, Ricardo. Gambiarra. In: HARA, Helio (Org). *Caderno SESC Videobrasil 02 - Art Mobility Sustainability*. São Paulo: Sesc São Paulo, 2006. Disponível em <http://www2.sescsp.org.br/sesc/videobrasil/up/arquivos/200611/20061117_160212_CadernoVB02_p.36-53_P.pdf>. Acesso em 27/04/2010.

_____. (Org) *Guia de navegação findEtático, a finalização dos Autolabs*. 2004. Disponível em <<http://finde.midiaticas.info/guia.pdf>> Acesso em 09/09/2009.

_____. *Back to Basics: The Revenge of Low-Tech*, a report from the TML Brazil. 2003 Publicado no site do N5M4 em 26 de abril de 2003. Disponível em <<http://www.n5m4.org/journal96f3.html?118+3174+3905>>. Acesso em 29/04/2010.

_____. Notas sobre o coletivismo artístico no Brasil In: *Trópico* (sem data). Disponível em <<http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/2578,1.shl>>. Acesso em 22/06/2010.

_____. The Revenge of Low-tech: Autolabs, Telecentros and Tactical Media in São Paulo. In: *Sarai Reader 2004: Crisis/Media*, 2004. Disponível em <<<http://www.sarai.net/publications/readers/04-crisis-media/55ricardo.pdf>> Acesso em 03/09/2010.

ROSAS, Ricardo; VASCONCELLOS, Gisele. (Org). *Net_cultura 1.0: digitofagia*. São Paulo: Radical Livros, 2006. Disponível em <<http://www.4shared.com/get/88105497/5dd7206/DIGITOFAGIA.html>> Acesso em 01/02/2010.

SASKEN, Sassia. A construção do objeto de estudo digitalizado. In: *Informação e desenvolvimento: conhecimento, inovação e apropriação social*. MACIEL, Maria Lucia; ALBAGLI, Sarita (Org). Brasília: IBICT, UNESCO, 2007

SASKEN, Sassia. *Electronic markets and activist networks: the weight of social logics in digital formations*. Princeton University Press; 2004. Disponível em <<http://www.columbia.edu/~sjs2/PDFs/webpage.ElectronicMarkets.pdf>>. Acesso em 29/06/2010.

SODRÉ, M. *Antropológica do Poder, uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

STALDER, Felix; HIRSCH, Jesse. Open Source Intelligence. In: *First Monday*, volume 7, number 6 (June 2002), disponível em <<http://amsterdam.nettime.org/Lists-Archives/nettime-l-0206/msg00030.html>>. Acesso em 23/02/2011.

SZANIECKI, Bárbara. *Estética da Multidão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007

SOCIETY OF THE QUERY. *Final Report*. Disponível em <http://networkcultures.org/wpmu/query/files/2011/01/eindverantwoordingSotQ_voorwebsite.pdf> Acesso em 10/02/2011.

SPYER, Juliano. *Entrevista com Ricardo Dominguez, um dos fundadores do Movimento Zapatista no ciberespaço*. Publicada no blog Não Zero em 17 de setembro de 2009.

Disponível em <<http://www.naozero.com.br/entrevista-ricardo-dominguez>> Acesso em 13/03/2010.

STALDER, Felix. *30 Years of Tactical Media*. Publicado em 08/02/2009. Disponível em <<http://www.nettime.org/Lists-Archives/nettime-l-0902/msg00014.html>>

SUBMIDIALOGIA. *Submidialogia, uma conferência no mínimo diferente*. Programa da 1ª edição, realizada em Campinas, 2005. Disponível em <http://pub.descentro.org/midia/programa_em_pdf.pdf> . Acesso em 20/08/2010.

TARIN, Bruno. Movimento dos Sem Satélite. In: *Global Brasil, revista nômade*, edição 13, novembro, 2010. Disponível em <<http://www.revistaglobalbrasil.com.br/?p=553>> . Acesso em 02/12/2010.

THOREAU. David Henry. *Desobediência civil*, 1894. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000019.pdf>> Acesso em 12/11/2010

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE SÃO PAULO, 29ª Vara cível de São Paulo, Fórum Central Cível João Mendes Júnior. *Processo: 583.00.2010.184534/0000000-0000*. Ação da Empresa Folha da Manhã S/A contra Mario Ito Bocchini, 2010. Disponível em <http://desculpeanossafalha.com.br/wp-content/uploads/2010/10/processo_folha.pdf> Acesso em 21/11/2010.

VASCONCELOS, Giseli. Plano resumido para autolabs. In: ROSAS, Ricardo (Org). *Guia de navegação findEtático, a finalização dos Autolabs*. 2004. Disponível em <<http://finde.midiatatica.info/guia.pdf>> Acesso em 04/04/2010.

VELOSO, Adriana Meireles. *Letramento midiático e digital: prática educativa com base na cultura e comunicação*. Monografia do curso de Jornalismo. Belo Horizonte: 2008. Disponível em <<http://pub.descentro.org/midia/letrametodigitalemidiatico.pdf>> Acesso em 27/08/2010.

VIEIRA, Evaldo. *O que é desobediência civil*. São Paulo: Abril Cultural Brasiliense, 1984.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem (e outros ensaios de antropologia)*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002

WARK, McKenzie. *Strategies for Tactical Media*. (Sem data). Disponível em <<http://www.tacticalmediafiles.net/article.jsp?objectnumber=46245>> Acesso em 09/10/2010.

WEINENBERG, David. *Why Open Spectrum Matters?* Disponível em <http://www.greaterdemocracy.org/framing_openspectrum.html> Acesso em 01/12/2010.

WELLS, Tatiana. Realização, ato de tornar efetivo. In: ROSAS, Ricardo (Org). *Guia de navegação findEtático, a finalização dos Autolabs*. 2004. Disponível em <<http://finde.midiatatica.info/guia.pdf>> Acesso em 04/04/2010.

WELLS, Tatiana; RUIZ, Ricardo. (Org). *Digitofagia. Cook book*, 2006. Disponível em <<http://www.docstoc.com/docs/10057283/Digitofagia-Cook-book>> Acesso em 04/04/2010.

Links consultados

Ação Global dos Povos – AGP

- Site (redirecionado) - <http://www.nadir.org/nadir/initiativ/agp/pt/index.htm>
- Manifesto da AGP (modificado em Cochabamba) - <http://www.nadir.org/nadir/initiativ/agp/pt/manifesto.htm>

Ação Provos

- Blog Ações Provocativas - <http://prov0saction.blogspot.com>
- Zine O Poste, publicação do CMI. Belo Horizonte - 18 de outubro a 02 de novembro de 2002 - <http://brasil.indymedia.org/media/2003/02/248744.pdf>
- Qual é a ideia do ProvOS? - <http://www.midiaindependente.org/pt/red/2002/10/37676.shtml>
- Wikipedia, verbete Provos (Português) - <http://pt.wikipedia.org/wiki/ProvOS>
- Wikipedia, verbete Provo (Inglês) - http://en.wikipedia.org/wiki/Provo_%28movement%29

Ad busters

- Digital Detox Campaign - <http://www.adbusters.org/campaigns/digitaldetox>

Assina: do texto ao contexto

- Cícero Inácio da Silva - <http://www.cicerosilva.com>
- Plato On-line: <http://www.witz.com.br/backupCS/plato.pdf>
- Beiguelman, Gisele. F for fake: <http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/2491,1.shl>
- “Revista” Semiology Semiotique - <http://semilogiesemiotique.tripod.com/textes.htm>

Autolabs

- Autolabs - São Paulo - Brasil. Disponível em <http://autolabs.midiatatica.info/>
- ConecTAZ Autolabs - <http://rede.metareciclagem.org/conectaz/Autolabs>
- FinEtático - <http://wakka.midiatatica.info/EncerramentoAutolabs>
- Wakka Autolabs - <http://wakka.midiatatica.info/AutoLabs>

Critical Art Ensemble

- Site - <http://www.critical-art.net>

Cyberfeminismo

- UNESCO. Recomendaciones para el uso no sexista del lenguaje - <http://unesdoc.unesco.org/images/0011/001149/114950so.pdf>
- Rede Mulher de Educação. Linguagem Inclusiva - http://www.redemulher.org.br/Linguagem_inclusiva.htm
- Blog Drica Veloso. Bricolando de ser estar linguagem inclusiva - <http://dricaveloso.wordpress.com/2010/04/22/bricolando-ser-estar-linguagem-inclusiva/>
- Interface g2g - <http://www.interfaceg2g.org/fabiborges>
- Carnaval Eclético Tech - <http://wakka.midiatatica.info/wikka.php?wakka=CarnavalecleticoTech>

DesCentro

- Site - <http://pub.descentro.org/>

Digitofagia

- <http://digitofagia.midiatatica.info/>

Eletronic Disturbance Theater – EDT

- Sobre ação de 10 de Abril - <http://www.thing.net/~rdom/ecd/April10update.html>
- 1998 Tactical Theater Schedule - <http://www.thing.net/~rdom/ecd/ecd98.html>
- Sobre Flood.Net - <http://www.thing.net/~rdom/ecd/floodnet.html>
- The Electronic Disturbance Theatre -

Disponível em <http://archives.openflows.org/hacktivismo/hacktivismo00945.htm>

etoy versus Etoy

- Etoy - <http://www.rtmk.com/etoymain.html>
- Wired, E-Riots Threaten Toys.com. Publicado em 15/12/1999 - <http://www.wired.com/politics/law/news/1999/12/33111?currentPage=3>
- Toywar - <http://history.etoy.com/stories/entries/49/index.html>

Falha de São Paulo

- Falha de São Paulo – www.falhadespaulo.com.br
- Folha de São Paulo – <http://www.folha.uol.com.br>
- Desculpe a nossa falha – www.desculpaanossafalha.com.br
- Gerador de manchetes da Falha de São Paulo – www.falha.co.cc
- Notícia “Juiz proíbe que Simão fale de Juliana Paes” - <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=546ASP015>
- Arquivo da Falha, criado anonimamente após o caso de censura ao blog paródia - <http://falhadespaulo.tumblr.com/>
- Petição on-line "Pela liberdade de expressão e o direito à informação, contra a perseguição ao Wikileaks, ao FALHA de S.Paulo e ao CMI". Disponível em <http://www.petitiononline.com/wlBrasil/petition.html>

Festival Mídia Tática Brasil

- Mídia Tática - <http://mtb.midiatatica.info/>
- Midia tatica Wakka: MidiaTatica - <http://wakka.midiatatica.info/MidiaTatica>
- Manifesto Que venha a Mídia Tática! - http://midiatatica.info/in_manifesto.htm

Frente 3 de fevereiro

- Site - <http://www.frente3defevereiro.com.br/>

Gambiarras

- Festival Gambiólogos - <http://www.gambilogos.com/>

Listas de discussão

- Digitofagia - <http://lists.riseup.net/www/info/digitofagia>
- Submidialogia - <http://lists.riseup.net/www/info/submidialogia>
- Mídia Tática Brasil - <https://lists.aktivix.org/mailman/listinfo/midiatatica>

MetaReciclagem

- Site - <http://rede.metareciclagem.org/>

Movimento dos Sem Satélite – MSST

- Site do MSST - <http://devolts.org/msst/>

- Documentário sobre o satélite bolinha - <http://www.youtube.com/watch?v=veDZfejpbs8>
- Menção na comunidade n-1 - <https://n-1.cc/pg/groups/36140/msst/>
- VIANNA, Bruno. Cafuné (versão 73min) - <http://www.overmundo.com.br/banco/cafune-versao-73min>
- VIANNA, Bruno. Cafuné na rede - <http://www.overmundo.com.br/overblog/cafune-na-rede>

Rádiolivre.org

- Site - <http://www.radiolivre.org/>

Recicle um Político

- Recicle1politico.midiatatica.org - Meme #42. - <http://prov0saction.blogspot.com/2004/10/recicle1politicomidiataticaorg-meme-42.html>

®Tmark

- GWBush.com - <http://www.rtmark.com/bush.html>
- Initial GwBush press release - <http://www.rtmark.com/bushpr.html>

Saravá.org

- Site - <http://sarava.org>

Submidialogia

- Submidialogia 3 - <http://submidialogia3.descentro.org/>
- Submidialogia 4 - <http://submidialogia4.descentro.org/>
- Submidialogia 5 - <http://submidialogia5.descentro.org/>
- Submidialogia 10 - <http://submidialogias.descentro.org/petrobras/>

Yes Men Project

- Dow Ethics (site falso) - <http://www.dowethics.com/>
- Dow - <http://theyesmen.org/hijinks/dow>
- Dow explains Bhopal - <http://www.rtmark.com/dowpr.html>